



Excursão pedagógica do IEMG à CELUSA, Itapura e Rio Tietê, 22.10.1965 – Danilo, Cortezzi, Zilah, Aristides, Jorge Muce, Cláudio, Carlos Sérgio, Jamil Kfourri, Giovinazzo, R. Arantes



Excursão IEMG – Gruta de Mirassol, 14.10.1966 – Casseb, Reginaldo G. Coelho, Sinibaldi, Antônio Hélio, Aristides, Paulo Gastão, Luiz Américo, Pellegrini, Cortezzi, Erasmo, Antonio Danilo

Confirma Kaiser, muito tempo depois: “Naquela noite demos de cara com Lúcio Malzone e equipe. Sentimos então a necessidade de um semáforo para disciplinar o trânsito”. Espero que estas revelações não sirvam para cassação de nenhum diploma, penso comigo. Kaiser é detalhista: “Numa dessas incursões noturnas pelo IEMG, perguntei ao Erasmo se eu merecia um dez a lápis na caderneta de dona Odete. Ele disse ‘nove está bom’. E eu obedeci.”

“Certa vez entramos sorrateiramente no auditório”, prossegue Erasmo relatando as peripécias. “Estava Miguel Moreno, que chegou a presidente do Grêmio, e outro de cujo nome não me lembro. Tocou-se piano, bebemos vinho doce (argh!) comprado no bar da esquina em frente à Igreja. Acho que gostávamos de coisas assim só porque era coisa errada. Ficou também em minha memória a figura do Paraíba (Itapoan), que um dia, depois da aula da dona Tita, comentou com o Kaiser: ‘Kasis, não entendi nada desse negócio de logaríssimo’.”

Nosso velho amigo vai retirando coisas do baú: “Com a ditadura militar iniciávamos o colegial, em 1964. Tempo do professor Aécio, de Educação Física e suas aulas no clube Palestra (ou era Aristeu Dantas?), dos desfiles de Sete de Setembro, dos professores Sylvia, Geisa, Tita, Nair, Serrinha, Nogarotto, Amaury, Lúcio, Odete, Daud, Ricieri. Ao clube dos Bancários, a gente gostava de ir mais para apreciar o conjunto que tocava, do que para dançar.”

Em 1965, o que marcou Erasmo, além do Natal que foi passar na casa do Cavalini¹⁷⁶, as reuniões na casa dos Carareto, nossas serenatas, as bebericações de adolescente, nossa excursão para o Salto de Itapura. “Em 1966, quando fizemos o 3º Científico, tínhamos aula perto do Campo do América, na Santa Cruz, para reformarem o Instituto. Pegávamos o ônibus da Santa Luzia ali na Independência. Quando voltamos ao IEMG, nossas aulas eram no laboratório de Biologia, onde havia o Euzébio, aquele esqueleto que vivia com um cigarro na boca, e que vestíamos cada semana com uma roupa diferente”, declara.

“Nossa excursão ao Rio foi um acontecimento incrível. O pessoal saindo pelado pelos corredores da Casa do Estudante, na Lapa. Antônio Hélio¹⁷⁷ jogando ovo de passarinho na cabeça do Pellegrini¹⁷⁸ que, após o incidente, queria ir à forra ‘pra matar ou pra morrer’. As palhaçadas do Dublin. Recordo-me de quando fomos à casa de suas tias¹⁷⁹ no Meyer? Em Rio Preto, nossa festa de ‘formatura’ na churrascaria Cabana foi excelente...” Sérgio Baffi assim se reportaria a essa mesma viagem ao Rio: “Em 1966, você me convidou para a excursão memorável de sua classe, que aliás você organizara. Na Casa do Estudante, uma eletrola repetia a toda hora o *hit* da época *The More I See You*. Você e Altino marcaram encontro com o ex-baterista dos *Asteróides*, o Demair, em um restaurante da Avenida Rio Branco. E lá fomos nós, um pequeno grupo. Muita festa, lembranças, enquanto alguns degustavam lasanha, o papo rolava solto.

¹⁷⁶ José Urbano Cavalini, fazendeiro, engenheiro civil.

¹⁷⁷ Antônio Hélio Vieira de Rezende Pinto, médico.

¹⁷⁸ Luiz Francisco Pellegrini, arquiteto, nascido aos 14.06.1947, em Monte Aprazível, SP.

¹⁷⁹ Rua Flack, 144 - Meyer. Tia Sarah Cordeiro Macedo e tia Pequeninina. Tinham uma fábrica de gravatas.



Rio Preto/Rio de Janeiro, 27.10.1966 – Excursão IEMG

Domingos Sinibaldi Sobrinho, Waldir Cortezzi, José Emídio Abraão, Antônio Hélio Vieira de Rezende Pinto, Clóvis Alberto P. Sabella, Waldeluir Dublin Sacchetin, Altino, Erasmo Renesto, Aristides Coelho Neto



Excursão IEMG ao Rio – Museu Nacional, 28.10.1966 – José Emídio, Altino, Regina Gomide, Antônio Hélio, Aristides, Cinira, Dublin, Erasmo, Odair, Ana Maria, Sabella, Sérgio Baffi, Pellegrini, Cortezzi

Dia seguinte, agenda cheia, pontos turísticos a serem visitados e a turma da lazanha mais preocupada em saber se existiam banheiros no nosso roteiro. Que sufoco!”

Mergulhando no passado, Erasmo, que não acreditava na sua memória, fala do comércio. “Casa Bueno, Combate, Rignani, Americanas, Regente, Regional Clipper, Peri, Arrastão, Bambina, Pilão, Kiberama, A Delícia, padaria Super Pão, onde nos reuníamos às vezes. O primeiro supermercado de Rio Preto foi o Serv-Lev (hoje Lusitana, pelo menos até uns anos atrás). O ‘quente’ era ter um fusca ou um gordini.” Dos nomes que vira em meu sumário, Erasmo comenta: “Murilo Toledo se suicidou, segundo meu irmão¹⁸⁰. Não me esqueço do Zuza¹⁸¹, que apelidávamos boca-de-galocha, que junto com a Christina, minha esposa, foram defender Rio Preto no *Cidade Contra Cidade*. Ari, sugiro que você retrate como as grandes mudanças dos anos 60 se refletiram em Rio Preto. Somos de uma geração privilegiada, porque ninguém assistiu a tantas mudanças e movimentos que marcaram a humanidade: os *hippies*, os Beatles, a bossa nova, a Jovem Guarda, os anticoncepcionais, os golpes militares em represália à ameaça do socialismo etc.”

Em 18.12.1998, Erasmo já tendo contato com o texto que eu produzira com base em sua carta, prosseguiria.

“Quando eu e Kaiser íamos às Lojas Peri ouvir *jazz*, eu tinha plena convicção de que não conhecia nada de *jazz*. Kaiser dizia que entendia. Apresentou-me a discos de músicos famosos com Dave Brubeck, Gerry Mulligan, Ella Fitzgerald, Thelonious Monk, Stan Getz e outros. Aos poucos, foi despertando em mim o desejo de ser músico (o que nunca consegui) e então passei a estudar violão clássico com o José Rastelli.

“Quanto ao título do seu livro que, entre tantas coisas, fala da ascensão e queda d’*Os Asteróides*, penso que você deveria por um título que atraísse mais o leitor¹⁸². Pensei em vários mas não consegui nenhum bom. A palavra *Asteróides* deve ser evitada no título para ninguém pensar que se trata de um livro de Astronomia.

“Na nota de rodapé em que você explica o que é asteróide, acrescente que quer dizer “semelhante a uma estrela”. O sufixo -óide significa ‘semelhante a’ ou ‘parecido com’. Daí os termos andróide (semelhante a um homem), antropóide (semelhante aos seres humanos), reumatóide (semelhante ao reumatismo), opióides (drogas com efeitos semelhantes ao ópio) e asteróide (semelhante a uma estrela). Acho também que você deveria dizer com mais detalhes o que ocasionou o fim dos *Asteróides*, o que não ficou bem claro.

“Nunca notei que tivesse um ombro mais alto. Mas acho que você tem razão. Um dia o Dr. Elcio Werneck da Faculdade de Medicina de Rio Preto, professor de Anatomia, nos disse que a gente cresce alternando os lados. Crescemos um pouco de um lado e depois do outro. O lado que crescer por último fica um pouco maior. Existe aquela do cara que foi engraxar sapatos, e enquanto o engraxate acrescentava um brilho ao seu pisante, comentou:

¹⁸⁰ Osmar Renesto.

¹⁸¹ José Beolchi Neto.

¹⁸² À época era *Um Diário, Um Pretexto*.

— Interessante! Todo mundo que vem engraxar o sapato comigo tem um pé maior que o outro! – ao que o sujeito respondeu:

— Pois é. Eu sou o contrário. Eu tenho um pé menor que o outro.

“A questão do acidente cármico de 24.08.1960”, prossegue Erasmo, “foi abordada no livro organizado por Caio Ramacciotti, *Vida no Além*, da GEEM, de 1980. Nesse livro, ele cita a mensagem de William José Guagliardi, psicografada pelo Chico Xavier e de uma senhora que o acompanhava (Maura Araújo Javarini). Além disso, cita mensagens de Hilário Sestini, Germano Sestini e do Dr. Orlando Van Erven Filho, que era espírita e psiquiatra no Bezerra de Menezes, onde o Marco Aurélio (filho dele) e o Altino trabalham. Se você não encontrar o livro, eu lhe mando uma cópia. Ele não diz que os estudantes eram os católicos da Noite de São Bartolomeu, reencarnados em Rio Preto. Essa revelação veio de minha sogra¹⁸³, que teria ouvido em uma reunião mediúcnica. Quem lhe passou essa informação lhe disse para ler ‘*Nas Voragens do Pecado*’, de Ivone Pereira, onde ela poderia encontrar muitas coisas sobre seu passado.”

Convém uma observação sobre os misteriosos desígnios da Providência que envolvem tais acidentes. Os estudantes perderam suas vidas num rio que nem cobria o ônibus, uma lâmina d’água, segundo se diz. Edilberto Moraes Barbosa¹⁸⁴ teve a sorte de ficar no ônibus das meninas. Jorge Ferrari Ferreira¹⁸⁵, nadador, que nem era da fanfarra, passou do ônibus das garotas para o dos meninos inexplicavelmente e foi-se. Juntou-se aos outros 58.

De volta ao Erasmo, para finalizar sua participação: “Quanto ao Serrinha, eu o conheci como professor de Ciências. Não sei se era também de Geografia. Para mim, Neusa quem dava Geografia. Serrinha dava aula de terno, com as calças que iam até o peito, presas por suspensórios. Formava saliva branca nos cantos da boca. A Vera Lígia Benfatti, que você cita, era prima em segundo grau da Christina. As mães são primas.”

Foi no sábado à tarde, 29.01.2000, que nos reunimos na casa do Dublin¹⁸⁶, na Redentora. Ele, eu, Kaiser¹⁸⁷ e Irineu Maia¹⁸⁸. O encontro tinha um tema definido – Instituto de Educação. A conversa animada rendeu enxertos vários nestes relatos.

A risada espontânea, com sabor de adolescência, do sempre bem-humorado Dublin sucede cada caso que lhe vem à memória: “Em 1964, quando veio a Revolução, eu estava com 16 anos. Tinha uma queda por eletrônica. Fomos, eu e

¹⁸³ Zilda Nora de Souza Santos – casada com Célio Álvaro de S. Santos – filha de Ernando Nora (ex-diretor da Câmara Municipal de S. J. do Rio Preto, líder regional da Revolução de 32) e de Maria Galante Nora (professora, líder das senhoras no movimento revolucionário de 1932, fundadora do Hospital de Tuberculosos, da Biblioteca Infantil, em 1938, do Hospital Bezerra de Menezes, em 1952, participante ativa de obras assistenciais). Zilda Nora também perdeu um filho – Célio Álvaro de Souza Santos Júnior – no desastre do Rio Turvo.

¹⁸⁴ Irmão de Antonio Danilo Moraes Barbosa, filho de Danilo M. Barbosa e Celda Lobanco.

¹⁸⁵ Irmão de Maria Lúcia Ferreira Mattos, esposa de Messias Mattos.

¹⁸⁶ Waldeluir Dublin Sacchetin, médico oftalmologista em Rio Preto, nasceu em Olímpia, aos 06.03.1948. É casado com Iramar Francisca de Araújo Sacchetin.

¹⁸⁷ Fernando José Kaiser, médico psiquiatra, nasceu em Rio Preto aos 16.03.1947.

¹⁸⁸ Irineu Luiz Maia, filho de Mário Maia e Adelaide Alves Ferreira, nasceu em 23.11.1947. É médico infectologista em Rio Preto.

Geninho¹⁸⁹, levados à Delegacia para prestar esclarecimentos quanto a montagem e operação de transmissores e receptores que a gente vivia fazendo.” Para as habilidades de Dublin, elétrica era fácil. “Toda vez que se ouvia o seu Leonel tocar o sino, significava que Dublin conseguira desligar a sirene”, comenta Irineu.

“Por falar em sino”, emenda Dublin, “certa vez estávamos na Feira de Ciências que acontecia no Colégio Santo André. A mãe foi tocar o sino e nada. Eu havia enchido de gesso e o badalo estava imobilizado, claro.”

Dublin e Geninho tinham fama de inventores, mas havia outros criativos. Eu próprio cheguei a produzir limonada em tabletes e fazer perfumes caseiros, com as receitas do colega José Fernando Bonvino.

No intervalo da conversa, Iramar, esposa do Dublin, também fazia uma pausa na conversa com Elise, e preparava um lanche. Fomos então experimentar o banco em que Getúlio Vargas se sentou. “Este banco”, esclarece Dublin, “estava na casa de Sellmann Nazareth¹⁹⁰, lá no centro. Quando mudou-se para esta casa¹⁹¹, trouxe o banco.” Muita gente importante passou pelo banco de ferro de “míseros” 1.800 quilos.

A última que anoto do Dublin refere-se ao professor Daud. “Havia uma tabela periódica, desenhada pelo Rovi, afixada em cima do quadro-negro. Daud apontava para os elementos com uma varinha de pescar. Uma ocasião, Pereirinha¹⁹² e Dadá¹⁹³ foram ao Mercado, compraram um peixe e penduraram na ponta da vara. Ficou camuflado, é claro. Foi Daud levantar a varinha e o peixe passou para um lado e voltou. Quando voltou, quase bate no rosto dele. O diretor foi chamado, o Cavariani, mas foi um desastre. Imagine o próprio diretor do IEMG, naquela hora, sem conseguir parar de rir.”

Quando estive com Helaine Munia¹⁹⁴, na residência de sua irmã Laura Munia Benfatti, em 24.07.1999, conversamos sobre assuntos como a Revolução de 1964, os professores do IEMG, as reformas do ensino, sobre anarquismo, sobre Vera Lúcia Benfatti.

Entre aulas de Antropologia e Lógica, a professora Helaine preparava um trabalho sobre o ressurgimento das favelas em Rio Preto. Demonstrando alegria em reencontrar um aluno dos tempos de Instituto, Helaine com sua calma peculiar folheava meus originais, enquanto falávamos. Seus olhos pequenos quase se fecham quando sorri. “Sempre fui inibida. Mas sala de aula é o meu elemento. Ali sou um peixe dentro d’água”, observa, quando fala de si. “Acho que sou razoavelmente tolerante. Só raramente perco as estribeiras.”

¹⁸⁹ Luiz Américo de Freitas Sobrinho.

¹⁹⁰ Leonam Sellmann Nazareth (28.07.1901-23.11.1995), médico, vereador rio-pretense.

¹⁹¹ Rua Antônio de Godoy, 4170 – Redentora.

¹⁹² Antônio Amaral Pereira Gurgel da Silva, engenheiro.

¹⁹³ Eduardo Barbour Filho, geólogo em São Paulo.

¹⁹⁴ Helaine Munia, professora de Filosofia com mestrado, diretora de escola, nasceu em S. J. do Rio Preto, em 24.10.1932. Foi Secretária Municipal do Bem-Estar Social, presidente da FRAS, colaboradora na revista *Universitas*. Atuou como professora no Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves e Colégio Santo André e como diretora em várias escolas da região.

No sorriso discreto, na sua fineza que lembra a fleuma britânica, deixa transparecer segurança no trato dos assuntos que mencionamos há pouco. Percebe-se que domina a arte de escutar, enquanto analisa com sobriedade a personalidade do interlocutor. Sua primeira frase quando nos sentamos na sala de estar foi: “Não sei em que poderia ajudá-lo.” Mas, aos poucos, conduziu a conversa para as áreas de meu interesse, deixando, como de praxe, demarcados os seus traços de educadora e idealista.

A conversa flui. Assinalo frases esparsas. “Acredito que Dinorath possua muito material sobre os reflexos da Revolução de 1964 em Rio Preto. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade tinha a finalidade de corroborar que a sociedade civil pedia aquele tipo de intervenção. Sérgio Nicoletti e Vera Lúcia Portilho Nicoletti foram dois alunos do Instituto a ser torturados. A Revolução acelerou o processo de aniquilamento do ensino.

“Muitos de vocês comparavam Trefiglio, de Artes Industriais, a um ‘cão de guarda’. Bravo, sisudo, autoritário. No entanto, sempre teve um coração derretido. Chegou a mudar a classe do primeiro andar para o térreo por causa de uma aluna grávida. Um dia, Ricieri teve uma hemorragia. Trefiglio dispensou os alunos para doar sangue. Lembro-me do episódio do ácido que jogaram sobre o carro dele. Eu tinha um igual. Havíamos comprado juntos.

“Rubens Cintra Damião foi e continua sendo um expoente da cultura. Foi homenageado recentemente pela Câmara Municipal. Conhecia com profundidade a etimologia das palavras. Aliás, a cultura dos professores do IEMG era invejável. Eu me sentia uma ‘minhoca’ diante daqueles ‘cobras’. O mestre Ricieri esbanjava conhecimento do Português. Quando tínhamos dúvidas, sabíamos que as explicações dele iam fundo. Eu e Augusta Toledo, certa vez, o procuramos para saber o porquê da expressão “sem solução de continuidade” e não ‘com solução de continuidade’. Ele, com a sua sinceridade tosca, foi dizendo: ‘Mas vocês são muito bobas. Temos que ir buscar a explicação no Latim. Solução vem do verbo solver. Dissolver é quebrar, resolver é quebrar o problema; portanto sem solução de continuidade significa sem quebra de continuidade.’

“Ricieri, além de português, conhecia árabe, latim, russo, alemão, japonês. Já inglês, francês e italiano falava fluentemente. Era uma sumidade e engraçado. Quando passava pela Inglaterra, alguém lhe faz uma pergunta em inglês. Ele responde em português. ‘Como o senhor sabe que falo português?’ Ricieri, incontinenti, respondeu: ‘Pudera, com esse sotaque de baiano...’

“Nestor Veneziano tinha um cachorrinho que parecia de circo. ‘Que graça de cachorro. Onde ele aprendeu tanta coisa?’, indagou Ricieri. ‘Lá em Araraquara existe um ginásio para cachorro’, respondeu Veneziano. ‘Não me admiro’, argumentou Ricieri. ‘Faz é tempo que eu leciono num ginásio pra burro’.

“As mudanças nas sessões de atribuição de aulas levaram professores competentíssimos à humilhação. Imagine ver Ricieri, em 1973, esperar das 13 às 19 horas, para escolha de aulas, sendo preterido em favor de candidatos mais jovens, apesar da bagagem que tinha. Eram critérios falhos, absurdos, o que nos leva a concluir que o Governo pretendeu ‘democratizar o ensino’ nivelando-o por baixo. Dona Nair era bem versátil. Lecionava qualquer coisa, português,

grego, inglês. Ana Mendes era mansa. Geisa Parise era exigente. Sofreu um grande golpe com a morte do marido.”

Foi uma surpresa para Helaine constatar a veia poética da então adolescente Vera Lúcia nos textos que reprinted ao final deste livro. “Vera Lúcia transformava qualquer ambiente. Alegre, otimista, brincalhona, brava às vezes. Assumia suas idéias e brigava por elas”, relembra Helaine. “Não era bonita, mas tinha um carisma... Viveu intensamente.” Dona Laura, nesse momento, descansa a bandeja com doces que nos traz e puxa a cortina da sala e nos mostra: “Vê esse buraquinho aqui? Foi o cigarro da nossa querida Vera Lúcia.”

OS ASTERÓIDES – Um antigo diário

Agosto de 1995. Em Brasília, eu tirava algumas caixas do maleiro e começava a remexer. Fotos amareladas, coleções de lápis, chaveiros e caixas de fósforos antigas de meu pai, dinheiro do tempo do mil-réis. Havia até uma flâmula. E um caderno repleto de anotações.

Surpresa agradável. Tal caderno, bem possível, comprado na casa Casa Cal – continha o *diário* d’*Os Asteróides*, conjunto musical que integramos em Rio Preto em 1964 e 65. Essa minha mania de documentar os fatos... Capa de plástico, o espiral havia sido substituído por um cordonê¹⁹⁵. Uma folha de rosto com letras gorduchas cuidadosamente desenhadas e pintadas, uma cobrindo parte da outra. E aquela minha caligrafia toda inclinada para a esquerda (os grafólogos explicam). Abordagens ingênuas, próprias de um adolescente. Meu senso de humor era ainda um esboço.

Folheando o documento, vislumbrei a possibilidade de se extrair coisas dele que pudessem interessar às pessoas. Entre as folhas, vários recortes de jornais. Não seria bem um manual de como montar uma banda (hoje, nome mais em voga do que o “conjunto” de ontem). Óbvio que o achado não teria o mesmo impacto da descoberta da tumba de um Ramsés. Mas, aos 50 anos da tragédia de Hiroshima, aos 40 anos da morte de Carmem Miranda, por que não aos 30 anos (era 1995) d’ *Os Asteróides*? Esses asteróides não eram astros de primeira grandeza, mas haviam ocupado um lugarzinho no cenário de Rio Preto.

A história nos diz que hoje colhemos o que plantamos em tempos que já se vão – erros e acertos do ontem influenciando no hoje. Nesse semear do futuro, uma análise crítica e responsável dos tempos, vai-nos ajudar a construir um mundo melhor. Esse o ponto crucial. Deveria ser a nossa intenção.

Bem, por essas e outras, decidi dissecar aquele *diário*. Decidi, mas o projeto não decolou. E quase três anos se passaram.

Mai de 1998. Estava com Altino¹⁹⁶ em Rio Preto, botando o assunto em dia depois de longa ausência. Ainda não havíamos podido conversar, depois do passamento em 1997 de sua mãe, dona Etelvina, minha primeira professora, em 1956, no Grupo Escolar Professor Oscar Arantes Pires¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Tipo de barbante fino e resistente. Do francês *cordonnnet*.

¹⁹⁶ Altino Bessa Marques Filho nasceu em 09.12.1947, em Catanduva, SP. Filho de Altino Bessa Marques e Etelvina Leite Bessa Marques. Pianista, compositor, idealizador d’*Os Asteróides*, hoje psiquiatra em Rio Preto.

¹⁹⁷ Oscar Arantes Pires, professor, dentista, escritor (Bananal, SP, 11.01.1889–Rio Preto, SP, 27.04.1950). Ativista político em Mirassol, onde foi vereador, presidente da Câmara, vice-prefeito. Foi professor do IEMG, D. Pedro II, Ateneu, Colégio São Joaquim, Santo André e Escola Normal Livre de Mirassol. Tenente na Revolução Constitucionalista de 1932, também foi diretor de Ginásio.

— Altino, já vai fazer três anos que estou com uma idéia fixa: escrever sobre *Os Asteróides*, entremeando os relatos com a história de Rio Preto. Em alguns momentos de resgate da memória musical da cidade, falar de coisas da nossa terra, e estabelecer uma relação com o contexto nacional. Você topa me ajudar nessa empreitada?

Talvez isso até lhe tivesse passado pela cabeça. Antes de examinar-me com aquele olhar penetrante e perscrutador de psiquiatra e refletir, falei-lhe do projeto. E foi mais ou menos assim que tudo começou. Ele achou ótimo. No entanto, Altino estaria absorvido com a elaboração de sua dissertação por um tempo que não tinha mais fim e não pôde se envolver como eu desejava.

Na folha de rosto do *diário d' Os Asteróides*, um intrigante apontamento – segunda edição. Não queiram entender. Esta, sendo assim, é a terceira, ampliada e comentada.

Conheci Altino em 1963, no Instituto de Educação. Lá pelo segundo semestre, fiquei sabendo que era pianista. Eu, cantor de banheiro, com 14 anos. Altino, com 15, fazendo 16 no final do ano. Era uma classe mista de quarta série de ginásio muito divertida. Ano cheio de “brincadeiras dançantes”¹⁹⁸ para angariar dinheiro para a formatura de 4ª série.

Situemo-nos no contexto político do ano de 1963. Havia acontecido um plebiscito em janeiro, decretando o fracasso do regime parlamentarista. Voltava, assim, o regime presidencialista e Jango, apoiado por dez milhões de eleitores, parecia ser a luz no fim do túnel. Ele havia estado em Rio Preto em dezembro do ano anterior. Da mesma forma, a Banda dos Fuzileiros Navais. No campo do América, discursara, frisando: “Lutamos por um Brasil socialmente melhor, mais justo e mais cristão”, como noticiou o *Correio da Araraquarense* de 11.12.1962. Conclamara neste mesmo discurso o povo a comparecer às urnas do referendo de 6 de janeiro. A inauguração da Rádio Independência contou com a presença de Jango. No almoço oferecido no Automóvel Clube comeu-se filé de peixe com purê de batatas, lagarto recheado com legumes, arroz de forno, frutas, cassata e café. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade aconteceria em março de 1964. E a Revolução, esta para ficar.

É o próprio Altino quem nos fala sobre o instrumento que escolheu: “Piano da década de 60 era considerado coisa de meninas. Elas faziam o curso e comumente fechavam o piano para sempre. Meu primeiro contato com um foi no Conservatório Etelvina Viana Ramos. Tinha nove anos. Fiquei eletrizado pelo instrumento. Não diferenciava música erudita de popular. Gostava mesmo era do som do piano... Com o passar do tempo, eu tirava minhas músicas populares em casa, de ouvido. Levava-as para o Conservatório. E lá os professores não me estimulavam a estudar teoria de música clássica. Pelo contrário, botavam-me para tocar para os outros. Então, joguei tudo pro alto.”

Foi no domingo, 25.07.1999, que fui para a casa do Altino, disposto a sentar diante do computador dele com o meu texto. Eu levava o arquivo em Word 6, já que a máquina que eu iria enfrentar era quase movida a lenha... Era

¹⁹⁸ Nome que se dava a encontros de jovens em que se dançava. O que se tocava: muito bolero, fox, twist. Em evidência: Românticos de Cuba, Ray Conniff, Glenn Miller, Billy Vaughn, Trio Irakitã etc.

Casas Regente
Casa Couraça
Alimentaria Canizza
Magazine Americano
Casa de Couros Falavina
Fabrica de Camisas Modêlo
Colchoaria Americana
Chapelaria Central
Modas Clipper e Regional
Lojas Coteninga
A Princesinha
Casa do Linho Puro
Casa Centenário
Colchoaria Brasil
Sapataria Colturato
Móveis Brasil Decorações
Livraria e Papalaria Volpe
Casa São Sebastião
Palácio dos Móveis
Dias & Cia. Ltda.
Relojoaria Max
Casa Sinibaldi
Casa de Móveis Popular
Representações Ismael
Industrias Reunidas Carijós
Móveis Parisi

Amanhã a Radio Difusora
em colaboração com o
Diário da Tarde
fará o lançamento da produção de
MESSIAS MATTOS
"A General Comanda
O COMÉRCIO RIOPRETENSE".
Mais de trezentos mil cruzeiros em prêmios. - Mil cruzeiros por dia todos os dias para voce que compra na rua General.
Ouçã a Difusora entre 10 e 11 horas 

Colturato fabrica o calçado que vende!... Veja seus preços: **calce melhor e gaste muito menos**

Só estas casas oferecem 1.000. Cruzeiros em premios todos os dias



Miss Universo Ieda Maria Vargas, com Messias Mattos – Rio Preto Automóvel Clube

dia do América x Botafogo de Ribeirão, em que o “time dos diabos” conquistaria a Primeira Divisão. Brasil dava um baile no Uruguai também, na disputa da Copa América. Eu havia feito contato com o Paulo Presley e ele chegou mais tarde. Repassamos oitenta por cento do texto e enquanto tomávamos as cervejas do Altino, eu ia anotando os comentários.

Nessa data, Altino mencionava o Amaury Júnior, que muito amiúde comparava nos meus relatos. Escrevi a ele em 04.06.1998, comentei. Não me deu pelota. Como escrevi para a Bandeirantes, pode não ter recebido. Recentemente, no *Flash*, Amaury apresentara a música de Altino e Fernando Marques, *Nos Cenários de Nelson Castro e Sinibaldi (Amaramarama)*, do disco *Rio Preto Instrumental*.

Falando de Amaury Júnior – não me reconhecera na rua hoje –, tivemos oportunidade de conversar um pouco no começo de abril de 1987, no saguão do Hotel Ponta Negra, em Natal. Ele fazia uma cobertura (vira sua equipe no restaurante Chaplin). Eu implementava, com Túlio Negrelli¹⁹⁹, um Seminário sobre Habitação. Naquele dia pedi-lhe notícias de seu pai (ainda vivo), nosso professor de Português. Perguntei sobre o antigo projeto do professor Amaury de lançar a sua gramática... À época, tive a felicidade de conversar com Luiz Gonzaga²⁰⁰, que estava hospedado no mesmo hotel.

A cada nome com que Altino toma contato, faz um comentário: “Luís Carlos Ribeiro tinha formação erudita. Vítor, foi ele quem me deu algumas aulas de violão, em 1966, antes de eu ir para São Paulo estudar. Meu primeiro parceiro de composição... Ao todo, três parcerias. Seu pai?”, referia-se ao meu, “que pito ele me passou... ‘Você vai acabar desvirtuando o meu filho. Ele vai ser engenheiro e não músico’. Quem recomendou a compra do meu piano foi o Milton Mani. Ele experimentava os pianos da Jóia Musical. Tocou algum tempo na Casa de Chá Luar de Agosto. Meu pai chegou a se recusar a tirar uma fotografia nossa com os cabelos ‘à la Beatles’...”

Foram mais ou menos quatro horas diante do computador. Cada latinha de cerveja que Altino nos trouxe era de marca diferente.

— Paulo, acho que Altino perdeu todo o amor que tinha à sua coleção de latinhas de cerveja...

— Estou achando que é porque elas estavam a um passo da data de vencimento... Desova, com certeza...

Abramos um parêntese para uma preocupação minha manifesta ao Minas Kuyumjian, por caminhos internáuticos. “Minas, mexi numa única palavra de poesia sua chamada *No Baile* (farei uma observação de rodapé). Por favor, diga se posso substituir ‘sem esporrar’ por ‘sem se derreter’. Tirei alguns termos não convencionais de outros textos (não seus), ‘merda’, por exemplo. E fiquei num dilema. Não gostaria de ter que prescindir da sua poesia. Você permite fazer essa pequena adaptação? Ou eu estou me preocupando com besteira?”

¹⁹⁹ Túlio Negrelli, arquiteto, nascido em Tanabi, SP, aos 02.08.1948.

²⁰⁰ Luiz Gonzaga (1912-1989), o Rei do Baião, pernambucano de Exu, chamava-se Luiz Gonzaga do Nascimento. O velho Lua, como era chamado, compôs quase 300 músicas. Gravou 56 discos.

A resposta de Minas foi ótima: “Sobre a palavra no poema e suas preocupações, compreenda que não é possível substituir uma palavra num poema. A coisa perde toda a força. O pudor é sempre inimigo da verdade – as coisas têm nome, e quando se falseia o nome, a gente está falseando as coisas. Não é frescura de autor, não... acredite. Vou dar um exemplo. Imagine o John Wayne²⁰¹ entrando num *saloon* cheio de bandidos e se envolvendo numa briga de socos com um deles. Entre murros e cadeiras quebradas, um grita de um lado: ‘Seu bobinho!’. E o outro: ‘Não seja tolo!’. E por aí vai: ‘Trouxa! Sacripanta! Energúmeno! Sua mãe é uma mulher de má vida!’. Ou imagine você mesmo dando uma topada com o dedinho do pé numa pedra e exclamando: ‘Cáspite!’. Acho que você concorda que a coisa fica falsa. Assim, desculpe, mas o melhor é tirar o poema do livro – ou, se julgar apropriado, substituí-lo. Não leve a mal.” Minas ganhou a parada. Seus poemas ficaram intactos. Palavras que eu timidamente escondera, também voltaram com força. E com cheiro.

Ao final de 1963, eu passava a freqüentar a casa do Altino lá na XV de Novembro, nos fundos do Conservatório Musical Etelvina Ramos Viana, entre Siqueira Campos e Jorge Tibiriçá. Fiquei feliz em reencontrar sua mãe, dona Etelvina, minha primeira professora.

De casa até a XV de Novembro era interessante passar pelo centro, onde alternaram-se ao longo do tempo locais tradicionais como a Barbearia do Irineu Zacarias, o Bar do Jeca, Casa das Meias, Charutaria Pilão, Casa Bueno, Delícia, Bambina, Casa de Chá Luar de Agosto, os três principais cinemas, as vitrines da Galeria Bassitt, as Lojas Peri, necessário dizer, locais que nem sempre coexistiram.

No início dos anos 60, os viciados da cidade costumavam reunir-se no jardim, imediações das Lojas Peri e Cine Rio Preto, o que tornava o local pouco recomendável. Dinho²⁰², um galã que fazia

Cuba-Libre

Minas Kuyunjian Neto

No baile
os rapazes
da escola
só circulavam
bebendo rum
com Coca-Cola.
E as garotas
marotas
não davam
de jeito nenhum.

No Baile

Rosto colado
tédio no olhar
mão na cintura
cotovelo espetado
desejo no ar:
dançar
era exercício
tacanho
de suplício.
Como agüentar
tesão tamanho
sem esporrar
em pleno salão?

²⁰¹ John Wayne - Marion Michael Morrison (1907-1979).

²⁰² Não se trata do vereador Dinho, do ano 2000.

Roberta

Nadeo-Lepore

Lo sai, non è vero
Che non ti voglio più
Lo so, non mi credi
Non hai fiducia in me

Roberta, ascoltami
Ritorna ancor, ti prego

Con te, ogni istante
Era felicità
Ma io non capivo
Non t'ho saputo amar

Roberta, perdonami
Ritorna ancor, vicino a me

as meninas suspirarem, tinha a fama de gostar de fazer fumaça com cigarros não-convencionais. Subia sempre a Coronel Spínola, com seu andar curto e compassado. O *footing* acontecia no trecho da Bernardino, entre Marechal e Siqueira Campos. Dava-se bem o pipoqueiro da esquina da Galeria Bassitt. Todos se encontravam ali. Figura que chamava a atenção das garotas era o Giba²⁰³, porte atlético de nadador, cabelos lisos e loiros, esverdeados de cloro. Mais atenção, pelo menos para mim, chamava a sua namorada Iolanda, sempre acompanhada de uma irmã de menor idade. “O *footing* do povão ia do Cine Ipiranga até a Siqueira. Incluía a Praça Rui Barbosa”, diria Jacaré, no bar do Mané Pina, enquanto tomávamos uma cerveja de pé, no balcão. “A classe média desfilava mais para cima, do Cine Ipiranga até a Marechal Deodoro.” Ainda falaremos de Jacaré.

A primeira música que cantei acompanhado foi *Roberta*, que Peppino di Capri havia gravado. Sabia, também de cor, *Multiplication*, gravação de Bobby Darin, do filme *Come September – Quando Setembro Vier*, com Rock Hudson. Dr. Rubens Cintra Damião²⁰⁴, certa feita, a traduziu para mim. Percebi que se travava de uma versão profana, embora *light*, do “crescei e multiplicai-vos”.

Um belo dia, Altino promoveu um encontro em sua casa. Ari²⁰⁵ e Paulo Presley²⁰⁶ levariam suas guitarras. Conhecera Paulo na casa do Omar Ismael, filho de Farid Ismael. Omar era companheiro de Juventude Espírita, no Centro João Batista. Paulo cantara músicas do Elvis, claro! Algumas colegas que tocavam violão ou piano iriam. Pelo lado feminino só apareceram a Sônia

²⁰³ Gilberto Miranda.

²⁰⁴ Rubens Cintra Damião, professor de inglês no IEMG, onde atuou de 1944 a 1965. Nasceu em 1918, em Espírito Santo do Pinhal, SP. Além de professor formado em Letras Clássicas, cursou também Jornalismo, Direito, Teologia. É autor de dois livros e sempre foi um membro atuante da Igreja Presbiteriana, onde exerceu cargos importantes.

²⁰⁵ Ari José Santana, primo distante de Altino, filho de Chiquinho Santana e de dona Quica, morava num sobrado, na Coronel, entre Independência e Penita.

²⁰⁶ Paulo César dos Santos, o conhecido Paulo Presley, nasceu em S. J. do Rio Preto, em 07.08.1945. Hoje é médico oftalmologista em Rio Preto.

Regina Chamas e a Neile Ribeiro²⁰⁷. Estava lá o Dácio Marçal²⁰⁸, que cantava. Pareceu mesmo que o seu forte era a *mise-en-scène*. Dácio tinha uma voz rouca e abafada e duvidávamos que ele cantasse realmente. Mas, ele cantava, e bem! Dá até para relacionar com o Nelson Gonçalves – houve um tempo em que era gago, mas para cantar, jamais titubeava.

Engraçado... James Bond²⁰⁹ usava a mesma tática de apresentação de Dácio... “*My name is Bond. James Bond.*”

— Meu nome é Dácio, DÁ-SE um jeito...

No evento doméstico, um baterista, o Pedrinho²¹⁰. Cada um apresentou uma música. Dácio dançou, eu e Neile também, Sônia fez um *hully gully*. Conversamos.

Quando todos foram embora, Pedrinho arriscou:

— Por que a gente não forma um conjunto?

A essa altura, eu e Altino havíamos comprado um bongô na Jóia Musical, da Galeria João Bassitt e ensaiávamos com ele. Eu era o ritmista. Ari e Paulo haviam entrado e saído, mesmo antes do grupo vingar...

Houve então uma tentativa de apresentação do trio – Altino, Pedrinho e eu – no Club da Cirandinha. Já tínhamos o nome de *Os Asteróides*, por sugestão do Altino. “Toquei sozinho, num domingo, no Clube da Cirandinha”, informa Altino. “Apresentei *Petite Fleur* que o César Muanis masculinizou, corrigindo por conta própria para *Petit Fleur*.”

Passou-se mais um tempo, até que surgiu o Vavá²¹¹. Tocava acordeom, bateria e sax

²⁰⁷ Colegas da 4ª série do IEMG, tais como Therezinha Chamelete, Consuelo, Cidinha Polotto, Mariza Oliveira, Márcia e Maria José Polachinni, Maria Lúcia Collus, Heliana Galeazzi, Ana Célia, Concepción e Visitación, Irene Batista, Norma Vieira, Regina Magali Laprano.

²⁰⁸ Dácio Marçal, músico, compositor, nasceu em Fernandópolis, SP, aos 09.05.1946. Casou-se com Regina Carvalho, em 08.12.1968, com quem teve três filhas: Regiane, Déborah e Priscila. Mora em São Paulo, onde tem uma empresa de artesanato de velas.

²⁰⁹ Quem fez o primeiro James Bond, o agente 007, no cinema foi Sean Connery (1930-).

²¹⁰ Pedro Santiago Alves Júnior.

²¹¹ Dorival Tomás, o “Vavá”, tocava um sax-tenor em dó.

Multiplication

When you see a gentleman bee
Around the lady-bee buzzing
Just count to ten, then, count again
There’s sure be an even dozen

Multiplication

That’s the name of the game

And each generation

They play the same

Now, there were two butterflies
Casting their eyes
Both in the same direction
You’d never guess that one little
“eyes”

Could start a butterfly collection

Multiplication

That’s the name of the game

And each generation

They play the same

Let me tell you know how
See one and one is five
You call me a silly goat
But you take two minks, and add
two minks
Ah! You get a one mink coat

When a girl gets coy
In front of the boy, after three or
four dances
You can just bet she’ll play hard to get
And multiply her chances

Multiplication

That’s the name of the game

And each generation

They play the same

Hear me talking to your mother-
nature’s a clever girl
She relies on heaven
You take two hare, with no cares
Pretty soon you get a room full of
rabbits

Parakeets in between tweets
Sometimes get to quiet (fly)

Oh! Oh! But have no fear, ‘cause
soon you’ll hear
A parakeet right just try it...

Multiplication

That’s the name of the game

And each generation

They play the same

What'd I say

Ray Charles

Hey mama, don't treat me wrong
Come on love me, daddy, all night
long
All right, hey hey, all right

See the girl with the diamond ring
She knows how to sing that thing
All right, hey hey, hey hey

Tell your mama, tell your pa
I'm gonna send you back to
Arkansas
Oh yeah well (mama) if you don't
do right
If you don't do right

When you see me in misery
Come on, baby seet at my feet
(stant by me)
All right, yeah yeah, hey hey, all right

See the girl with the red dress on
She can do the twist all night long
Oh yes well, what'd I say, all right,
well

Tell me what'd I say (bis)
Well, tell me what'd I know (bis)
Well, make me so good (bis)
Well, that is all right (bis)
Well, just one more time (bis)

também, havia três meses. O quarteto começou a ensaiar, mas Pedrinho teve que ir a São Paulo. Andava à procura de emprego. Altino saíra de férias. Assim, os ensaios só recomeçaram em fevereiro de 64, aí então para valer.

Era tempo de Carnaval. Por curiosidade, registremos uma das músicas de sucesso de então: *Marcha do Remador* (Antônio Almeida e Oldemar Magalhães), gravada por Emilinha Borba. Em 1963, os foliões haviam cantado um outro sucesso dela, o famoso *Pó de Mico*²¹². No domingo de Carnaval de 1964 desaparecia o compositor Ary Barroso.

A primeira apresentação veio logo. Estávamos em 2 de março de 1964, uma segunda-feira, quando comparecemos ao *Atrações Araújo Neto*, da PRB-8, Rádio Rio Preto. Altino (piano), Aristides (*crooner*), Vavá (sax-tenor) e Pedrinho (bateria). Conseguimos passar pela buzina e o auditório pediu bis.

“Você se lembra que estranhou a sua própria voz pelo alto-falante que jogava o som para o auditório?”, diz Altino a mim, bem mais tarde. “Quando comecei a tocar *What'd I Say*, estava num momento muito importante em que eu passava a desenvolver a mão esquerda. Empolgado, quis mostrar para o Gomes, pianista, que havia ido à minha casa, atendendo a convite meu. Aliás, vivíamos à procura de mestres que pudessem nos passar alguma coisa. Gomes ouviu e não se entusiasmou. Hoje pergunto: entusiasmar-se por quê? Sentou-se ao piano e executou *La Cumparsita*. E minha mãe adorou...”

“Aliás, Gomes achava-se o supra-sumo do piano e não escondia isso de ninguém”, complementa Lurdinha, irmã de Altino.

Cinco dias depois, apresentávamo-nos na Difusora, no programa das cinco e meia da tarde, *Cocktail da Juventude*, comandado por Sérgio Rodrigues. Já tínhamos então um prefixo musical solado – *Telstar*²¹³. O restante da seleção era

²¹² De Renato Araújo, Dora Lopes, Arildo de Sousa e Nilo Viana.

²¹³ Composição de Joe Meck, gravação de The Ventures.



foto Jaime Colagiovanni

Os Asteróides, em sua 1ª fase – PRB-8, 30.03.1964
Pedrinho, Vavá, Altino e Aristides

Parei na contramão

Erasmio e Roberto Carlos

Vinha voando no meu carro
quando vi pela frente
Na beira da calçada um broto
displicente
Joguei o pisca-pisca para a
esquerda e entrei,
A velocidade que eu vinha, nem sei
Pisei no freio obedecendo ao
coração e parei
Parei na contramão...

O broto displicente nem sequer me
olhou
Insisti na buzina mas não funcionou
Segue o broto seu caminho sem me
ligar
Pensei por um momento que ela
fosse parar
Arranquei à toda e sem querer
avancei o sinal
O guarda apitou...

O guarda muito vivo de longe me
acenava
E pela cara dele eu vi que não
gostava
Falei que foi Cupido quem me
atrapalhou
Mas minha carteira pro xadrez levou

Acho que esse guarda nunca se
apaixonou
Pois minha carteira o malvado levou
E quando me livreí do guarda, o
broto não vi
Mas sei que algum dia ela vai voltar
E a buzina desta vez eu sei que vai
funcionar.

cantado: *Parei na Contramão*²¹⁴, *Whole lotta shakin' goin' on*²¹⁵, *What'd I say*, *My Bonnie* e *O Jato*. Sérgio gravou o programa, reprisando-o no *Brotolândia em Ação*, dia 8 de março. Foi uma surpresa boa, oportunidade em que pudemos analisar os erros. Pude, então, constatar que a minha voz, realmente, “era muito diferente da minha...”

A letra toda de *Whole lotta shakin' goin' on* não passava de “*Shake, baby shake. Twist, baby twist...*” A palavra *twist* havia sido introduzida na letra original pelo Chubby Checker, que encabeçava o movimento, desde fins de 60 e começo de 1961. No entanto, a onda do *twist* foi passageira, não conseguindo aquilo a que se propunha: substituir o furor do *rock* que estava esfriando. Tanto o *twist*, como *jerk*, *surf*, *hully gully* “constituíram danças da moda, não apresentando novidades, do ponto de vista melódico, harmônico ou rítmico.”²¹⁶

No mesmo 8 de março, domingo, Pedrinho era entrevistado no programa da Tânia²¹⁷, da *Cultura*²¹⁸. Ela havia assistido à nossa apresentação na PRB-8. Tânia elogiou o conjunto, solicitou que gravássemos para apresentação no seu programa. A *Cultura* não tinha piano.

E as apresentações, gravações e entrevistas se seguiram no mês de março: *Cocktail da Juventude*, na Difusora, *A Juventude Comanda*, da *Cultura*, *Brotolândia*, da Difusora. Dentre as gravações que se usavam para reprise em outros dias, a melhor até então havia sido a que Pereira Brito e Edson Rodrigues haviam feito, apesar de em uma sala e não em estúdio. Gravadas as

²¹⁴ Sucesso recente de Roberto Carlos, naquele 7 de março de 1964.

²¹⁵ Essa música estava fazendo sucesso com Chubby Checker, mas hoje sabemos tratar-se de um sucesso da década de 50 com Jerry Lee Lewis. A vida de Jerry foi tema do filme *Great balls of fire*, que levou o nome de *O Rei do Rock*, disponível hoje nas locadoras. Foi produzido em 1989 e tem Dennis Quaid no papel de Jerry.

²¹⁶ Mirador Internacional.

²¹⁷ Tânia Maria Maldonado, radialista, professora, nasceu aos 04.10.1947, em Rio Preto. É casada com Ney Ramos de Oliveira, que foi sonoplasta da Rádio Difusora. É professora de Geografia do Objetivo desde 1985.

²¹⁸ Rádio Cultura, ZYR 242, foi inaugurada em 1960. Posteriormente, passou a Rádio Piratininga.

músicas, podia-se atender a pedidos dos ouvintes, como foi o caso de *Parei na Contramão*.

Nas minhas anotações cheias de detalhes, pode-se constatar que, em 20 de março, garotas de Mirassol solicitaram a gravação de *Chopsticks* (um solo a quatro mãos), que havia sido feita no *Vesperal de Brotos*. Havia um “namoro” entre *Asteróides* e outro conjunto, chamado Labaredas, mas a intenção de uma fusão ainda não se concretizara.

Ao voltarmos ao programa do Araújo Neto, nosso repertório já incluía, além das músicas já citadas: *Yá Yá*, *Roberta*, *Hully Gully Baby*, *Wipe Out*, *Blue Star*.

Foi em 30 de março que participamos de um concurso musical, por insistência do Araújo Neto. Estávamos receosos. “Ora, minha gente, o máximo que poderá acontecer será um empate”, amenizou Araújo. E lá fomos nós. *Os Asteróides*²¹⁹ apresentando *Hully Gully Baby* e os Cometas²²⁰ apresentando *Dammi la Primavera*. *Asteróides*, começando. Cometas, já com muitos quilômetros percorridos. Eram em três, todos de terno preto, um vocal bom, estilo Trio Irakitã²²¹.

Boa hora para falar dos Cometas.

O trio era composto por Sérgio²²², Toninho²²³ e Ramalho²²⁴. Todos cantavam. Eram dois violões, com Sérgio e Ramalho fazendo base. Os solos eram feitos pelo Sérgio. Toninho ficava na percussão, com suas maracas e bongô. Haviam iniciado as atividades em 1962. “Estávamos envolvidos, naquele 1964, com o Grupo Teatral Riopretense, participando de peças, de esquetes”, afirmava Toninho a mim, em fevereiro de 1999, pelo telefone. “As introduções, alguma trilha sonora, tudo era feito por nós. Mas não éramos só músicos, éramos atores também.”

A primeira apresentação d’Os Cometas foi no Círculo Operário, em Rio Preto. “A segunda foi no Dia das Mães, em Uchoa”, afirma Toninho, preocupado em justificar a correria em que vive, motivo pelo qual ainda não alinhavara com Sérgio, Ramalho e Ericson²²⁵ a sinopse sobre o seu conjunto, que eu tinha pedido

²¹⁹ **Asteróide**, adj. m. e f. (gr. *aster* + *óide*). 1. Em forma de estrela; estrelado, raiado. 2. *Bot.* Relativo ou pertencente ao gênero Áster. 3. *Bot.* Semelhante às plantas do gênero Áster. S. m. *Astr.* Nome dado aos pequenos planetas telescópicos que circulam no espaço, entre Marte e Júpiter. 2. Pequeno corpo cósmico, que percorre o espaço, como as estrelas cadentes e os aerólitos.

²²⁰ **Cometa**¹, (ê), s. m. (gr. *kometes*). 1. *Astr.* Astro de cauda luminosa, que descreve órbitas muito alongadas à volta do Sol. 2. *Heráld.* Estrela de oito raios e cauda flamejante. 3. Cobrador viajante, caixeiro viajante. 4. Nome comercial de certa liga de níquel, cromo e ferro. 5. Tradicional figura histórica brasileira, o tropeiro de tropa arreada, que percorria o país comerciando, sento postalista e mensageiro privado. — *Cometas instrumentais, Astronáut.*: classe de veículos espaciais, compreendendo sondas planetárias e sondas solares.

Cometa², (ê), s. m. (de *comer*). *Pop.* Comilão, gastrônomo.

²²¹ Trio Irakitã – Conjunto vocal formado em 1950, por Edinho (Edison Reis de França), Paulo Gilvan (Paulo Gilvan Duarte Bezerril) e Costa Neto (João da Costa Neto). O trio executava boleros, sambas-canções e baiões, influenciado pelos mariaches mexicanos. Nos anos 50, viajou pelas Guianas, América Central, México. Participou de vários filmes. Com a morte de Edinho, em 1965, o cantor e violonista Toni (Antônio Santos Cunha) integrou o trio, que ficou inativo por dois anos, na época da Jovem Guarda – EMB - *Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular*.

²²² Sérgio Zanetoni, comerciante, nasceu em Rio Preto, em 26.02.1944

²²³ Antônio David Monteiro, empresário, nasceu em Rio Preto, em 12.03.1945

²²⁴ Ramalho Antônio Milanez, viajante, nasceu em Nova Aliança, em 05.10.1945.

²²⁵ Ericson Jorge Abufares integrou o conjunto Os Cometas a partir de 1975.

há algum tempo. Além do mais, a “alta do dólar” havia pego Toninho, influenciando sobremaneira em seu negócio, essa a justificativa. Eu, já escolado, estava me acostumando às minhas malogradas investidas de repórter amador.

“Foram nove anos de atividades ininterruptas”, prossegue Toninho. “Não tocávamos profissionalmente. Eram apresentações em quermesses, em festas, em formaturas, em rádios. Não havia pretensão de fazer dinheiro cantando e tocando. Valia a satisfação pessoal”, completa. “Nossa última apresentação, da primeira etapa, foi numa Festa da Cerveja, em abril de 1971, numa cidade aqui da redondeza”.

Nessa época, o repertório d’*Os Cometas* passava por Roberto Yanez, Lucho Gatica, Gregorio Barrios, Agustín Lara, Trio Los Panchos, Carlos Gonzaga, Neil Sedaka, Paul Anka, Trio Irakitã. O conjunto ressurgiu, depois da dissolução em 1971, somente em 1975, já com mais integrantes, com guitarra, quando passaram a tocar de forma profissional. “Com os novos integrantes e uma nova formatação, nossa primeira apresentação foi em Nhandeara, noutra baile do Dia das Mães”, esclarece Toninho.

Foi na oficina²²⁶ do Toninho que nos sentamos eu, ele e Mariana²²⁷, sua esposa. No meio das máquinas que ele cria para fábricas de jóias. Chegou a fabricar contrabaixos e uma guitarra. Observo que o rosto está mais jovem do que os cabelos. Mariana, que o chamava de “pai”, agora de “vô”, ri enquanto Toninho dispara: “Cara de bebê e cabelo de bobó...” Estávamos em 21.07.1999. Desde o tempo dos Cometas, rivais dos *Asteróides*, afinal de contas, haviam decorrido 35 anos.

“Sérgio e Ramalho se encontravam com frequência para tocar. Eu então quis assistir”, revela Toninho. “Empolguei-me e pedi duas colheres para o ritmo. Na segunda oportunidade, eu lá estava com um instrumento bem sofisticado: duas colheres já soldadas e com cabo de plástico”, comenta ele sobre o que os levou a formar o trio.

Toninho me empresta o Caderno Especial do *Diário da Região* de domingo, 10.08.1997. A reportagem de Vicente Serroni *Quando o Rock Ferveu em Rio Preto* traz com destaque a foto dos Cometas e um bem-elaborado texto que resgata a época das bandas “que criaram uma legião de fãs, com direito a tietagem, desmaios e admiração”. Os Cometas figuram como um grupo que animou Rio Preto por duas décadas com seu som. Outras bandas como The Five Kings, Big Boys, Lonely Boys, Mugs, Vox VI, Saturno Som, Apocalipse são mencionadas. Os *Asteróides* são esquecidos na reportagem de Serroni. Prendo-me a um trecho que trata de *The Five Kings*, composto por Peter, Natal, Nelson, Wagner²²⁸ e Gil, que segundo o jornal chegou a tocar em Juan Caballero, no Paraguai.

²²⁶ Adamon – Máquinas para Ourivesaria – Rua São Sebastião, 1459.

²²⁷ Mariana Silveira.

²²⁸ Wagner Pero, que tocou nos *Asteróides* é irmão de Gil Amadeu Pero. Este livro estava em fase de editoração, quando Wagner foi localizado em Campinas. Em 07.04.2000 nos falamos. Francisco Wagner Pero, contrabaixista, guitarrista, profissional de vendas, nasceu em Guapiaçu, SP, aos 01.03.1948. É filho de Gil Eanes Pero e Maria de Lourdes Benzatti. Tocou apenas quatro meses nos *Asteróides*. Já no The Five Kings, anteriormente chamado Os Infernais, tocou por dez anos. Deixou Rio Preto em 1979, para morar em Campinas. Desde então toca apenas para seu próprio deleite.



foto acn

Toninho, dos Cometas, em julho de 1999

“Em 1969, participamos do Concurso Guitarra de Ouro, no Palestra. Eu havia assumido a bateria desde 1965”, afirma Toninho. “Eram dezoito conjuntos da região. O júri era formado por diretores ou representantes de gravadoras. Apresentamos a balada *Visão* e o *twist O Bronca*, de minha autoria e ainda *Czardas* e *Concerto nº 1* de Beethoven.” *Visão* e *Concerto nº 1* proporcionaram o primeiro lugar aos Cometas, com direito a gravação de duas músicas.

“Teatro esteve associado só à primeira fase dos Cometas. Combinação de música, peças, esquetes. Em uma apresentação, naquela música *Não Quero Ver Você Triste*, do Roberto, eu saía do palco de braço dado com uma garota, na hora do solo do assobio. Ouvimos outros assobios que vinham da platéia. Imaginei que era alguma coisa com a moça, mas era comigo: meu traseiro e minhas cuecas estavam à mostra, pois a calça rasgara de cima em baixo.”

Em fins de 1964, Ericksion²²⁹ entraria para o grupo. Logo depois seguiria para Brasília, para fazer o Exército. “Mas voltava com certa constância e se apresentava com a gente”, relata Toninho. “No Carnaval de 1979, O Rei Momo e a Princesa deixaram para visitar o nosso baile por último, para ficar por lá. Acompanhamos muitos nomes do meio artístico. Até o Carlos Gonzaga – lembre-se do sucesso²³⁰ de *Diana*? – quis nos levar com ele. Numa oportunidade, ficamos lisonjeados por emprestar os instrumentos para o Osmar Milani que viera a Rio Preto examinar candidatas a ingresso na Ordem dos Músicos. Fomos com a esperança de tirar carteirinha de músico, mas não deu em nada. Sabia que foi meu pai²³¹ quem deu as primeiras noções de mecânica ao Osmar Milani?”

Regressando a 1964. Naquela batalha “astral” do Auditório Raul Silva havíamos sido eclipsados – perdemos. Os Cometas levaram a taça e ficamos chateadíssimos. Afinal, o auditório havia sido mais efusivo conosco. Bem, a comissão julgadora era só o Araújo... Não vai interessar ao leitor a quantidade de lamentações que contém o *diário d’ Os Asteróides*, quando menciona os estilos completamente diferentes dos dois conjuntos. A frase do Altino ao microfone da PRB-8 foi até curiosa. Simplória, também.

— Muito obrigado a você, Araújo. Nós achamos que foi certo o que “você fizeram” com a gente – ele imaginou que os ouvintes entenderiam a sutileza. Referia-se ao júri do eu-sozinho.

Na oportunidade tiramos duas fotos em preto e branco, com o fotógrafo Jaime Colagiovanni. Chamei uma delas de “expectativa saxofônica”. Todos prestando atenção ao que ia sair de dentro do sax, se som ou só vento.

“Cheguei a namorar a filha do Jaime Colagiovanni, a Isabel”, diria Paulo César em julho de 1999, ao ler o nome de Colagiovanni no monitor, quando tomava contato pela primeira vez com estes relatos.

Pedrinho Santiago, em 30 de março de 1964, deixa o conjunto. Altino comandava com mão de ferro. Pedrinho “voava” demais, era “desligadão”.

²²⁹ Ericksion Antônio Bellintani, empresário, nasceu em Dobrada, SP, em 05.03.1947.

²³⁰ *Diana*, composição de Paul Anka, teve sua versão em português feita por Fred Jorge. Segundo Amaury Júnior (*Flash Fora do Ar*), Diana era uma curvilínea garota que desfilava todos os dias por um jardim de Quebec, Canadá, acendendo corações com seu jeito de andar.

²³¹ João Monteiro Sobrinho.



Dácio Marçal – maio, 2000

Vadeco e Vavá (Dorival Tomás)



foto Jaime Colagiovanni

Os Asteróides, em sua 1ª fase – Auditório Raul Silva - PRB-8, 30 de março de 1964
Altino, Vavá, Aristides e Pedrinho

“Mais tarde, quando encontrei o Pedrinho, em 1967, em São Paulo, ele estava vendendo Baú da Felicidade. Em 1976, ele participou do grupo formado para defender a música *Avatar*, do José Celso, arranjo meu, no Festival Famus, em Rio Preto, no Automóvel, onde fomos reconhecidos como o melhor grupo musical. O troféu foi devolvido quando perdemos o Festival para *Águas Claras*, de Otávio Piroso Júnior, coadjuvado por Pedrinho Curt, na percussão”, diria Altino em 1999. “Ficamos chateados, mesmo porque, no júri, estava o pianista e arranjador Hamilton Godói.”

Iniciava-se, com a Revolução de 31 de Março, a longa fase da ditadura no Brasil. Tão jovem, eu não tinha consciência do que representaria para os destinos do País. A partir de então, casas seriam invadidas em Rio Preto. Às vezes, bastaria uma capa vermelha de livro para que o dono fosse indiciado como subversivo. Meu pai andou escondendo livros sobre o forro de madeira lá de casa. Sei que enterrou alguns no quintal.

Muitos jogavam tais livros agora indesejáveis na represa. Em março de 2000, final de tarde, enquanto eu aguardava um pôr-do-sol fotografável, observava o trabalho da draga. A represa, hoje ampliada, era então alvo de críticas à Administração Municipal. Surgiam em contrapartida programas de educação ambiental para conter o assoreamento, o despejo desclassificado de esgotos. Cinco mil metros cúbicos de areia e detritos, noticiavam os jornais, haviam sido retirados. A meta eram outros 40 mil. E se aparecesse uma caixa cheia de livros intactos, sobreviventes quase asfixiados no lodo da inquisição política? Divagações.

Antes de falarmos do que ocorria em Rio Preto, há que se fazer um intróito quanto à tendência política predominante na Câmara Municipal de Rio Preto, segundo o *Dicionário Rio-pretense*. No chamado período da redemocratização (1945-1964) a instituição era acentuadamente conservadora. Discursos de vereadores como Benedito Rodrigues Lisboa e José Maria Rollemberg Sampaio eram combatidos de forma dura pelos principais vereadores seus colegas. Alberto Andaló havia criticado o discurso de Rollemberg Sampaio, de 1949, sobre Reforma Agrária. Raul Francisco Tauyr, integralista que era, “combatia com veemência as idéias de Rodrigues Lisboa, um socialista assumido.”

No momento em que João Goulart (1918-1976) elegeu-se vice-presidente da República, ficou patente essa posição da Câmara. Já em 16.02.1956, o requerimento de Benedito Rodrigues Lisboa de congratulações a Jango fora rejeitado. O vereador Fábio Marcondes Homem de Mello lideraria o voto contra Goulart.

Quando Jânio renunciou à Presidência, em agosto de 1961, abria-se caminho para o golpe de 64. A atitude incompreensível de Jânio levou os janistas a ter que ouvir calados as gracinhas dos ademaristas. Jango, populista, sindicalista, era detestado pelos conservadores. Só assumiu depois da instalação de um parlamentarismo “pra-inglês-ver”, que cairia com o plebiscito de janeiro de 1963.

A Câmara Municipal de São José do Rio Preto reagiria contra e a favor da posse de Jango. A maioria seria contra, ao tempo em que pedia “uma solução não-democrática para o impasse nacional”. Rodrigues Lisboa chegou a apresentar um requerimento protestando “contra qualquer solução extralegal que impedisse

a posse de João Goulart”. A sessão sempre era transmitida pela PRB-8. Nesse dia a Rádio estava ausente. Lisboa, então, registraria em Ata que a ausência da B-8 sugeria tratar-se de censura e que a democracia corria sério risco de sobrevivência no Brasil. O vereador Targas Filho descreveria o quadro político com suas tintas: “os fatos políticos que hoje se desenvolvem no cenário nacional são uma página negra, vergonhosa, como herança que será deixada para seus filhos dessa republiqueta chamada Brasil.”

Posicionemo-nos em 31 de março de 1964. Naquela terça-feira, a Câmara realizava sessão noturna normalmente. O País estava em ebulição. A revolta militar desencadearia o Golpe de Estado na madrugada. Uma sessão permanente era proposta por José Eduardo do Espírito Santo, em função da ameaça às instituições democráticas. Armando Casseb declarava-se a favor e manifestava-se quanto à crise, dando apoio ao Presidente da República João Goulart.

O requerimento da sessão permanente é rejeitado por onze a sete. Votaram a favor da vigília: Vettorazzo, Casseb, Lisboa, Fuade Elias, Cocenza, Mangini, Lisbino. Votaram contra: Alberto Olivieri, Targas Filho, Antônio Marques dos Santos, Nonato, Barbar Cury, Chalella, José Jorge Jr., Nelson Barbosa, Carrazone, Buzzini e Tauyr.

Em 4 de abril, a Câmara cassa Armando Casseb, Benedito Rodrigues Lisboa e José Eduardo do Espírito Santo. A sessão é rápida, com 18 dos 21 vereadores. A votação é unânime. Os três estavam sendo cassados “pela sua atuação na vida política do Município, em que se revelaram abertamente adeptos das doutrinas comunistas e membros ocultos do PCB.”²³² Houve uma declaração de voto – Alberto Targas Filho lamentou-se que “investido da função de vereador, tivesse que votar favorável à cassação de mandato para salvar a democracia”. Os suplentes que assumiram no lugar dos cassados foram: Arlindo Massi, Saturnino Garcia Peres e Walter Dias.

Seguem-se sessões cívicas de solidariedade ao “grande movimento democrático de restauração do regime de liberdade, de garantia das famílias e das instituições”. Os três cassados conseguem a reintegração em dezembro de 1965, mas a Câmara recorre. Casseb e Lisboa são eleitos, então, em 1967 e, agora sim, reconduzidos à Câmara Municipal. A cidade devolve-lhes o mandato e ficava claro que haviam sido vítimas da intolerância política de um grupo circunscrito.

A intolerância foi a marca, nos primeiros meses da ditadura militar em Rio Preto. Mais de trezentas pessoas foram detidas e muitas fugiram da cidade. Campearam acusações injustas. O engraxate negro Aristides dos Santos²³³ foi o primeiro a ser preso em Rio Preto, logo na manhã de 1º de abril, denunciado como comunista por Paulo Púlice. Preso pelo delegado Tácito Pinheiro Machado, ficou dez dias detido e trinta em prisão domiciliar. O médico Gumercindo Sanches Filho, ex-vereador, perderia seu emprego na Prefeitura, sendo reconduzido ao cargo somente nos anos 80, quando era prefeito Manoel Antunes.

²³² Na década de 60, um dos comunistas mais conhecidos da cidade chamava-se Pedro Mendonça.

²³³ Aristides dos Santos nasceu em 10.02.1914, em Campinas. Escritor, comissário de menores, oficial de justiça, foi também engraxate no centro de Rio Preto. Autor de *Pretos e Brancos* e *Somos Flores do Mesmo Jardim*. Amigo de minha família, é pai de Noriel Augusto dos Santos, meu companheiro de Juventude Espirita.

Representação Popular

Minas Kuyumjian Neto

A Câmara
Municipal
trabalha
a pleno vapor
e afinal
até mesmo
fora de horário:
como atender
a tanta
Chave de Ouro
votos de louvor
e títulos
– tantos títulos
de Cidadão
Honorário?

Mas para se jogar luzes sobre os bastidores da Revolução de 64 em Rio Preto, não bastam os documentos formais. A história verdadeira está diluída na lembrança de tantos que nunca almejaram escrever sobre o assunto. Outros, possivelmente, aguardam sinais contundentes mesmo de que a democracia se consolidou, para então deixar extravasar relatos soterrados por injunções diversas. A quem levará segredos inconfessáveis para o túmulo.

José Luiz Balthazar Jacob²³⁴, em seu livro *O Barbeiro e o Cirurgião*, mistura personagens reais com fictícios, que foram alcançados pelos tentáculos do horror. Quem lê o livro, de pronto “volta a fita” da memória e reconhece centenas de Sérgio Flores, Aldo Gouveia, Henrique e Eurico Khul²³⁵. Eram figuras já odientas por natureza ou transtornadas pela cadeia de rancor e desafeto que se instalava em ambos os lados da moeda. Como também pode o leitor reconhecer, aliviado, que existiram tantos outros Antônio e Jonas Silveira, exemplos de simplicidade, solidez de caráter e dignidade, que sobreviveram imunes ao vendaval ideológico que assolou o País. Vale a pena ler.

A instituição mais duramente atingida pelo movimento militar de 1964 foi a FAFI (hoje Ibilce/Unesp). As delações fizeram com que muitos professores fossem banidos da faculdade e da cidade. Alguns tiveram que se ausentar do País. Na lista dos banidos, anotamos: Arruda Penteado, Carlos Funari Proserpi, Casemiro dos Reis Filho, Estevão Nador, Flávio Di Giorgi, Jamil Almansur Haddad, João Jorge Cunha, José Aloísio dos Reis Andrade, Maurício Maurice Tratberg, Norman Potter, Orestes Nigro, Rodolfo Azzi, Sarah Rottembergue, Wilson Cantoni.

Pode-se dizer que “o pau comia” e eu anotava a passagem com muita singeleza: “*Assim como o nosso País enfrenta uma grave crise política,*

²³⁴ José Luiz Balthazar Jacob, médico cardiologista, articulista e escritor, nasceu em S. J. do Rio Preto, aos 20.08.1949. Tem artigos técnicos publicados no Brasil e no Exterior em sua área de atuação. Autor dos romances *A Verdade no Espelho* e *O Barbeiro e o Cirurgião*.

²³⁵ Personagens, de nomes fictícios.

*nosso conjunto também (só que não política). Pedrinho deixou-nos. Vavá não apareceu ao ensaio nem quarta, nem quinta. Tememos que ele deixe de tocar para nós. Quanto ao Paulo César, dos Labaredas, que está treinando há alguns dias conosco, deixará o conjunto se o Vavá sair e entrar o Luís Stefanini*²³⁶. *Puxa! O que está acontecendo?*” Eu tinha quinze anos...

Cada historiador escreve a história com as suas tintas. Em 1976, nota-se em *História do Brasil - Vol. III*, da Bloch Editores a parcialidade do historiador simpatizante da Revolução, não se sabe se fisiológico ou medroso.

“No início de 64, notou-se uma tendência do governo no sentido de tomar algumas medidas sociais e econômicas de caráter esquerdista, o que acarretou a repulsa da maioria do povo brasileiro. Estas medidas, aliadas ao fomento da indisciplina nas fileiras militares e ao desvario de manifestações sociais, fizeram com que os chefes militares reagissem.

*“(…) acontecimentos que ameaçavam a vida nacional (...) Em S. Paulo, o movimento foi bem recebido pela população, que o saudava nas ruas (...) conseguiram restabelecer a ordem*²³⁷ *e devolver a tranquilidade a toda a população.”*

Em 1998, em pleno regime democrático, *IstoÉ Brasil, 500 Anos* coloca o historiador mais à vontade que em 1976 e assim se posiciona quanto ao golpe militar:

“A Operação Limpeza (repressão) dura até 90 dias, prende milhares, tortura centenas e causa as primeiras mortes. No Rio, improvisa dois navios-prisão. Em Pernambuco, amarra e arrasta pelas ruas o líder camponês e ex-deputado do PCB Gregório Bezerra (1901-83). Até maio, os cassados chegam a 441 – entre eles Juscelino, Jânio e Jango. São 55 congressistas, sobretudo do PTB, diplomatas, militares, sindicalistas, intelectuais. Há 2.985 funcionários civis e 2.757 militares demitidos ou forçados à aposentadoria. A Linha Dura elabora lista de 5 mil ‘inimigos’.

*“A onda de golpes e ditaduras militares na América Latina dos anos 60-70 baseia-se, com adaptações, na segurança nacional. E em nome dela, recebe dos EUA*²³⁸ *apoio político-diplomático, econômico e em alguns casos militar (...) Entre o golpe de 64 no Brasil e o de 73 no Chile, a maior parte do continente cai sob regimes impostos pelas Forças Armadas. Embora com peculiaridades nacionais significativas, o fenômeno tem traços comuns. O militarismo, endêmico na região desde o século 19, assume nova feição: o velho caudilhismo dá lugar a ditaduras impessoais, onde as instituições militares detêm o poder, a tortura e ‘desaparecimento’ de opositores se difundem” – IstoÉ Brasil, 500 Anos.*

É comum afirmar-se que o rio-pretense foi, de forma acentuada, conivente com a Revolução. Gente que ideologicamente nem era de esquerda foi presa,

²³⁶ Luís Stefanini, filho de João Stefanini e Ana, irmão dos gêmeos João e Hugo de Lima Stefanini. João (pai) foi autor de *Poeira da Vida* (1933), *Pedra Rolada* (1941). Mais tarde, lançaria, *Casa Branca* (1967) e *Ívana, a Mulher de Duas Vidas* (Ed. Edicel, 1983).

²³⁷ Após a renúncia de Jânio Quadros, em 25.08.1961, havia uma grande celeuma entre os militares quanto à posse ou não do esquerdista e getulista João Goulart, renunciando enfrentamentos. Uma alternativa conciliatória para que Jango pudesse assumir era a de redução de seus poderes. E ele assumiu, em 07.09.1961, com limitações impostas pelo regime parlamentarista. Esse sistema de governo durou até o plebiscito de 06.01.1963, quando foi derrubado, diante da ofensiva presidencialista. Os extremistas traduziram o plebiscito como um golpe comuno-janguista. “Na realidade, o ponto de partida da conspiração pré-64 é a posse de Jango, em 1961. Os focos de descontentamento civil e militar se mobilizam” – *IstoÉ Brasil, 500 Anos*.

²³⁸ Os Estados Unidos, desde 1961, guardavam distância de Jango.

porque era denunciada por alguém, por inveja ou por motivos particulares. Prendia-se e interrogava-se depois. Até provar que focinho de porco não era tomada... Sabe-se que muitos gostariam de esquecer o momento tenebroso. É Antonio de Queiroz Pereira Calças que faz uma ressalva importantíssima – “ao tentar esquecê-lo, corre-se o risco de um reencontro no futuro.”

“Considero que eu tanto quanto você”, diria Paulo César em julho de 1999, “não tínhamos consciência do que acontecia. Acho que eu era até um conservador, da mesma forma que a maioria dos rio-pretenses. Hoje, mais amadurecido, tenho uma visão política mais clara e o Golpe foi uma subjugação flagrante aos interesses dos Estados Unidos. A CIA teve participação decisiva na Revolução de 64. Não foi revolução para o povo, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade quis deixar transparecer.

“Acho que só mesmo com o AI 5, em dezembro de 1968, é que percebemos a ditadura pra valer e tivemos consciência de que não era apenas a prisão temporária de políticos que apoiavam Jango. Começamos a perceber, como cidadãos, que as pessoas estavam sendo perseguidas, torturadas²³⁹ e desaparecendo”, ponderaria Altino, na mesma oportunidade. A frase de Altino me faz recuar no tempo. Era 1964, Rio Preto, esquina da XV de Novembro com a Siqueira Campos. Eu presenciava um diálogo dele com Dorgival Henrique, que quase se deteriorou e chegou às vias de fato. Altino, com idéias reacionárias. Dorgival, lucidamente, antevendo coisas de que Altino só se aperceberia com o andar da carruagem. “Mande um abraço para o Altino”, diria ele quando nos encontramos em Brasília, na porta da Fundação Educacional.

Foi em 1964 que surgiu a euforia de se saldar as dívidas imensas do Brasil. A campanha do “Ouro Para o Bem do Brasil” provocou uma onda de patriotismo e o rio-pretense, como todo brasileiro, doou suas correntinhas, alianças e outras jóias de valor estimativo, às vezes incalculável, recebendo em troca um arremedo de aliança de metal. Um posto de recebimento ficava na Galeria Bassitt, perto das escadas helicoidais. A Cadeia da Amizade, formada pelas emissoras da cidade, transmitiu a abertura da campanha.

Em fevereiro de 2000, Balthazar Jacob me diria: “Acredito que o período imediato após a revolução de 31 de março de 1964 trouxe uma sensação de segurança e até de alívio para a grande maioria da população rio-pretense. Isso, de maneira geral, ocorreu em todo o País. Existia um clima de convulsão social iminente, que poderia ser ‘magicamente’ sanado pela revolução. O apoio posterior que foi dado à manutenção dos militares no poder, se deve, em minha opinião, a dois fatos: primeiro à desinformação; já que não havia veiculação dos verdadeiros acontecimentos, devido à censura dos meios de comunicação. A censura literária também corroborou para essa desinformação – perdera-se o acesso a teorias que não condiziam com os anseios do poder constituído.”

E Jacob continua seu plausível raciocínio: “O segundo fator foi a repressão deflagrada no País, que espalhou o pânico nas famílias, fazendo com que até

²³⁹ O Ato Institucional nº 5 fechava o Congresso, suspendia o direito de *habeas-corpus* aos acusados de crimes contra a segurança nacional, restabelecia ao presidente os poderes de intervir nos Estados e Municípios, cassar mandatos e suspender direitos políticos. Instaurava a censura aos meios de comunicação. A tortura tornava-se uma instituição.

pais conscientes da realidade vigente procurassem manter seus filhos num estado de alienação, com o intuito de protegê-los. Ao mesmo tempo, pessoas com idéias liberais se calavam e concordavam com o regime, para evitar qualquer envolvimento com os órgãos da repressão. Acredito que nas cidades do interior, como Rio Preto, as grandes vítimas tenham sido os jovens e adolescentes – entre 15 e 24 anos de idade – que se viram impedidos de ter um acesso a uma formação cultural mais ampla. Com o início da abertura política, parte desta população jovem saiu ‘desesperadamente’ atrás dos conhecimentos ‘perdidos’; e parte permaneceu na desinformação, porque aprendeu a viver alienada dos fatos.”

As declarações do cardiologista e escritor Balthazar Jacob chegaram via Internet, mas eu estivera em 28.01.2000 com ele, em seu consultório no IMC²⁴⁰. Em casa de uma amiga, no edifício IPESP – onde seu pai, o professor Jacob, morara na mesma época em que era colega de trabalho de meu sogro²⁴¹ – eu havia folheado um livro recente que lançara. E interessara-me. Deixei-me levar pela intuição e resolvi procurá-lo. Tínhamos pelo menos um mínimo em comum. Era mais um livro que necessariamente teria que ler, além do de Amaury Júnior²⁴² que havia me sido presenteado de manhã por dona Clélia, mãe dele. Os dois abordavam Rio Preto. Já estava me acostumando com os desdobramentos naturais do meu projeto, que mais do que certo protelariam a data de lançamento.

Ainda sobre o Golpe, Alexandre Macedo, radialista, fazia considerações interessantes em julho de 1999: “O período da Revolução foi muito difícil para o rádio. O Coronel Daniel Milazo era o terror da censura em Rio Preto. Estive em situações delicadas. Uma delas foi a entrevista de Aloysio Nunes Ferreira Filho ao Amaury Júnior. Outra foi quanto a um texto do João Albano sobre o exército, em que ele incitava os militares a candidatar-se às eleições... Mas o pior mesmo foi o fechamento da Difusora e da PRB-8, em 1968, uma escola do rádio.” Alexandre destaca ainda: “O pai do Aloysio não se conformava com os cartazes em que figurava o seu filho como assaltante de bancos, à época em que exilou-se na França.”

Estava quase desistindo de falar com Aloysio. Afinal, agora ele era ministro. Pensei que minha correspondência para ele, de seis meses atrás, se extraviara, mas vim a saber que uma assessoria zelosa encaixotara minha carta e meu livro²⁴³ com dedicatória e tudo. A data de 09.09.1999, cheia de simbolismos, provocava mil conjecturas cabalísticas, entre bons e maus agouros. Mas foi em nove de nove de noventa e nove que Aloysio me ligou. As primeiras gotas de chuva começavam a cair, depois de cem dias de secura em Brasília. As conjunções numéricas, então, para mim eram positivas.

— Aristides, apareça para conversarmos. Pode ser lá em meu gabinete mesmo.

A primeira pergunta que Elise, minha esposa, fez após o telefonema foi: “Ele tocava alguma coisa naqueles tempos?...” Se o livro era sobre um conjunto musical...

²⁴⁰ Instituto de Moléstias Cardiovasculares de S. J. do Rio Preto.

²⁴¹ Camilo Fernandes Costa.

²⁴² *Flash Fora do Ar – Revelações e Histórias dos 18 Anos do Programa Flash* (Ed. Elevação, 1999).

²⁴³ *Estágio no Planeta Terra* – LGE, Brasília.

Salve 1964! Eu ajudei minha Pátria
Fulano (era preenchido o nome do
desprendido patriota)
participou da Campanha
“Ouro Para o Bem do Brasil”

Assinavam o certificado:
Dr. Aristides Lopes (pelo Rotary)
Dr. Alfredo Migliori (pela Comissão)
Eládio Arroyo Martins (pelo Lions
Club)

Colaboração da Rádio Independên-
cia e Irmãos Giovinazzo

O enfoque no caso era outro, expliquei. Mas pensando bem, Aloysio tocara sim. Tocara o carro do líder comunista Carlos Marighella, tocara afinado também sob a batuta de Joaquim Câmara Ferreira, o Toledo, em tempos da Ação Libertadora Nacional. Se as coisas não tivessem dado certo no assalto ao trem pagador, na Santos-Jundiaí, em 10 de agosto de 1968, Aloysio tocaria um instrumento singular – a metralhadora. Se realmente tivesse que tocar algum instrumento, provável Aloysio tocaria algo que pudesse fazer par com Fernando Henrique Cardoso, não importa se sopro ou corda, para dar mais brilho aos dias em que os dois somavam esforços na luta pela redemocratização do Brasil. Em 1986, a dupla de amigos passeou pelo calçadão de Rio Preto em campanha. Nesse caso, bem combinaria um violão e uma viola. Aloysio foi eleito deputado estadual. Fernando Henrique, senador. Depois de voltar da França, em 1979, onde exilou-se desde 1968, nosso ex-guerrilheiro tocou também na orquestra das “diretas já”. O maestro era o sempre lembrado Ulysses Guimarães.

O leitor atento poderá perceber que não só Alexandre Macedo cita Aloysio. Sylvia Purita já mencionou seu nome nestes relatos, sempre com conotação de contra-revolucionário-de-64. Ivan Baraldi, igualmente, o fará mais adiante. No que concerne ao pai de Aloysio, é citado por mim em dois momentos. Oportunidade interessante, então, para colher alguns depoimentos de Aloysio, porque nem tudo são rosas nos comentários, depois das andanças de Aloysio pelo mundo da política. O melhor jornal de Rio Preto, orgulhoso de seu deputado agora ministro, demonstraria um carinho imenso por ele. Mas as farpas são inevitáveis para quem já fora parar em cartazes de “terroristas procurados”, disfarçado de Mateus. Seu “curriculum” somava dois assaltos a carro-pagador. Hoje²⁴⁴, almoça com Antônio Carlos Magalhães. “É um cara que pula de barco em barco para não perder espaço, mas não posso negar que é um ótimo articulador político, muito

²⁴⁴ Outubro de 1999.



Calouros da UnB em um ano explosivo – Antonio Danilo Morais Barbosa, Maria Cecília Carareto, Aristides Coelho Neto, José Carlos Cannizza, Arnaldo Lopes, José Luiz dos Santos e Percy Blanco – 23.03.1968



Passeata de calouros da Universidade de Brasília na W3 - Antonio Danilo e Aristides – 23.03.1968

melhor que o Pimenta da Veiga”, diria o ex-vereador petista de Rio Preto, Marcos Rillo, no *Diário da Região*, de 17.07.1999.

Se Nilce Lodi, que viu o menino Aloysinho nascer e crescer, escrevesse a história do nosso ministro, teríamos, quem sabe, um enfoque carinhoso, numa história cor-de-rosa, de quem o conheceu desde menino. Mas se deixássemos para o Cláudio Humberto²⁴⁵, os enfoques seriam mordazes: “...era o ministro Aloysio Nunes Ferreira Filho (no aeroporto de Congonhas), certamente saudoso dos tempos em que encarnava Nicanor Fagundes, seu codinome na guerrilha urbana. Ele era o motorista de Carlos Marighella, antes de se converter ao ‘quercismo’ e, depois, aos ‘tucanos’.” Cláudio só é ameno na chamada – “o passado te absolve”.

Mas a oportunidade de estar com Aloysio para ouvi-lo sobre si mesmo se perdeu. As secretárias me ligaram desmarcando nosso encontro de 23.09.1999. Desmarcaram, da mesma forma, o de 04.10.1999. E eu não quis continuar tentando. Entre deputados, governadores ilustres e o próprio Presidente da República, eu sempre seria preterido, o que é óbvio, após engraxar os sapatos, tirar o terno do cabide, passar a camisa mais apresentável, fazer o nó da gravata meia dúzia de vezes até ela bater na cintura. Assim, desisti das marcações. E disse ao Paulo José, seu chefe de gabinete: “Paulo, fico me esquematizando, fazendo peripécias mil com meus compromissos, para na última hora me deixarem pra depois. Diga ao ministro que só vai dar certo se for fora do Planalto, num boteco, na minha casa, onde ele quiser, descontraidamente, ele até de bermudas, eu com a minha *jeans* surrada. Fazendo de conta que ele ainda é ‘guerrilheiro’.” Que petulância essa minha!

Voltemos a Nilce Lodi para saber sobre Aloysio. Ela é mais velha que ele oito anos. “A família do Aloysinho – pais e avós – eram nossos vizinhos. Casas separadas apenas pelo muro. Uma convivência muito agradável. Vizinhos excelentes, amigos de verdade. Amizade que fazemos gosto e questão de manter – Aloysinho, Maria Cecília, Heloisa... A mesma amizade que unia meus pais aos avós maternos do Aloysinho – dona Odila e seu José Beolchi. Quando nos encontramos é sempre motivo de grande satisfação.”

Uso a expressão “discursos sobre caixotes de cebola” para saber de Nilce quanto à vocação política precoce de Aloysio. Ela, então, esclarece: “Não havia discursos sobre caixotes, não. Mas, desde pequeno ele dizia que iria ser advogado. E foi. Quanto à política, só me recordo que Dr. Aloysio (pai) foi muito atuante e fez uma longa carreira política. O filho seguiu as pegadas do pai. E o aluno superou o mestre.”

Antes de nos reportarmos aos *Asteróides*, uma curiosidade. Sabe-se que nesse período, abril de 1964, a cantora Elis Regina²⁴⁶ estava-se transferindo para São Paulo. Havia gravado discos de *calypsos*, *rocks* e boleros. Firmar-se-ia definitivamente como expressão da música brasileira a partir de abril de 1965,

²⁴⁵ Cláudio Humberto Rosa e Silva, jornalista – *Jornal Comunidade* – Brasília, 19 de setembro de 1999.

²⁴⁶ Elis Regina Carvalho Costa, cantora, nasceu em Porto Alegre, em 17.03.1945. Apresentou-se pela primeira vez aos onze anos de idade na Rádio Farroupilha de Porto Alegre. Seu primeiro disco, *Viva a Brotolândia*, de 1961, continha *calypsos* e *rocks*. Depois disso gravou dois discos de boleros. A partir de 1964, começa a participar de *shows* de bossa nova no Teatro Paramount de São Paulo, assumindo então o posto de uma das maiores cantoras que o Brasil conheceu. Seu talento foi reconhecido mundialmente, a partir da divulgação de trabalhos seus com nomes de peso da música brasileira, e de suas excursões ao Exterior – *Enciclopédia da Música Brasileira*.

quando interpretou *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinícius de Moraes no I Festival de Música Popular Brasileira, da TV Excelsior de São Paulo.

Perto de unirem-se Labaredas e *Asteróides*, Altino andou tocando no Araújo Neto (*Peter Gun* e *Stick Shift*). Em 11 de abril, Altino e eu nos apresentávamos na casa do José Augusto Fraga, numa brincadeira dançante por ocasião do aniversário de Maria Tereza. No entra-e-sai, chegam Reinaldo Amaral²⁴⁷ (tinha bateria, que bom!), Mustafa Jamal²⁴⁸ (tinha duas guitarras, pra lá de bom!) e Dácio Marçal. O leitor pode até comentar que um excelente cartão de visitas para alguém se aproximar do nosso conjunto era possuir um instrumento. Vavá iria embora. Diz o *diário* que acertamos os ponteiros “em frente à caixa-d’água da Redentora”. Diz também que “mais tarde, soubemos, estava o Vavá ensaiando com os Big Boys”. Ora, hoje sei que Vavá precisava ganhar dinheiro, tocar profissionalmente, para sobreviver. Nós éramos bem amadores e iniciantes. Vimos a saber mais tarde que Vavá fora dispensado dos Big Boys por ele ser “de cor”. Caso fosse verdade, seria um desclassificado absurdo²⁴⁹. Inocêncio Amaral Júnior acha improvável essa versão. Uma interpretação errada do Vavá, quem sabe...

²⁴⁷ Reinaldo, filho de Inocêncio Amaral, farmacêutico, nascido em 1912 e falecido em 1992. Reinaldo Amaral nasceu aos 08.05.1949. Diretor de escola, seu *hobby* principal hoje é a música. Tem um acervo de quase 5 mil CDs e dá cursos de Educação Musical e História da Música, em Rio Preto.

²⁴⁸ Existiu outro Mustafa Jamal, comerciante, nascido no Líbano em 1892, falecido em 1978. Foi um líder muçulmano rio-pretense. Os árabes chegaram a Rio Preto por volta de 1890. Na sua maioria libaneses, eram tratados como “turcos”. Atuavam, a maior parte deles, como mascates. Os negócios dos árabes prosperaram a tal ponto que, em 1898, dominavam mais de 60% do comércio do município. A reação dos comerciantes brasileiros foi inevitável e veio na forma de leis municipais, que visavam dificultar a vida dos mascates. Eram taxas e impostos às vezes absurdos. Com o passar do tempo, os árabes não se limitaram a impulsionar apenas o setor de comércio de Rio Preto. Fundaram escola, entidade beneficente, clubes. E começaram a despontar os primeiros líderes políticos de origem árabe, quando, em 1947, são eleitos vereadores Bady Bassitt (que viria a ser prefeito e deputado estadual) e Waldemiro Naffah. Teríamos ainda mais dois prefeitos descendentes de árabes: Lotf João Bassitt e Wilson Romano Calil – *Dicionário Rio-Pretese*.

²⁴⁹ “A Câmara Municipal aprova em 14.04.1959 requerimento de H. Salim aplaudindo o presidente da República, Juscelino Kubitschek por ter suspenso jogo da Portuguesa Santista na África do Sul, por causa da segregação racial” – *Dicionário Rio-Pretese*.

OS ANOS DE CHUMBO

A era JK foi uma feliz exceção na vida política do País. Seu sucessor, Jânio Quadros, renuncia depois de seis meses no cargo e o vice, João Goulart, assume, depois de muita confusão.

Não tinham se passado 20 anos do fim da ditadura Getúlio Vargas, quando o País sofreu mais um golpe na sua curta vida democrática, com a quartelada que destituiu João Goulart da Presidência, em 1º de abril de 1964. Os militares, que tomaram o poder para afastar a “ameaça comunista”, gostaram tanto que não queriam mais sair, assim como os colegas de farda de outros países da América Latina.

Os regimes militares, financiados pelos Estados Unidos, marcaram as décadas de 60 a 80 no continente, com destaque para as sangrentas ditaduras na Argentina do general Jorge Videla e no Chile de Augusto Pinochet. Só na Argentina, mais de 10 mil pessoas somem durante a ditadura.

No Brasil, de Castello Branco a João Figueiredo, foram cinco os presidentes militares do regime de exceção, marcado pela cassação de políticos, repressão, censura, guerrilha, seqüestros de embaixadores estrangeiros, assaltos a bancos, prisão, tortura, exílio e assassinato de opositores, além de protestos da sociedade e atentados como o do Riocentro, em 1981.

Em 1979, festa nos aeroportos: “Estou voltando”, gritam Gregórios, Gabeiras, Brizolas, Marias e Joões – é a anistia. Em 1984, a campanha das *Diretas Já*. O Brasil só voltou a ser governado por um civil em 1985 – José Sarney. Em 1989, depois de quase 30 anos, o povo votou para presidente e elegeu Fernando Collor. Escolha infeliz. Acusado de corrupção, Collor foi o primeiro presidente a sofrer um *impeachment* da história do País.

Kido Guerra – *Correio Braziliense* – edição de 31.12.1999, pág. 23.

Altino faz um revelação interessante trinta e cinco anos passados: “Existia um racismo latente e às vezes manifesto nas pessoas. Se você não se lembra, fomos elogiados por um radialista quanto ao fato da mudança na formação do grupo, por termos agora ‘embranquecido’ o conjunto, com a entrada do Flávio, Carangola e Paulo César.”

O garoto que chegava fazia catorze anos em maio. Era excelente. O pai dele, seu Aragão, era músico profissional. Flávio²⁵⁰ lia partitura e tinha um ouvido ótimo. Improvisava com facilidade. Seu pai já não era de improvisar. Havíamos visto seu Aragão tocar numa apresentação lá no Sírio-Brasileiro²⁵¹.

Flavinho praticamente cresceu numa sala de ensaio. Em Guararapes, quando nasceu, em 1950, seu pai trabalhava como contador em um escritório da cidade e como músico da orquestra Pedrinho de Guararapes. Renato Perez tocava nessa orquestra. Quando se mudou para Jaboticabal, seu pai participou da Orquestra Sul América.

Já em Catanduva, por volta de 1954, senhor Aragão tinha uma bela orquestra, a Marajoara, que fazia bailes por todo o Estado e, às vezes, Minas, Paraná. Tocavam tudo do Glenn Miller e de outras bandas americanas. “Meu pai contratou muitos músicos do Rio e de São Paulo. Foi a sua ruína. Parou com a música”, afirma Flávio. Mais tarde, a família mudou-se para Ibirá e, em seguida, para Rio Preto. Veio então a fase dos *Asteróides*.

Rádios como a Cultura nos esperavam. Porém, havíamos dado início a um período de intensos ensaios. Dácio não estava aparecendo e andamos ouvindo-o cantar na PRB-8, num programa dedicado às mães. Mustafa Jamal também, pouco aparecia, pois estudava à noite.

“Lembro-me certa vez quando estive na casa do Mustafa”, diz Altino. “Passou uma garota bonita na calçada. Jamal não perdeu a oportunidade e disse: ‘Desde quando boneca anda?’, ao que o pai dele retrucou “na lata”: ‘E desde quando macaco fala?’”

Quando indago de Paulo César, em 1999, se Mustafa Jamal só emprestava instrumentos ou se tocava, ele é categórico: “Mustafa tocava sim. Fazia guitarrabase, se bem que o trivial. Éramos, nos Labaredas, eu, Jamal e o Farouk. Quando tocamos no Instituto Penal Agrícola, os presos nos aplaudiram de pé.” E eu imagino os presos todos de pé, querendo sair do auditório, mas com aquela falta de mobilidade, bola de ferro amarrada ao tornozelo... Influência das histórias em quadrinhos... desculpem.

Quando estivemos juntos, Paulo, eu e Altino, em 25.07.1999, em sua casa, ele revela que Paulo passava nota por nota os acordes do violão para que reproduzisse ao piano. “Eu não encontrava quem me ensinasse música popular.”

²⁵⁰ Flávio Ferrari Aragon nasceu em Guararapes, SP, em 15.05.1950. Filho de Rafael Aragon e Alda Ferrari, professor universitário de Matemática, reside atualmente em Botucatu, SP.

²⁵¹ O Clube Sírio-Brasileiro passou a ser chamado assim a partir de 1958. Foi inicialmente conhecido por Sociedade Jovens Syrios, nome com que foi fundado, em 18.09.1922. Marcou época nas décadas de 30 e 40 por suas promoções e realizações culturais. Além de encontros musicais e literários, promoveu campanhas como a Campanha da Higiene Dentária, em 1954.

Altino, então, perde um tio²⁵² e deveria ficar sem ensaiar pelo menos por uma semana. Mas buscou alternativas e ensaiamos na casa do Reinaldo, na Delegado Pinto de Toledo – num canto da sala, Big Boys, no outro, *Asteróides*. Ensaíamos também na casa da Cecília²⁵³. Nosso problema agora era baterista.

Numa segunda-feira, 18 de maio, apresentávamo-nos, somente Altino e eu, na PRB-8. Estávamos elegantes, de terno preto. Quando executamos *My Bonnie*, quem nos acompanhou foi o baterista Ney Lima. Ele deu a introdução (isso mesmo!) e só nos restou acompanhá-lo. Em seguida, Altino, Ditinho, Ney, Baltazar e Erlon apresentaram *Bata Baby*. Não se ouviu o pianista, que tocara de pé, como Jerry Lee Lewis.

Em *Let's Twist Again* – eu cantava – Mário Longhi²⁵⁴ levou o microfone para o piano, eu fiquei a ver navios. Ney “assassinou” a música e Ditinho atrapalhou tudo com a guitarra. E o auditório gostou e pediu bis... Veio depois *Hully Gully Baby* e o Ditinho ficou só olhando, para nossa tranqüilidade. E nessa confusão, o Araújo Neto sorria, sorria e dançava.

Pouco eu teria para falar sobre o Araújo²⁵⁵. Deu-nos muita força. Iniciou sua carreira de radialista na PRB-8, em 1956, com *Conversando com a Saudade*. Atuou também nos programas *Show de Graça* e *Clube da Cirandinha*. Mais tarde, de 1976 a 86, fazia o *Alô Motorista*, na Rádio Independência.

“Araújo Neto tinha uma voz bonita”, relembra Alexandre Macedo. “Certa vez pediu ao Wilson Guimarães para escrever algo para ele ler no *Conversando com a Saudade*. Araújo não analisou antes e saiu no ar do jeitinho que estava. Uma coisa mais ou menos assim: ‘Era noite. Chovia. Os raios dardejantes do sol iluminavam o espaço...’”

É Roberto Toledo²⁵⁶ quem menciona Araújo Neto também. Nossa conversa aconteceu em seu minúsculo gabinete na Câmara Municipal, em 26.01.2000. “Não repare as instalações precárias”, disse ele. “Acho que são mais condizentes com esse papel de representante do povo”, emendei. Ele entendeu que eu me referia a Brasília e às pompas absurdas de muitos gabinetes, que com frequência acontecem tanto nas Assembléias Legislativas como nas Câmaras Municipais.

Eu havia escrito para ele e Valéria em setembro de 1998. Com ela, eu havia falado por telefone dois meses antes. Explicara na carta o espírito do meu

²⁵² Mário da Fonseca Rosas, farmacêutico de Santa Fé do Sul.

²⁵³ Maria Cecília Carareto, filha de Adelino e Cecília, morava na rua Saldanha Marinho. Tal ensaio foi em 15 de maio, aniversário do Flávio, que completava 14 anos.

²⁵⁴ Mário Longhi, compositor de música popular brasileira e sertaneja, tocava violão elétrico. Seu ritmista na PRB-8 era o Taruga. Mário, nascido em Itapira, SP, aos 05.09.1916, casou-se com Maria Domingues. Formou a primeira dupla sertaneja de Rio Preto: Flausino e Florêncio, gravando, de 1938 a 42, dez discos de 78 rpm. A dupla, que iniciou sua carreira na PRB-8, apresentou-se também na Record e seu maior sucesso foi *Saudade de Rio Preto*. Mais tarde, nova dupla: Flausino e Hortêncio, em 1942, gravando dois discos. Longhi integrou a Jazz Paulista, a Orquestra Paratodos, a orquestra do Cassino de Ibirá, a Pedrinho de Guarapetes e a Orlando e Sua Orquestra. Na época d'*Os Asteróides* era Mário Longhi e Seu Regional.

²⁵⁵ Pedro Araújo Neto nasceu em Virgínia, MG, em 07.07.1928, falecendo em 04.03.1996, em Rio Preto.

²⁵⁶ José Roberto Toledo nasceu em S. J. do Rio Preto, aos 12.12.1945. Radialista, jornalista, vereador nas legislaturas 1993/96 e 1997/2000, já foi vice-presidente da Câmara Municipal de Rio Preto. Apresentador de TV, Secretário de Turismo, Eventos e Cerimonial de São José do Rio Preto, entre 1997 e 1998, é casado com Valéria Saletti de Toledo, radialista.

livro e que estava à cata de depoimentos. Ao mesmo tempo em que citava personagens da história de Rio Preto para os quais eu convidava as pessoas a tecer comentários, fazia perguntas sobre a família de Valéria. Queria saber mais a respeito de Hamilton Saletti, seu primo, de seus pais Paulo e Nenzinha, de Du, Brasil, Lourdes, seus tios. Fazia considerações sobre a coluna do Roberto e apontava que o *Bom Dia* indicava nele um sentimento altruísta de ajudar as pessoas e contribuir para mudar um pouco o nosso mundo conturbado. Manifestava, ainda, interesse em ter as edições de domingo da *Folha de Rio Preto*, desde a data de aniversário da cidade em julho último. Remetia um livro meu, lançado recentemente, e dizia que, se quisessem divulgá-lo, estava disponível na Martins e na Espaço. Finalizava eu esperando que enriquecessem os meus relatos e que eu não esqueceria os créditos.

O início d'*Os Asteróides* coincidiu com o início da carreira de Toledo, em 1964. “Eu trabalhava na Casa Pisante e fazia teatro com o professor Nelson Castro. Encenamos *O Pagador de Promessas*, em que assumi o papel principal. E lotamos o Cine Ipiranga. Fiz também *A Raposa e as Uvas*. No Círculo Operário era eu quem apresentava as esquetes²⁵⁷. Havia me submetido a um teste no rádio, ao final de 1963, com uma ajudazinha de minha mãe²⁵⁸, que havia abordado um dia o Araújo Neto na rua. Mãe é mãe... Por falar em Araújo, em função de seu programa dedicado aos motoristas, era sempre requisitado para ir à frente do curso no dia de São Cristóvão. Tinha um carinho muito grande por ele. Quando entrei na PRB-8 era época dos Muanis – Adib, César e Rubens – e do Fouad Mimessi”, relembra, com sua voz impostada de eterno locutor.

Era com Toledo a abertura do programa *Clube da Cirandinha*. Introduzia os violeiros Firmino e Fidêncio, que formavam um trio com o sanfoneiro Geraldino. “Apresentei Os Cometas por muitas vezes”, complementa. “Fiz o *Movietone Esportivo*, junto com Paulo Serra Martins e Antônio Carlos Parise. “Na Rádio Cultura, era ao lado da B-8, eu fazia a *Oração da Ave-Maria*, com a irmã Izaltina Maria, missionária de Jesus Crucificado. Acho que essa experiência foi marcante e é bem possível que tenha influenciado definitivamente essa minha propensão às coisas espirituais”, comenta Roberto Toledo. Entre os atendimentos que faz ao público, Roberto folheia os originais que lhe apresento. Chama-lhe a atenção a parte em que mencionamos o desastre do Turvo. “Eu tocava corneta na fanfarra. Meu patrão não me permitiu ir... Como são as coisas... Acho que eu não fazia parte da programação lá de cima...”, diz ele, numa alusão direta ao controle do Pai Criador.

Mas o rádio, segundo ele, não promovia um retorno financeiro. E logo em 1965 abandonou a carreira, só voltando em 1968, na Rádio Independência. “O ano de 1969 marcou minha escalada definitiva, quando fomos defender Rio Preto no *Cidade Contra Cidade* do Sílvio Santos.”

Ao mencionar a Difusora, o primeiro nome que Toledo cita é Frazão, “um dos maiores apresentadores de auditório que Rio Preto já teve. Depois dele, o Silveira Lima, o nosso Sílvio Santos.” Relembra um fato interessante: “A Difusora

²⁵⁷ *Sketch*: pequena cena de revista teatral, ou de programa de rádio ou televisão, quase sempre de caráter cômico.

²⁵⁸ Ione Toledo.

e a PRB-8 foram as únicas rádios a serem declaradas peremptas²⁵⁹ pelo Ministério das Comunicações.”

Antes de nos despedirmos, Roberto, na sua espontânea simplicidade, pergunta a mim: “O que acha deste texto?” Era uma nota que sairia na *Folha de Rio Preto* do dia seguinte, mensagem a Valéria pelo aniversário de casamento. Não havia o que retocar.

“Mande pra mim esse sumário do seu livro. Quero apresentá-lo ao José Luís Rey. Acho que ele poderá dar uma força para a edição”, diz Roberto, enquanto nos despedimos.

Os ensaios já haviam recomeçado. Nesse ir e vir, despejamos quem nem tinha entrado: Jamal e Reinaldo. Dácio andava afastado. Parto então para, além de cantar, a tocar bateria – mas tínhamos só uma caixa ainda. E andei procurando pelo Bongô, baterista e ritmista, para sondá-lo quanto à possibilidade de tomar algumas aulas. Mas, na procura por baterista, acabou aparecendo o Carangola.

“O primeiro disco que comprei, foi atendendo a uma sugestão do Bongô. Paramos em frente às Lojas Peri e ele me indicou um do Stan Getz com o Bob Brookmeyer – trombone de válvula. Tenho-o até hoje e o ouço sempre com prazer”, diria Flávio, décadas mais tarde, ligando a grata imagem do baterista Bongô à sua formação musical, numa sugestão revestida de extremo bom gosto.

“Bongô era um cara incrível. Toda vez que havia um *show* com piano, subia, ao final, no palco. Fazia um improviso e as pessoas acreditavam que ele era um pianista. Mas ele não sabia nada de teclas”, comenta Altino em 1999.

Só vim a descobrir o nome de Bongô, pouca gente sabe, ao deparar com a ficha técnica de um disco de 1966, do qual ele participou na bateria – *As Meninas do Lar de Fátima*, regido pela Irmã Maria Angelina. Bongô se chamava Agenor Garcia. Piano e órgão estiveram a cargo de Roberto Farath. Contrabaixo: Joaquim Pereira dos Santos, o Manivela²⁶⁰. Messias Mattos sugeriu e produziu o LP, como forma de angariar fundos para a instituição, que passava por maus momentos. O texto de contracapa foi dele. A foto da capa, do saudoso Jaime Colagiovanni.

Começávamos a pensar na confecção de uniformes. Perspectiva de apresentação, somente no aniversário da Regininha²⁶¹, em 30 de maio. No dia da festinha, ficamos frustrados – o pai dela não deixou levar o piano²⁶² para fora. Mesmo assim, Altino executou algumas músicas para a turma²⁶³. “Sem uma

²⁵⁹ Perempção: do latim *peremptio*. Modo por que se extingue uma relação processual civil (ou penal, caso a ação pertença privativamente à vítima), por causas taxativas em lei, e que se fundam, por via de regra, na inércia, no desinteresse ou na emulação do autor (ou querelado). Cf. decadência.

²⁶⁰ Joaquim Pereira dos Santos (Manivela), violonista, professor de música, nasceu aos 12.05.1943, em Jales, SP. Foi integrante do conjunto Big Boys, nos anos 60.

²⁶¹ Regina Gomyde, hoje casada com José Carlos Casseb, morava ao lado do Cartório, na Marechal Deodoro.

²⁶² Naquela época, não havia os teclados computadorizados de hoje. Dependia-se, então, fatalmente do piano. Não era fácil um piano sempre à disposição.

²⁶³ Fundamos um “clubinho” chamado Jangada. Realizávamos brincadeiras dançantes, encontros musicais etc. Sede – casa dos Carareto, na Saldanha. Quem participava – os Carareto (Cecília, Marina, Ana Maria, Lúcia e Beto), as Reginas Gomyde e Lobanco, Paulo e Célia Fogaça, Paulo Bibi, Cinira Arruda de Almeida, Sílvia Menezes, Elaine e Ana Luíza Demonte, Rovi Bergemann de Aguiar, Dulce Borghesan, Carlos Braga, Márcio Piccinini, Emily Rosa Peres, José Carlos Casseb, José Urbano Cavalini, os irmãos Siqueira (João Alberto e João Luiz), José Celso Barbeiro, Antonio Danilo Morais Barbosa, Irineu Luiz Maia, Erasmo Renesto, Aristides Coelho Neto etc.

razão aparente, o senhor Gomyde me pediu para parar de tocar logo depois que iniciei”, recorda-se Altino. “Foi uma das maiores vergonhas que passei.” Regininha, bem mais tarde, já no ano 2000, dá uma explicação plausível: “Talvez fosse o tal limite das dez horas da noite, coisa dos antigos. O um e o zero significavam hora do silêncio, hora de voltar dos passeios, hora de dormir, coisas assim.” E era assim mesmo. E vejo meu pai, em tempos que se vão, de pijamas, dando corda no despertador, ostensivamente se mostrando para o sofredor pretendente de minha irmã, que namorava no alpendre: hora de dormir... dez horas da noite.

Em 31 de maio, estaríamos no *Brotolândia em Ação*, programa das 14 horas, comandado pelo Miguel Carlo. Miguel não estava. Em seu lugar o Wilson. Demair – o Carangola – não tinha bateria. Usou então parte da do Jockey Club, já que o Reinaldo, que havia nos emprestado a sua, tomou-a de volta pouco antes da apresentação. A seleção musical foi: *Peter Gun*, *Roberta*, *Runaway*, *The Jet*, *Let's Go*, *More* e *Blue Star*.

Paulo usava um copinho em *The Jet*. E Altino não se esquece de um episódio: “Na hora da música, a única coisa que o Paulo fazia era correr o copinho, aquele mesmo que minha mãe usava para servir meia-de-seda, pelo braço da guitarra. Estávamos certa vez no auditório. E no ar. Paulo havia esquecido o famigerado copinho no estúdio, dentro do estojo. O locutor anunciou a nossa música e saiu. Paulo saiu também. Ia atrás do copinho. Quando voltou, a PRB-8 havia ficado quase dois minutos fora do ar...”

Os ensaios prosseguiram. Carangola comprou uma caixa. Sintam as dificuldades – uma caixa somente, não uma bateria inteira. Começávamos a nos preocupar em ganhar dinheiro com a música. Era um imperativo. E não tínhamos nem bateria.

Em 12 de junho, sexta, Dia dos Namorados, estávamos nos apresentando na PRB-8, programa *Show Fim de Semana*. Auditório meio vazio, Paulo não muito bem. Na ocasião conhecemos a cantora Ieda Maria. “Será que eu estava passando mal porque era Dia dos Namorados e eu não tinha namorada?”, indaga Paulo em 1999. “Duvido”, rebate Altino.

Em 19 de junho, eu anotava no *diário* que “rolava a maior onda” na cidade com *Os Asteróides*. Haviam-nos convidado para tocar no dia seguinte na brincadeira dançante do 3º Científico do IEMG, mas como a casa não tinha piano, recusáramos. Mesmo assim, a cidade estava repleta de cartazes fazendo propaganda. O evento era notícia no programa *Pára ou Continua a Música* e na coluna do Cassius, do jornal *A Notícia*.

Nossa apresentação – era a nona, diz o *diário* – de 21 de junho de 1964, no *show* da Páscoa dos Estudantes do IEMG, aconteceu no auditório. Superlotado, por sinal. Já tínhamos um prefixo musical, que nos introduzia sempre – a música *Telstar*. De lá, quase ao meio-dia, saímos direto para a Difusora. A apresentação que faríamos no *Brotolândia em Ação* havia sido mencionada exaustivamente durante a semana, no programa *Cocktail da Juventude*. O comando do programa estava a cargo do Hélio. Novas músicas já estavam incorporadas ao repertório, como *I Wanna Hold Your Hand*, *Runaround Sue*, *Malagueña*, *The Blop* e *America*.

Entra em campo, então, um cidadão chamado Figueira²⁶⁴. Anoto no *diário* suas críticas considerando-as construtivas, ao mesmo tempo demonstrando um grande respeito pelas opiniões. Figueira, “um homem de cultura e admirador da juventude” elogiou-nos bastante, depois de nos ouvir. Disse que nossas músicas eram demasiado longas e que deveríamos encurtá-las. Disse também que, além de colocarmos as melhores músicas no início e no final dos *shows*, seria recomendável que obedecêssemos a uma seqüência musical variada, um *twist*, uma balada, um *hully*, e assim por diante. Ponderou que, como a promoção do conjunto estava a nosso cargo, tirássemos fotografias e as mandássemos, com um “sinóptico” para rádios e revistas da capital.

Figueira nos passou uma lista de músicas que poderíamos incluir no repertório. Eram sucessos de agrado do público, como *Georgine*, *Georgette*, *Au Revoir*, *Al Di La*, *Nessuno Al Mondo*, *All The Way*, *The Lady is a Tramp*, *Bewitched*, *Tonight*, *Maria*.

Segunda-feira, 29 de junho. Nosso Dia de São Pedro foi movimentado por duas apresentações na Rádio Rio Preto, a PRB-8, diretamente do auditório Raul Silva, no *A Batula é do Broto*. Tânia Maldonado, muito gentil, entrevistou a todos. Flavinho estava medroso. Ao terminar o programa, Brito nos chamou para ouvir a gravação.

— Pessoal, houve um problema técnico. Gravamos só o final: a última música, parte das conversas e o sufixo.

Foi nesse dia que, de supetão, Tânia nos perguntou: “Vocês conseguem sustentar um programa de quarenta minutos?”. E lá estávamos nós de novo no *Roleta Colorida* que foi apresentado no auditório, desta vez, de forma diferente, com a animação d’*Os Asteróides*.

Let’s Twist Again

Kall Mann & Dave Appell

Come on ev’rybody, clap your hands
Oh! You’re looking, good!
I’m gonna sing my song
It won’t take long
I’m gonna do the twist and goes like this

Come on let’s twist again
Like we did last summer
Yeah! Let’s twist again
Like we did last year

Do you remember when
Things really were hummin’
Yeah! Let’s twist again
Twistin’ time is here

Oh! Round and round and up and down we go again
Oh! Baby make me know
You love me so! And then...

Oh! Twist again
Like we did last summer
Yeah! Let’s twist again
Like we did last year

Come on let’s twist again
Twistin’ time is here!

²⁶⁴ José Dias Figueira era inspetor da Ford Motors do Brasil, da área de Promoção de Vendas e Serviços e meu pai trabalhava com Germano Sestini, representante *Ford* em Rio Preto.

César Muanis²⁶⁵, então, convidou-nos para tocar em seu programa, que seria na próxima quinta. Nesse mesmo dia gravamos algumas músicas com o Pereira Brito, por curiosidade. Era um dia movimentado! E à noite, *Os Asteróides* outra vez na B-8, no *Atrações Araújo Neto*.

— Ei, pessoal... vocês repararam que o auditório está reclamando nos intervalos, pedindo bis? Nós estamos com a bola toda... E a apresentação foi gravada!

E mais convites para tocar. Com Araújo, num programa dedicado à juventude. Possivelmente, no do César também, com cachê. Pela primeira vez, no *diário* eu me empolgava com o dinheiro à vista. Carangola não estava mais podendo pagar a prestação da caixa²⁶⁶ e assumiríamos a dívida. Era necessário entrar dinheiro. Além desse compromisso, estávamos gastando com táxi. Ninguém tinha carro.

Surgia a possibilidade de nos apresentarmos num *show* da Ford, a ser realizado no clube de campo do Palestra. Era o lançamento de um modelo de trator. Meu pai estava fazendo injunções nesse sentido. Teríamos que não só apresentar nossas músicas, mas iniciar com uma tal de *A Marcha Triunfal do Super Ford*. O problema de sempre, piano, estava resolvido. Flavinho, o único asteróide que não tinha terno preto, agora já tinha. Enquanto não vinha o uniforme, ternos iguais davam boa impressão. Aliás, os conjuntos de *rock* eram arrumadinhos. Até os Beatles. Usavam uniforme e, apesar de serem chamados de cabeludos, eram bem discretos.

As músicas dos Beatles eram lançadas em compactos simples ou duplos. Sensação boa ter uma música nova deles nas mãos. Era comum comprar-se nas Lojas Peri, da Bernardino de Campos, ao lado do Cine Rio Preto. Em minha casa, tínhamos uma sonata, vitrola simples acoplada a uma caixa acústica. Na parte superior, uma alça de se levar de um lado para outro.

Falemos algo dos Beatles. Pela quantidade de músicas que o grupo criou num espaço de tempo relativamente pequeno, podemos concluir que eram adeptos do “faça-você-mesmo”. No começo da carreira, faziam suas próprias composições melódicas, as letras e os arranjos vocais²⁶⁷. Isso facilitava o trabalho do seu produtor George Martin. “A música dos Beatles é impetuosa, pungente, desinibida, quente e exclusiva”, diria Tony Barrow, na apresentação do disco *Please Please Me*, fazendo alusão também à originalidade das músicas que produziam.

Mas sabemos que nem tudo que Beatles gravaram era deles. Exemplo disso são as canções *Chains*, *Boys*, *Baby It's You*, *A Taste of Honey*, *Twist and Shout*, *Till There Was You*, *Please Mr. Postman*, *Roll Over Beethoven*, *You Really Got A Hold On Me*, *Devil In Her Heart*, *Money*, *Bad Boy*, *Slow Down*, *Long Tall Sally*, *Matchbox*, *Rock And Roll Music*, *Mr. Moonlight*, *Kansas City*, *Words Of Love*, *Everybody's Trying*

²⁶⁵ César Abdo Muanis, jornalista, apresentador de rádio e TV, cantor, colunista social, nasceu em Altair-SP, em 25.05.1937. Começou a carreira na PRB-8, em 1956. Atuou na Rádio Piratininga, em vários jornais de Rio Preto e na TV Multicanal. Cantor do grupo Tangolero, autor do livro *Rio Preto e Branco*. Em 1968, esteve auto-exilado no Chile.

²⁶⁶ A dívida total era de Cr\$ 24 mil, em três de Cr\$ 8 mil.

²⁶⁷ O requinte experimental nas gravações viria com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) e *The Beatles* (1968).

To Be My Baby, I Me Mine, Don't Pass Me By, Act Naturally, Dizzy Miss Lizzy. Por sua vez, Harrison compôs algumas músicas, mas a dupla Lennon-McCartney concebeu a esmagadora maioria das músicas gravadas pelo quarteto.

— Hello, George, o Ringo Starr?
 — Não, foi Paul McCartney no correio.
 — Vou deixar um bilhete. Não deixe o John Lennon...

Dos quatro rapazes, Paul McCartney²⁶⁸, George Harrison²⁶⁹ e John Lennon²⁷⁰ eram compositores, guitarristas e vocalistas. Ringo Starr²⁷¹ era baterista, revelando-se mais adiante como vocalista em músicas como *Boys, Yellow Submarine Act Naturally, Don't Pass Me By, With a Little Help From My Friends*. Todos nasceram em Liverpool, uma cidade portuária, por onde chegavam as novidades vindas da América, que seguiam depois para o resto da Inglaterra e Europa. A localização de Liverpool é encarada por alguns como a principal causa de ela ter sido a origem do maior e mais revolucionário fenômeno musical popular da história, haja vista que, ao final da década de 50, enquanto a Inglaterra curti um gênero chamado *skiffle*, parecido com o *blues*, Liverpool formava as suas primeiras bandas de *rock* ao estilo americano.

Em 1956, Lennon, com dezesseis anos, formava a banda de *rock* The Quarrymen, numa alusão à escola Quarry Bank High School da qual todos os componentes eram alunos. Tocavam em igrejas e festas escolares. Lennon era o líder. Paul assiste a uma das apresentações e identifica-se de imediato com Lennon, nos gostos musicais, nas ambições. Logo, Paul assumia uma das guitarras no grupo.

Foi Paul quem trouxe Harrison, igualmente guitarrista, em 1959, para os Quarrymen. John abriu as portas também para o contrabaixista Stuart Sutcliffe. Para a bateria chega Tommy Moore. Muda-se então o nome da banda para Johnny And The Moondogs (já não estavam na Quarry School). Esse nome durou pouco, até que Sutcliffe sugeriu chamar a banda de The Silver

²⁶⁸ Paul (James Paul McCartney) nasceu em 18.06.1942.

²⁶⁹ George Harrison nasceu em 25.02.1943.

²⁷⁰ John Winston Lennon (09.10.1940-08.12.1980).

²⁷¹ Ringo (Richard Starkley Junior) nasceu em 07.07.1940.

Beetles (os besouros prateados), bem possível em função de outra banda que existia, The Crickets (os grilos), de Buddy Holy. Passado um tempo, o nome foi reduzido a Beatles, chegando a Beatles, num trocadilho com *beat* (batida).

Liverpool começa a se entusiasmar com os Beatles, que se tornam conhecidos na cidade. O baterista Tommy, então, é substituído por Pete Best, filho do dono de um dos clubes em que a banda tocava. Passam a adotar um penteado que marcaria a sua imagem daí para a frente. Era idéia da namorada²⁷² de Stuart.

Inicia-se a década de 60 com os rapazes excursionando pela Inglaterra e Alemanha. Para manter o ritmo de trabalho – a banda tocava por horas seguidas – os rapazes passam a utilizar anfetaminas. Era o início da ligação com as drogas. Um disco é gravado durante a turnê pela Alemanha, que viria a ser uma das mais difundidas gravações piratas. Stuart deixa a banda e fica na Alemanha. Foi quando Paul assumiu o baixo.

A volta à Inglaterra marcaria a explosão da banda, no momento em que são descobertos por Brian Epstein, dono de uma loja de discos. Foi no *pub* Cavern Club que Brian assiste a uma apresentação dos Beatles. Torna-se, então, seu empresário. Músicas são preparadas e é gravada com cuidados profissionais uma fita, com o patrocínio de Brian. Tem início uma via-sacra pelas gravadoras para a produção de um disco, sem sucesso, até que Brian sugere trocar o baterista. Sai, então, Pete Best e entra Ringo. Estávamos em 1961. Com a nova formação, a banda é finalmente aceita pelo selo Parlophone, da gravadora EMI.

Surge o primeiro compacto em 1962, com *Love Me Do* e *P.S. I Love You*. Um boato dava conta que Brian teria comprado dez mil cópias do disco, a fim de alçá-lo de imediato ao pico das paradas. E ali os Beatles permaneceriam por muito tempo. Poucos meses depois, é lançado o disco *Please Please Me* e os compactos *From Me To You*, *She Loves You* e *I Wanna Hold Your Hand*, todos de aceitação absoluta. Mais tarde sai o disco *With The Beatles*, que supera os anteriores.

O sucesso na Inglaterra e Europa foi avassalador. Restava romper a barreira dos Estados Unidos, nação que definia o mercado mundial de música. Brian Epstein consegue então agendar a primeira apresentação nos EUA. Na chegada da banda ao território americano, os repórteres são surpreendidos pelo bom humor e inteligência nas respostas dos rapazes. A performance no programa de Ed Sullivan é gloriosa e *I Wanna Hold Your Hand* sobe rápido ao topo da parada americana. É lançado então o disco *Introducing The Beatles*, na realidade uma compilação de *Please Please Me* e *With The Beatles*. A música que os Beatles faziam à época foi classificada como revitalizadora do *rock*, ao injetar “soluções harmônicas do *country and western* (música rural norte-americana) mantendo ainda reminiscências da balada popular inglesa.”²⁷³

Segue-se o filme *A Hard Day's Night*, que documentava um dia na vida dos Beatles, trilha sonora de mesmo nome. Aparece o termo “beatlemania” para a histeria dos adolescentes que lotavam os *shows* da banda. Paralelamente, um *marketing* intenso em cima de tudo que fosse relacionado à banda. A repercussão da turnê pelos Estados Unidos enseja o lançamento às pressas de *Beatles For Sale*.

²⁷² Astrid Kishnerr.

²⁷³ Música Pop – Mirador Internacional, Volume 15 – 1979.

Help, música e filme, uma sátira musical aos filmes de espionagem, chega ao público em 1965. No entanto, o disco registrava o momento de estresse por que passava a banda, tocando, compondo e gravando sem parar, para atender a fãs e gravadora. A pressão leva ao aumento da experiência com drogas, principalmente no caso de Lennon. De forma concomitante, a monarquia inglesa decide homenagear o grupo, que exportando música, gerava divisas para o país.

O disco *Rubber Soul*, lançado ao final de 1965, reflete o crescimento da banda em qualidade. Músicas ingênuas da fase inicial dariam lugar a arranjos complexos, letras mais bem elaboradas, inclusão de instrumentos exóticos e experimentações de estúdio. Quem torcia o nariz para o *rock* passa a encará-lo com respeito. Só que fica difícil repetir no palco as elaborações de estúdio. E os Beatles param de fazer *shows*.

Com o disco *Revolver*, fica clara a influência de drogas alucinógenas no processo de criação. Tanta inspiração leva Lennon à descuidada e bombástica declaração de que os Beatles eram mais famosos que Jesus Cristo. E o mundo protesta. Acaba a “beatlemania”. Eles passam a mensageiros do inconformismo da juventude.

Os quatro rapazes queriam agora marcar em definitivo a sua passagem pelo mundo da música com um disco diferente de tudo que já houvesse sido feito. Isso veio a acontecer em 1967, com *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Hoje os críticos são divididos entre esse e *Piper At Gates Of Dawn*, de Pink Floyd, quanto a qual dos dois é considerado como o marco inicial do *rock* progressivo. Enquanto a harmonia da música dos Beatles melhorava, a harmonia do grupo se deteriorava: a banda passava por problemas internos e desentendimentos entre seus componentes.

Por que não tentar a reconciliação em clima de alto astral? E eles partiram para o Oriente em busca do líder espiritual em voga: Maharishi. Estavam no retiro indiano, quando morre Brian Epstein, com uma *overdose* de calmantes. Brian era um esteio que perdiam na logística e na organização financeira da banda. Paul McCartney assume, cria-se a Apple. Em pouco tempo chegam os problemas financeiros. Paul fracassara como empresário. As dívidas só viriam a piorar o relacionamento entre os quatro rapazes.

A seguir, veio o fiasco do filme *Magical Mystery Tour*. Após o lançamento – filme e trilha sonora – os Beatles, com alguns amigos, voltam à Índia para um encontro com Maharishi. Retornariam desiludidos com o guru que, descobriram, não fazia exatamente o que pregava. Diz-se até que ele tentou seduzir uma das mulheres que fazia parte do grupo.

A banda reconquista o público e a crítica com *Hey Jude*, uma música que tinha tudo para ser rejeitada pelas rádios, em função de seus sete minutos de duração. Foi um sucesso, um dos maiores. Mas as coisas não estavam às mil maravilhas. O clima pesado nas gravações do *White Album* levaria Ringo a abandonar a banda durante alguns dias. A crise ficou mais delicada quando John Lennon passou a insistir que sua nova namorada, Yoko Ono, participasse das gravações.

O Álbum Branco estourou, mas não tirou os Beatles do vermelho. A situação piorava. Em 1968, foi a vez do desenho animado *Yellow Submarine*. Trilha

sonora com composições dos Beatles e instrumentais criados pelo produtor George Martin.

O comentário de Tony Palmer²⁷⁴ na apresentação do disco *The Beatles – Yellow Submarine* merece ser lembrado. Palmer compara os Beatles a grandes gênios da música, instigando supostos intelectuais da música. No que diz respeito aos cinco meses consumidos na produção do disco, ele menciona que nesse período outras quinze canções haviam sido compostas. “Nem mesmo Schubert trabalhou nesse ritmo”, diz ele, alçando os rapazes a elevados patamares qualitativos da criação musical. “O lançamento deste álbum vem significar uma varrida nos últimos vestígios de vaidade cultural e preconceito burguês com um dilúvio de composições que apenas os incultos deixarão de apreciar, e só os surdos dele não se aperceberão.”

Segundo Tony Palmer, os jovens Beatles, com seus cabelos longos, representavam para alguns a rebeldia, a não-aceitação de valores vigentes, na sua maioria ultrapassados. Uma ameaça. Para outros, a “luta desesperada, aparentemente sem-fim, contra aqueles cínicos”, os donos da verdade.

A transformação de pessoas comuns em artistas é abordada por Palmer. Os admiradores, carregando todos os seus anseios, passam a se projetar em seus ídolos. “Nos olhos dos Beatles, bem como em suas criações, vislumbra-se, como num espelho, o frágil e fragmentário da sociedade que os patrocina, representa, interpreta, faz-lhes exigências, e os pune quando fazem o que os outros consideram errado.”

Resvalando pelos traços da personalidade de cada Beatle, Palmer usa da sua psicologia, promovendo uma manifestação espontânea, em defesa de Lennon: “Paul, sempre esperançoso e pensativo. Ringo, sempre o filhinho da mamãe. George o ‘terror local’, hoje ‘o bom rapaz’. John, ensimesmado, tristonho, mas possuidor de uma inteligência lúcida, não turbada pelo que a moralidade organizada lhe lança à conta. São eles os nossos legítimos heróis, e melhores do que merecemos.” Existem referências de 1956 ao adolescente John Lennon que nos dizem do seu constante envolvimento com problemas. Era fadado a se tornar um delinqüente.

Num esforço de retomada da espontaneidade e energia que marcaram o início da carreira, Paul cria o projeto *Get Back*. Era um disco de *rock* e um filme, gravados sem truques de estúdio. O projeto não decolou. Já nas primeiras tomadas houve divergências. O excepcional *Abbey Road* foi gravado em 1969, em meio a um momento de trégua dentro da banda. Os problemas financeiros estavam resolvidos. E o mundo se curvava ao talento dos Beatles, julgando que agora eles estavam juntos para sempre. Só que nesse ínterim, Paul e Lennon, cada um por si, estavam preparando seus discos individuais. Foi a última gravação em conjunto.

Os fãs, então, são torpedeados com o comunicado oficial do fim da banda, em 10 de abril de 1970. A gravadora terminou a mixagem do material do projeto *Get Back* e lançou o disco *Let It Be*. Os apreciadores dos Beatles eram movidos desta vez pela esperança de que se reunissem novamente, pelo menos em uma oportunidade, o que veio a ser descartado de vez com o assassinato de John Lennon, em 1980. Até fins de 1964, os rapazes haviam vendido 100 milhões de

²⁷⁴ Cineasta, jornalista do *London Observer*.

discos, fenômeno comercial só comparável ao sucesso de Elvis, na década de 50. Liverpool produziu outros conjuntos de peso como os Rolling Stones, Gerry And The Peacemakers e o Dave Clark Five, aprimorando e diversificando a herança do *rock*.²⁷⁵

Deixando Liverpool, voltemos a Rio Preto. Em 2 de julho de 1964, estávamos no auditório Raul Silva²⁷⁶ no programa *César Muanis é o Espetáculo*. “Às nove da noite, abrem-se as cortinas do palco – que estão bastante manjadas, aliás. Atrás delas, *Os Asteróides*, com seu prefixo *Telstar*.” Mas o auditório estava fraco. Mesmo César previu um “futuro brilhantíssimo”. Nesse dia, nos propõe uma participação em seu programa de todas as quintas, com cachê. Uma locutora de Votuporanga que lá estava, sondou-nos quanto a preço para tocar na cidade dela.

“Por falar em César”, diz Altino, “toda vez que o América ganhava, ele pedia a música de mesmo nome (*América*, de *West Side Story*, que à época estava nas paradas com Trini Lopez). Tínhamos que enganá-lo, dizendo que íamos tocar *Let’s Go America* (que nem existia), mas tocávamos *Let’s Go*, sucesso de Floyd Kramer”.

Bem, chegavam as férias de julho de 64 e as doces férias eram preenchidas com ensaios de manhã e à noite. A *Marcha Ford* foi tirada. Paulo cantaria a marcha comigo. Quebrara a delicada unha do indicador e o acompanhamento ficaria então só com Altino, Demair e Flavinho. Nosso uniforme²⁷⁷ ainda não estava pronto.

Um parêntese. Em 29 de maio de 1998, ligo para Altino.

— Altino, sou eu. Tudo bem? Vinte e três e quinze é tarde? Não sei o fuso horário de Rio Preto.

— Quase o mesmo de Brasília: no meu, 23h14. Eu e Mara acabamos de chegar do teatro.

— Deixe-me ver o que anotei para lhe perguntar. Já cheguei na parte da *Marcha Triunfal Ford*. Como se chamava o modelo de nossa gravatinha borboleta?

— Bat Masterson, não?

— Isso, bem lembrado. O Taruga, que tocava com Mário Longhi, bebia um pouco, não? Olho “estatalado”. Era um bom ritmista. Quando Taruga teve uma indigestão, correu o boato de que ele havia comido dez pamonhas, acompanhadas de duas garrafas de cachaça. E as pamonhas é que teriam feito mal...

— Bem possível. Por falar em Mário Longhi, estive com ele uns seis anos atrás no *Ovelha Negra*. Atendeu a um pedido meu, acompanhando o Mário Santiago em *Rosa*, de Pixinguinha.

— Pretendo ainda conversar com Mário Longhi. Deixe-me confirmar: seus pais tinham carro?

²⁷⁵ Parte do texto sobre The Beatles, foi baseado na página <http://whiplash.net/Beatles.html>, com adaptações, acrescido de informações tiradas da Enciclopédia Mirador Internacional e de textos constantes dos LPs *Please Please Me* e *The Beatles – Yellow Submarine*.

²⁷⁶ Raul Silva, dentista, nasceu em Sorocaba, em 04.03.1887, falecendo em Rio Preto, em 15.10.1955. Foi fundador da Rádio Rio Preto, PRB-8 (1935) e um dos fundadores do Automóvel Clube (1920) e do Rio Preto EC. Em 1921, participou do grupo de reorganizadores da Santa Casa. Colaborou com Fernando Oiticica Lins na concepção do *Album de Rio Preto* (1918/19).

²⁷⁷ Adicionar-se-ia ao terno preto um colete – com tropical da Casa Bueno – e a gravatinha borboleta Bat Masterson, um modelo que era preso por baixo da gola da camisa. Dela pendiam duas pontas.

— Não, só quando completei dezoito é que eles compraram.

— Pôxa, que pobreza. Ninguém tinha carro!

— Na sua lembrança algum Fouad Jamal? Cito no *diário*. Será que errei?

— Era Mustafa Jamal²⁷⁸.

— Mustafa está aí, de volta a Rio Preto. Vou ligar pra ele. Eu digo no *diário* que ele “nem bem entrou e já saiu”. Tanto ele como Reinaldo e Dácio. Escute, eu tinha um caderno de letras só do conjunto, que me surrupiaram. Você teria as letras, caso eu resolva transcrevê-las no livro?

— Infelizmente, não. Quando eu viajava, minha mãe fazia um “limpa” nas minhas coisas. Até discos.

— Arrumava tudo?

— Não, dava para os outros...

— Credo!...

A festa da Ford, de 4 de julho, caiu num sábado. Com ela, seriam quinze apresentações. Começou lá pelas dez da manhã, quando chegamos de ônibus, com o sax, guitarra e amplificador. O piano já estava lá – era o da PRB-8. Demair usou a bateria do conjunto do Ernandes.

Houve um aperitivo, uma demonstração de peças e foi servido um suculento churrasco. Após, abrimos o *show* com a *Marcha Triunfal*. Conjunto, garotas, Zé Bonitinho²⁷⁹, mágicas. Quase no final, entramos com *What'd I say*. Tudo foi transmitido pelas rádios Rio Preto, Mirassol e Independência. Alguma coisa foi filmada pela Cometa²⁸⁰.

Cada um de nós ganhou um brinde, um chapéu e um pileque, diz o *diário*. Agora, era aguardar ordem de São Paulo para receber o cachê, uma mixaria de Cr\$ 5 mil. Para se ter uma idéia, o feitiço dos coletes do uniforme custaria Cr\$ 6 mil. Mas havia sido uma excelente divulgação para nós.

Uma anotação de 6 de julho revela que “pela manhã, a guitarra que havia sido levada para ensaio do conjunto do Aidar²⁸¹, foi-nos restituída sã e salva pelo Mustafa.”

Ainda em julho de 1964, nos apresentamos no *Caravana da Alegria*, uma seção dentro do *Atrações Araújo Neto*. O programa estava sendo totalmente dedicado à “mocidade alegre e sadia de Rio Preto”. Foi nesse dia que Tânia Maria nos consultou a respeito de uma gravação em acetato²⁸². A Rádio já possuía equipamento completo para tal. Feita em fita, seria encaminhada pelo Brito para

²⁷⁸ Na realidade, Fouad Jamal é o pai de Mustafa Jamal, um grande benfeitor do nosso conjunto. Emprestou-nos amplificador durante muito tempo, além de guitarra para o Paulo.

²⁷⁹ Jorge Loredó, comediante, também advogado, nasceu em 1929. Em 1999, seu personagem Zé Bonitinho completou 45 anos.

²⁸⁰ Se esse filme fosse localizado, seria possivelmente o único. A Cometa Filmes foi fundada por Luiz Carlos Spínola Castro, nos anos 50. O controle da empresa mais tarde passou para Sylvio Calabrezzi. A Cometa realizou vários filmes na cidade e região, ficando conhecido um documentário histórico sobre Rio Preto produzido por ela. Todo o seu acervo foi adquirido pelo Comedphact.

²⁸¹ José Aidar, primo de Omar Ismael e João Aidar.

²⁸² Preço de um acetato à época: Cr\$ 5 mil.

os estúdios do Murilo Toledo. Brito e Tânia prestigiavam muito o conjunto.

“Lá na B-8, certa vez”, recorda-se Altino, “o gravador caiu. Todos morrendo de preocupação e a única coisa que perguntei foi se as gravações estavam intactas...”

Façamos alguns apontamentos sobre gravação de som. No século XIX, em 1857, Leon Scott já conseguira fazer gravações sonoras. Mas só vinte anos mais tarde que Thomas Edison²⁸³ veio a patentear um aparelho que conseguia armazenar e reproduzir o som²⁸⁴. Graham Bell e Charles Summer Tainter também têm seu crédito no aprimoramento do sistema. Émile Berliner, em 1887, substituiu um cilindro que era usado até então, por um disco plano. O disco era de zinco coberto de cera, na qual a agulha traçava um sulco. Com a utilização de ácido no disco, obtinha-se a produção de estrias no metal sem cera. Suas experiências levaram a uma reprodução em negativo do original, um molde.

É José Jorge de Carvalho²⁸⁵ que bem nos informa do impacto que foi a gravação dos sons. “A singularidade e a intensidade dos estímulos sonoros vividos não admitiam substituição, cópia ou simulacro – quem não pôde ouvir e ver, não viveu. A execução musical era vida; privar-se da música (sempre ao vivo) era viver uma vida morta. É com esse quadro mental que devemos compreender o significado do evento que alterou as condições atuais da sensibilidade musical mundial de um modo simplesmente definitivo e irreversível – a invenção da gravação.”

²⁸³ Thomas Alva Edison (1847-1931) é considerado um dos mais notáveis inventores dos tempos modernos. Só frequentou a escola por três meses. Seu gênio inventivo lhe rendeu reconhecimento internacional, registrando 1.032 patentes de invenções ao longo de sua vida. As mais célebres: o fonógrafo (1877) e a lâmpada incandescente de filamento de carvão (1879) – *Correio Braziliense*, 31.12.1999.

²⁸⁴ O fonógrafo de Edison constava de um cilindro rotativo coberto de papel estanhado, no qual se apoiava uma agulha presa a um diafragma. As vibrações sonoras agiam sobre o diafragma e a agulha produzia no papel de estanho um sulco em curva espiral ininterrupta. A gravação, contudo, durava pouco e não permitia cópias – *Enciclopédia Mirador Internacional*.

²⁸⁵ José Jorge de Carvalho, professor de Antropologia da Universidade de Brasília (Da Ópera à Gravação).

The Jet Mann

You did the pony and you did the twist
Here's the latest and greatest and it goes like this
The Jet, the Jet
The fastest dance invented yet
The Jet
You better do it and I do it right
Cause it takes you and it shakes you
Till you're out of sight
The Jet, the Jet
The fastest dance invented yet
The Jet

You can fly hhy hy hy hy hy hy so high
You can fly hhy hy hy hy hy hy to the sky
Yeah! Come on baby and fly with me
Here's the latest and greatest and it goes like this
The Jet, the Jet
The fastest dance invented yet
The Jet

Recebo convite do terceiro científico do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, para comparecer à “Festa de Brotos”, marcada para este sábado, no número 2244 da rua Silva Jardim. *Os Asteróides*, um dos mais novos conjuntinhos da “nouvelle-vague” riopretana, comandarão a Festa de Brotos. O meu “merci” pelo convite – *Cassius*.

Em 1890, os aparelhos de Edison, Bell e Tainter receberam um dispositivo de corda. O primeiro fonógrafo do Brasil foi trazido por Frederico Figner²⁸⁶.

Surge, em 1896, o gramofone, invenção creditada a Berliner e Eldridge Johnson. A partir daí, muitos discos começaram a ser produzidos em escala industrial. A gama de tons porém era limitada. Não havia controle sobre o volume de gravação. Impossível gravar uma orquestra, já que cada instrumentista tinha que cantar próximo da corneta que concentrava o som. Em 1902, o primeiro disco feito no Brasil continha a música *Isto é Bom*, de Xisto Bahia, interpretada pelo baiano Manoel Pedro dos Santos.

As gravações mecânicas foram realizadas no Brasil, de 1902 até julho de 1927. O processo era simples. “Os artistas tocavam e cantavam o mais alto possível numa campânula. As vibrações sonoras percorriam o ar e eram registradas num disco que ficava colocado em um prato giratório, contendo uma agulha que imprimia os sulcos. Sendo a impressão feita pela mecânica do ar, as gravações passaram a ser chamadas de mecânicas”, diria Luiz Américo Lisboa Júnior em *A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira*. O processo de ouvir também era mecânico, através do velho gramofone. “A gente cantava num funil. Na ponta desse funil havia um diafragma e a potência de voz é que fazia o diafragma cortar a cera. Se a gente cantasse mal e perdesse a cera, o pessoal da fábrica quase nos matava”, afirmaria Vicente Celestino, falando das gravações mecânicas.²⁸⁷

A chegada do fonógrafo produziu “uma inversão total da relação do ser humano com a música”. A reprodução doméstica de gravações fez com que o ouvinte não mais dependesse do músico para deleitar-se. Só que o músico passou a depender, sim, de uma estrutura de consumo e de distribuição de sua obra para coroar a sua vocação artística, segundo J. J. Carvalho. O artista pôde alcançar muitas pessoas ao mesmo tempo, mas acabou, segundo críticos de então, distanciando-se do seu público.

Em 1927, realizava-se a primeira gravação elétrica. Ganhava-se na qualidade de reprodução sonora. A chegada dos microfones, fones, amplificadores e captadores eletromagnéticos marcaria uma nova era. Os impulsos sonoros eram levados com maior facilidade e fidelidade até a agulha que imprimia os sulcos na cera. Os artistas não precisavam mais ter uma voz potente para gravar. A partir daí, a eficácia da gravação fonográfica aumentaria gradativamente, com as reproduções em alta fidelidade, som estereofônico, chegando à tecnologia digital²⁸⁸.

De regresso ao nosso disco. Das músicas selecionadas, escolhemos *I want to hold your hand* e *Malagueña*. O acetato admitia duas.

Em 11 de julho de 1964, o pesado bolachão 78 rpm já havia sido estreado no *Ronda Social*, da Cultura. Note-se, a programação não era tão dirigida como

²⁸⁶ Frederico Figner, tchecoslovaco, nascido na Boêmia, em 02.12.1866, de posse de um fonógrafo e de alguns rolos (cilindros de cera com gravação impressa) iniciou a disseminação do invento de Edison nas Américas, começando por Belém do Pará, onde desembarcou em 1891.

²⁸⁷ *Caruso Suburbano*, reportagem de Carmem Moretzsohn sobre Vicente Celestino – 11.11.98, *Jornal de Brasília*.

²⁸⁸ O LP foi criado em 1948, pelas mãos do americano Peter Goldmark. O padrinho foi Frank Sinatra. Hoje, praticamente, só é prestigiado pelos DJs. O CD, Compact Disc, entrou em cena em 1983 — Juliana Holanda, *Jornal Comunidade* – Brasília, 28.10.1998

o é hoje nas FMs. Simples rapazol, tínhamos a oportunidade de ver nosso trabalho divulgado. Num só dia, nosso disco foi rodado no *Tribunal da Música*, da PRB-8, no *Clube dos Ouvintes RC*, da Cultura, no *Pára ou Continua a Música*, da Independência. Neste último, com *I Wanna Hold Your Hand*, alcançamos o primeiro lugar.

Dia seguinte, a mesma música seria passada no *A Voz do Estudante*, da Independência. Faríamos, de uniforme novo, uma importante apresentação no Raul Silva. Segundo cachê que Araújo nos prometia... e nos enrolava... Desta vez, estaríamos ao lado de Demétrius, “o grande ídolo dos brotos”, como me referi no *diário*. O violão de Demétrius tinha as cordas invertidas. Era canhoto. Já havia gravado sucessos como *Corina, Corina* (Parish-Williams-Bo Chatman, 1961), *Cinderela* (Paul Anka, 1962), *Filme Triste* (do original *Sad Movies*, de J. D. Loudermilk - Versão de R. Nunes, 1963), *Rock do Saci* (Tony Chaves e Baby Santiago, 1961), *O Amor que Perdi* (do original *Runaway*, de Del Shannon-Cook, versão de Fred Jorge). O ano de 1964 seria o ano das gravações de *O Ritmo da Chuva* (*Rhythm of the Rain*), *Voltou a Carta* (*Return do Sender*), *Que Fazer* (*Oh! Lonesome Me*) todas versões do próprio Demétrius. *A Bruxa e Estou Louco*, igualmente de 1964, são da autoria dele e Baby Santiago). Demétrius e seu empresário nos incentivaram bastante. Observo no *diário* que “nosso grande incentivo seria ganhar uns trocados para as despezinhas, e para pagar o alfaiate”.

Paulo – vulgo Presley – nesse dia, apresentou-se sozinho também, atendendo a pedidos. Claro, cantou uma música do Elvis. Paulo César era fascinado pelo Elvis. Em minha memória, sempre a imagem de Paulo cantando *Shopping Around*, acompanhando-se ao violão. Não registro música que Elvis haja composto, a não ser a romântica *Love me Tender*, que transcrevo, juntamente com *Blue Suede Shoes*.

Elvis Presley²⁸⁹ havia se firmado de verdade nas paradas, em 1956. Mas em 1954, ele já gravara músicas como *That's All Right*, *Blue Moon Of Kentucky*, *I Don't Care If The Sun Don't Shine*, *I'm Left You're Right She's Gone*, *Good Rockin' Tonight*, *I Love You Because*, *Just Because*. Conta Roy Carr (*New Musical Express*) que o produtor Sam C. Phillips costumava dizer a seus concorrentes que ficaria milionário se conseguisse encontrar um cantor branco que soasse como um negro. Foi em 1954, que Phillips achou Elvis, produzindo-se o primeiro disco genuíno de *rock*²⁹⁰. Interessante o apontamento de Roy Carr sobre o *rock* e sobre Elvis, segundo ele, a mais influente personalidade na ainda curta mas traumática história do *rock*: “Tanto Presley no estúdio, como Sam Philips por trás dos controles, não apenas integraram a música branca e negra dando-lhe forma própria, como também criaram técnicas de gravação inovadoras.”

²⁸⁹ Elvis Presley, caminhoneiro, cantor e guitarrista (Tupelo, Missouri, USA, 08.01.1935–Memphis, 16.08.1977). Desde criança, cantava em coros e festas. Em 1954, teve um trio com o guitarrista Scotty Moore e o baixista Bill Black, gravando *That's All Right (mama)*. Em 1956, ao aparecer no programa de tevê dos irmãos Jimmy e Tommy Dorsey, tornou-se ídolo nacional. Nesse ano, vendeu nove milhões de cópias do álbum *Heart-Break Hotel*. Suas exhibições públicas causaram reações histéricas entre as platéias de adolescentes e foram objeto de censura por atitudes consideradas obscenas. Seu prestígio começou a diminuir entre o público jovem com a ascensão dos Beatles e Rolling Stones na década de 60 – *Enciclopédia Mirador Internacional*.

²⁹⁰ Outros já reivindicaram para si o ineditismo do primeiro disco genuíno de *rock*. Dentre eles, Jackie Breston.

I Want to Hold Your Hand

John Lennon & Paul McCartney

Oh Yeah, I'll tell you something
I think you'll understand
Then I'll say that something
I wanna hold your hand
I wanna hold your hand
I wanna hold your hand

Oh please say to me
You'll let me be your man
And please say to me
You'll let me hold your hand
Now let me hold your hand
I wanna hold your hand

And when I touch you I feel happy
inside
It's such a feeling that my love
I can't hide, I can't hide, I can't
hide

Oh! You got that something
I think you'll understand
When I feel that something
I wanna hold your hand
I wanna hold your hand
I wanna hold your hand
I wanna hold your hand

Segundo Carr, emergiria então a formação clássica de um grupo de *rock* (voz-solo, duas guitarras, baixo, bateria). “A guitarra rítmica ficou mais eminente que nunca, enquanto baixo e bateria adotaram uma posição mais agressiva. Estabelecida uma base rítmica tão forte, a guitarra encontrou-se livre e hábil para preencher espaços, escalas alternadas e contornos de acordes. O efeito era e ainda é demolidor.”

Reportemo-nos a 1964. Ao tempo em que *I want to hold your hand* era rodada no *A Batuta é do Broto*, da B-8, e no *Cocktail da Juventude*, da Difusora, movimentávamo-nos para tirar duas fotografias no Tony²⁹¹. Tony venderia, mais tarde, uma camioneta marca Internacional para meu pai, cor verde-escuro. Fascinado por dirigir, certa vez quebrei o *cardan* numa ré malfeita. Rita, a filha do Tony, tornar-se-ia nossa colega.

Posaríamos de uniforme e sem os instrumentos. Uma das fotos seria destinada a um clichê com vistas a uma reportagem sobre nós na coluna do César Muanis. Aconteceria muita coisa naquele mês de julho de 1964. Mantínhamos conversações com o gerente da PRB-8 para um programa só nosso. Um dos retratos que tiráramos no Tony já estava na fotogravura para fazer o clichê. Gravávamos, com a ajuda do Brito, mais duas músicas: *America*²⁹² e *My Bonnie*.

Esses fotógrafos são engraçados. Em março de 2000, procurei pelo Tony, por entre suas flores, na Avenida da Saudade. Sobre as fotos dos *Asteróides*, eu tinha certeza quanto à autoria de Tony em duas, aquelas registradas no *diário*. Mostrei-lhe as outras. Além de dizer que não eram dele, ainda, de sobra, esqueceu-se da autoria das primeiras, que aliás não estavam em pauta... Já Paulo H. Magri, repórter fotográfico

²⁹¹ Antoine Pedroso Jalikji é armênio. Os primeiros armênios fixaram residência em Rio Preto em 1925. A partir de 1915, começaram a ser expulsos pelos turcos, no episódio conhecido por “genocídio armênio”, quando dois milhões deles foram deportados para a Síria e Mesopotâmia. Mas Tony chegou com a família, em 1962. Dois meses depois de chegar, começava a trabalhar com fotografia. Mais tarde, montou a primeira floricultura de Rio Preto.

²⁹² *America*, juntamente com *Lennon Tree* e *La Bamba*, fazia sucesso com Trini Lopez. Trini Lopez tinha um sócio brasileiro que se chamava Prini Lorez.

iniciante – curiosidade aguçada quanto à destinação das fotos que eu revelara no Fuji Plaza do Praça Shopping – ofereceu seu acesso a arquivos sobre Rio Preto. Kharfan, com os olhos brilhantes de entusiasmo pelo meu trabalho, disponibilizou-me também suas fotos. Passou-se o tempo e nada. Por telefone, de Brasília, deixei recado para os dois. E apenas me restou esta homenagem, que deveria ser em forma de lacuna.

Seria a última vez que só pagaríamos o acetato. A Toledo queria agora Cr\$ 4 mil por gravação.

— Ei! Vocês podem me dar um autógrafo? – a garota era de Nova Aliança. Anotamos, eram nossos primeiros autógrafos...

“Nunca cheguei a pedir autógrafo, mas eu me sentava na primeira fileira quando vocês faziam *show* no Instituto e não perdia nenhum”, comenta Christina²⁹³ em janeiro de 2000. Diante da minha pergunta ingênua de ‘se havia alguém especial’, ela responde matreira e polidamente, enquanto olha para Elise – minha esposa e também sua amiga: “Era você, mas quem ‘levou’ essa foi Elise, apesar de nunca ter assistido a um *show* d’*Os Asteróides*...”

Depois da declaração (única) da tiete sessentista Christina, anoto uma curiosidade sobre tietagem, revelada por Amaury Júnior²⁹⁴. Há um fã de Rita Lee que coleciona objetos catados ao redor da “roqueira”, tais como papéis de bala, pedaços de unhas, carteira de motorista vencida e, pasmem, um ponto cirúrgico de uma sutura que ela realizou no maxilar...

Ainda em meados de julho de 1964, injunções eram feitas para tocarmos em Nova Aliança, Monte Aprazível Mirassol e Olímpia.

A família de Flávio viajara. Conseguimos segurá-lo e ele ficou hospedado na casa do Altino, para não perdermos o pique do movimentado mês de julho. “Flávio era um amor de criatura. O que mais me chamava a atenção nele era a sua modéstia. Acho que ele não dimensionava direito o valor que tinha”, afirmaria Lurdinha²⁹⁵ em 1999. Eu assim me pronunciava no *diário*: “temos que aproveitar o impulso que foi dado e largar brasa...” Conseguiríamos, em julho, até receber o cachê que Araújo havia prometido.

La Bamba estourava nas paradas e comprávamos um compacto²⁹⁶ simples de Prini Lorez para tirar a música, incluindo-a em nosso repertório. Prini imitava Trini Lopez.

As anotações de 16.07.1964 são bem alvissareiras. “Várias garotas solicitaram a presença de *Os Asteróides* no *Cocktail da Juventude*. Talvez nosso segundo 78 rpm fique pronto amanhã e então levaremos os dois ao *Cocktail*. A partir de hoje, seremos exclusivos do programa *César Muanis é o Espetáculo*. Só passaremos a ganhar quando o programa tiver patrocinador.” Solta entre as páginas do *diário*, uma foto de The Clevers – ditos Os Cobras, “presente da dona Brandina, que pretende levar disco nosso para o Aguilar, em São Paulo”.

²⁹³ Maria Christina Santos Ramos, odontóloga.

²⁹⁴ *Flash Fora do Ar*.

²⁹⁵ Maria de Lourdes Bessa Marques, irmã de Altino.

²⁹⁶ Um compacto simples custava Cr\$ 800,00 em 16 de julho de 1964.

Love Me Tender

Presley & Matson

Love me tender, love me sweet
Never let me go
You have made my life complete
And I love you so

Love me tender, love me true
All my dreams fulfill
For, my darlin', I love you
And I always will

Love me tender, love me long
Take me to your heart
For it's there that I belong
And we'll never part

Love me tender, love me dear
Tell me your are mine
I'll be yours through all the year
Till the end of time

Blue Suede Shoes

Carl Lee Perkins

Well, it's one for the money, two for
the show,
Three to get ready, now go, cat, go!
But don't you step on my blue
suede shoes
You can do anything but lay off my
blue suede shoes

Well, you can knock me down, step
in my face
Slan-dermy name all over the place
Tacet do anything that you want to
do but uh-uh, honey,
Lay off my blue suede shoes

A título de curiosidade, até 1926, os discos tinham de 78 a 80 rotações por minuto e as agulhas eram de 0,076 mm. Por volta de 1931, a RCA Victor criou um modelo de 33 1/3 rotações com agulha de 0,025 mm, lançado comercialmente, em 1948, pela Columbia. Em 1949, a RCA produziu um disco com 45 rotações por minuto.

Nossas gravações nas rádios ou em estúdio eram feitas em gravadores de rolo. Havia pouco tempo eu conhecera um gravador de fio (não de fita) na casa do Pérsio Pastana, amigo do Dublin, mas já então superado. A maior parte dos gravadores de rolo é dotada de três cabeças e de pré-amplificadores separados para gravar e reproduzir. Isso permite que o programa seja gravado e ouvido de forma simultânea (monitoragem), o que evita falhas na gravação por erro do operador ou mau funcionamento do equipamento.²⁹⁷

Em 16 de julho de 1964, lá estávamos no *César é o Espetáculo*, da Rádio Rio Preto. O programa transcorria normal, com alguns *flashes* de reportagem do Automóvel Clube. No momento que se apresentou Vanja Orico, a transmissão passou a ser feita somente do “clube da elite”. Tivemos, então, que tocar somente para o auditório. Paulo também apresentou-se sozinho, acompanhando-se numa música do Elvis. Ao nosso repertório acrescentava-se *Peppermint Twist* e *Gandy Dancer*.

No verso do recorte do jornal de 17.07.1964, observam-se propagandas da *Delícia* – pão quente cedo e à tarde, *Loja Cristalux* – com ou sem entrada, em 5 ou 15 prestações, *Foto Brasil* – Trabalhos Finos e Garantidos. E um alerta: “*Crime contra você mesmo! Regar jardins, lavar calçadas e quintais, irrigar ruas, lavar veículos na via pública e permitir vazamentos nas instalações sanitárias é um crime contra você e sua família.*”

Em 17 de julho, estávamos ensaiando no auditório Raul Silva, porque o avô²⁹⁸ do Altino estava passando mal, na casa da família Bessa Marques, e porque o Jamal havia levado o

²⁹⁷ *Enciclopédia Mirador Internacional*.

²⁹⁸ Sebastião Luiz Marques.

amplificador para conserto. Usávamos, então, o amplificador do Mário Longhi e a bateria do Taruga. Lanço no *diário* que Pedro²⁹⁹ nos elogiou no programa *Club dos Ouvintes RC*. Nosso primeiro 78 rpm fora rodado no *A Juventude é quem Manda*, da Cultura. Na maioria das vezes em que punham a nossa gravação, éramos entrevistados, quase sempre Altino, Flávio e eu.

Quase ninguém sabe o nome verdadeiro do Taruga. “O nome dele era Manoel Roque. Morreu novo, aos 24 anos”, esclarece Mário Longhi, em 31 de outubro de 1998, quando o visitei em sua casa, na Maceno, numa rua atrás do Cristo Redentor.

Longhi não tem mais o Del Vecchio elétrico em que tocava na B-8, na época dos *Asteróides*. O violão que traz para a sala é de 1942, segundo ele. Aos 82 anos demonstra a mesma intimidade com o instrumento, embora os dedos já não exibam a destreza de trinta anos atrás. As mãos, as unhas compridas de violonista, evocam as do Larosa³⁰⁰, o meu professor de violão, que morava na Marechal, e que era muito seu amigo.

Dona Maria não quer tirar uma foto junto com Mário. “Deixe só ele, é melhor, enquanto vou mostrando as minhas plantas para a sua esposa”, justifica-se, caminhando com certa dificuldade com Elise. “Vamos fazer 62 anos de casados agora em dezembro”, comenta Mário, como a exibir uma posição vitoriosa que poucos hoje alcançam em tempos de intolerância, de regras mais liberais de convivência a dois.

Mário toca, ao mesmo tempo em que conversamos. Afinal, são muitos anos pela estrada da música, o que permite essa habilidade de executar um solo enquanto fala. Toca *Samba em Prelúdio*, olho por sobre o seu ombro. Na parede, um *poster* pequeno do Roberto Leal. O balanço do pêndulo do relógio da sala me faz refletir sobre o ritmo pulsante do Universo. Na respiração, na translação, no pingo da chuva, na música.

My Bonnie

My bonnie lies over the ocean
My bonnie lies over the sea
My bonnie lies over the ocean
Oh! Bring back my bonnie to me
Bring back, bring back

Oh! Bring back my bonnie to me,
to me
Bring back, bring back
Oh! Bring back my bonnie to me,
to me

Last night as I was on my pillow
Last night as I was on my bed
Last night as I was on my pillow
I dreamed that my love was dead

²⁹⁹ Poderia ser Pedro Araújo Neto ou Pedro Lopes.

³⁰⁰ Francisco Larosa Sobrinho.

Difícil saber quem do mundo artístico não foi acompanhado por Mário Longhi. Emilinha Borba, Marlene³⁰¹, Ângela Maria e tantos outros. “Toquei com todos os irmãos do Paulo Moura³⁰², menos com ele. Em 1990, acompanhei o Sílvio Caldas aqui em Rio Preto e em Jales. Era de praxe eles todos me telefonarem antes de vir a Rio Preto”, confidencia Mário. ‘Se for a Rio Preto, procure o Mário Longhi’, um dizia para o outro. Quando aconteceu o acidente do Turvo, eu ia acompanhar o Vicente Celestino³⁰³, numa apresentação no Cine Rio Preto. Ele preferiu cancelar o *show*. Não havia um clima propício.”

Um pouco de Vicente Celestino agora. Por imaginar que ele fatalmente cantaria *O Ébrio*³⁰⁴ e *Coração Materno*, acompanhado por Mário Longhi, transcrevo a letra desses seus dois sucessos.

A dramaticidade na apresentação do amor nos levava à época a ridicularizar tanto a abordagem do tema, como a forma de Vicente Celestino interpretar. Sobre o assunto, vale a pena compartilharmos o texto e a visão do crítico Sérgio Moriconi³⁰⁵.

“(…) Ao se misturar com determinados atavismos e disposições de caráter herdados de portugueses, negros e índios – melancolia, docilidade, indolência, parcimônia etc – a tradição bacharelesca converge para o romantismo e se traduz, nas artes, num tipo peculiar de morbidez romântica. Abominado, como vimos, pelas gerações das últimas quatro décadas, o chamado dramalhão só poderia ser abordado na forma da paródia e do deboche. Tornou-se comum ver artistas que partilham uma visão estética moderna, baseada na simplicidade e despojamento, recorrerem – no caso da música – a textos operísticos com o único intuito de ridicularizá-los.

“Vicente Celestino, cuja música nada mais era do que pastiche de árias de óperas italianas, tornou-se objeto de repugnância pela geração da bossa nova. Ele apenas seria ‘recuperado’ pela Tropicália, uma década depois. Em *Verdade Tropical*, Caetano Veloso confessa que gravou *Coração Materno* – o exemplo mais bem acabado da arte de Celestino – por ser essa canção a síntese radical de tudo

³⁰¹ Marlene (Vitória Bonaiutti), cantora, nasceu em São Paulo, SP, em 18.11.1924. Começou a cantar em 1941, na Rádio Bandeirantes. Como profissional, estreou em 1942 na Tupi. Seu nome foi inspirado no de Marlene Dietrich. Cantou no Cassino da Urca até abril de 1946, data de seu fechamento. Sua primeira gravação é de 1946, seguindo-se muitas outras de sucesso. Sua carreira não se restringiu a cantar e atuou no teatro e cinema. Nos anos 50, alternava o título de Rainha do Rádio com Emilinha Borba, quebrando o ciclo de vitórias das irmãs Linda e Dirce Batista. Na época da “disputa” estimulada e promovida pela imprensa, Marlene era exclusiva do programa César de Alencar, enquanto que Emilinha era do programa de Manuel Barcelos. As duas chegaram também a gravar juntas e repetir a dose em função do sucesso. Eram arqui-rivais de mentirinha.

³⁰² Paulo Moura, instrumentista, regente, arranjador, compositor, nasceu em S. José do Rio Preto, em 15.07.1932. Filho do mestre-de-banda, clarinetista e carpinteiro Pedro Moura, tem três irmãos músicos: José e Alberico (trompetistas) e Valdemar (trombonista). Aos nove anos começou a aprender piano. Com treze anos já tocava em festas e bailes. Foi Pedro Moura, pai de Paulo, quem deu as primeiras noções de música e de clarineta a Aristides Zacarias (regente, instrumentista, compositor, nascido em 05.01.1911, que mudou-se para Rio Preto aos dois anos de idade).

³⁰³ Vicente Celestino – Antonio Vicente Felipe Celestino – nasceu no Rio de Janeiro, em 12.09.1894. Filho de imigrantes italianos, herdou dos pais a paixão pela música. Todos os seus irmãos seguiram carreira artística. Era tenor, de estilo dramático, compositor e ator. O tema de suas canções mais populares, *O Ébrio* e *Coração Materno* – respectivamente gravadas em 07.08.1936 e 18.03.1937 – foram levados ao cinema e teatro, transformando-se em sucesso de público. Vicente Celestino morreu em 23.08.1968, aos 74 anos de idade.

³⁰⁴ Vicente Celestino passaria a ser confundido com seu personagem alcoolista. No entanto, ele era abstêmio.

³⁰⁵ Sérgio Moriconi - *Jornal de Brasília* – Caderno 2, pág. 2 – 11.11.1998



foto acn



foto acn



Mário Longhi em três fases de sua carreira

La Bamba

R. Arcusa/T. Divine

Para bailar la bamba
Para bailar la bamba se necesita
Una poca de gracia
Una poca de gracia y outra cosita
Y arriba y arriba
Ay arriba y arriba
Y arriba y iré, por ti seré, por ti seré.

Bamba, bamba, bamba, bamba

Yo no soy marinero
Yo no soy marinero, soy capitán,
Soy capitán, soy capitán

Bamba, bamba, bamba, bamba

Para subir al cielo
Para subir al cielo se necesita
Una escalera grande
Una escalera grande y outra chiquita
Y arriba y arriba
Ay arriba y arriba
Y Arriba y iré, por ti seré, por ti seré

Bamba, bamba, bamba, bamba

aquilo considerado arcaico. Mas apesar de partilharem visão de mundo oposta e uma forma de cantar bem amaciada, na linha de Orlando Silva e João Gilberto, os tropicalistas achavam que o movimento devia incorporar tudo, o velho e o novo. Caetano registra o patrulhamento que sofreu dentro da própria família, quando disse que gostava de Celestino.

“O drama do campônio matricida narrado em *Coração Materno* transformou-se para Caetano na expressão de verdades eternas que via manifestadas em relatos de mais de dois mil anos. Semelhante drama podia ser testemunhado em romances como *Spartacus* e em muitos outros. Fosse na literatura, fosse em não importa que tipo de dramalhão popularesco, subsistia sempre a necessidade básica, o conflito do filho macho para se libertar de um amor materno demasiadamente sufocante. Se o exagero – e isso vale, evidente, para *O Ébrio* – tem raízes historicamente determinadas, não importa. Vale antes saber que partes importantes de nossa natureza e sensibilidade sobrevivem ali subterraneamente. O que não se pode fazer é transformar essa dita *morbeza* romântica em tabu, excluindo assim qualquer possibilidade de compreender parte de nossa natureza mais profunda. Oswaldianamente, devemos antes nos valer de Celestino para transformar nossos tabus em totens.”

Eis, na íntegra, a letra de *Coração Materno*, de Vicente Celestino. “Disse um campônio à sua amada: Minha idolatrada, diga o que quer / Por ti vou matar, vou roubar / Embora tristezas me causes, mulher / Provar quero eu que te quero / Venero teus olhos, teu porte, teu ser / Mas diga, tua ordem espero / Por ti não importa matar ou morrer! / E ela disse ao campônio a brincar: / Se é verdade tua louca paixão / Parte já e pra mim vai buscar / De tua mãe inteiro o coração / E a correr o campônio partiu / Como um raio na estrada sumiu / A chorar na estrada tombou / Chega à choupana o campônio / Encontra a mãezinha ajoelhada a rezar / Rasga-lhe o peito o demônio / Tombando a velhinha aos pés do altar / Tira do peito sangrando / Da velha mãezinha o pobre coração / E volta a correr proclamando: /

‘Vitória! Vitória!’ Tem minha paixão! / Mas em meio à estrada caiu / E na queda uma perna partiu / E à distância saltou-lhe da mão / Sobre a terra o pobre coração / Nesse instante uma voz ecoou: / ‘Magoou-se, pobre filho meu? / Vem buscar-me, filho, aqui estou / Vem buscar-me, que ainda sou teu!’”

Voltemos a Mário Longhi, naquela tarde de sábado de outubro de 1998, em Rio Preto. Ele fala um pouco de Francisco Egídio. Era uma viagem de carro que faziam de Rio Preto a Novo Horizonte. “Egídio demonstrou invejável paciência e otimismo ao furar um pneu. Perdeu as estribeiras foi quando furou o segundo...”, comenta num riso espontâneo. “Não publique isso, por favor”, pede ele. Digo para não se preocupar, pois eu iria amenizar o palavreado na perda das estribeiras...

Havia tentado falar com Longhi em julho. Pelas dificuldades que colocara, imaginei que seria difícil a nossa conversa agora. Muito pelo contrário. Apesar de ser o nosso primeiro contato com o objetivo de saber mais sobre ele, pôs-me à vontade e foi extremamente gentil. Enquanto toca *Iracema*, de Adoniran Barbosa, lembra-se do amigo do peito que conheceu nos seus quatro anos de Record. Tocou com ele e Maria Amélia no Cassino de Serra Negra. Quando falo em Noite Ilustrada, Mário observa que Noite também era Mário.

Mário Longhi é preciso na data em que a PRB-8 começou a funcionar na Boa Vista: “Primeiro de dezembro de 1936. A B-8 era uma das rádios mais importantes do Brasil. Tinha músicos contratados. Depois veio a decadência, que só se reverteu em Rio Preto com os Muanis, com a novas idéias e os programas de auditório.”

Antes de entrarmos na fase da música sertaneja, fico sabendo que a última cidade que Longhi morou antes de Rio Preto foi Guararapes, onde tocou com Pedrinho. “Já em Rio Preto, a última orquestra em que toquei foi a do Reinaldo, acho que em 1968, não me lembro bem”.

Enquanto dona Maria me mostra um recorte de revista, Mário Longhi vai buscar alguns discos 78 rpm para me mostrar. “Veja a

O Ébrio

Vicente Celestino

Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer
 Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou
 Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer
 Não tenho lar e nem parentes,
 tudo terminou
 Só nas tabernas é que encontro meu abrigo
 Cada colega de infortúnio é um grande amigo
 Que embora tenham como eu seus sofrimentos
 Me aconselham e aliviam os meus tormentos
 Já fui feliz e recebido com nobreza até
 Nadava em ouro e tinha alcova de cetim
 E a cada passo um grande amigo que depunha fê
 E nos parentes... confiava, sim!
 E hoje ao ver-me na miséria tudo vejo então
 O falso lar que amava e a chorar deixei
 Cada parente, cada amigo, era um ladrão
 Me abandonaram e roubaram o que amei
 Falsos amigos, eu vos peço, imploro a chorar
 Quando eu morrer, em minha campa nenhuma inscrição
 Deixai que os vermes pouco a pouco venham terminar
 Este ébrio triste e este triste coração
 Quero somente que na campa em que eu repousar
 Os ébrios loucos como eu venham depositar
 Os seus segredos ao meu derradeiro abrigo
 E suas lágrimas de dor ao peito amigo.

Lojas It S/A patrocina, César Muanis apresenta

RONDA SOCIAL

Rio Preto cresce em todos os sentidos. Com orgulho, podemos dizer que nossa cidade “é o maior país do mundo”. Nossa urbe cresce principalmente no mundo da música. Podemos adiantar que, nesse setor, nossa cidade não deve nada a São Paulo. Se São Paulo tem bons músicos, nós também temos. Se a gente precisar de uma orquestra de gabarito, não é preciso que se vá buscar em S. Paulo. Se precisamos de um conjunto bom, aqui em Rio Preto a gente encontra muitos.

O que faltava era um conjunto moderno. Um conjunto que executasse músicas mandadas por outros países. Um conjunto no estilo de The Jet, ou The Jordans. Este conjunto agora foi formado em nossa metrópole.

São garotos que querem vencer na vida profissional. Já têm idéia até de gravar um compacto. O nome? OS ASTERÓIDES. Eis uma foto do conjunto. Nela estampamos da direita para a esquerda: *Flávio Aragão* (sax-alto), *Paulo César dos Santos* (guitarra), *Demair Luiz Vieira* (bateria), *Aristides Coelho Neto* (crooner, e dos bons) e *Altino Bessa Marques Filho* (piano).

Podemos frisar que estes meninos estão aptos a se apresentar em qualquer tipo de festa, porque o conjunto *Os Asteróides* é um *show* à parte. Se precisarem dele é só falar com o repórter de R. S. Certo?

Milene Domingues³⁰⁶. É minha sobrinha-neta”. Tratava-se da loirinha, Rainha das Embaixadas³⁰⁷, numa reportagem que nos diz do seu início de carreira como atriz e comentarista esportiva.

Sei da fragilidade dos acetatos e manuseio com o máximo cuidado. São gravações de músicas sertanejas. No primeiro disco, de Flausino e Florêncio temos *Futibór do Arraiá* e *Saudades de Rio Preto*³⁰⁸. “Embora constem como composições da dupla, as músicas são minhas”, esclarece Longhi, que também é Flausino. Com Flausino e Hortêncio temos no segundo e terceiro disco: *Saudades de Igaratá* e *Noites de São João, Sertaneja Patriota*³⁰⁹ e *Lua*.

“Não publique isso, mas a autora de *Sertaneja* é mãe do Maurício de Souza”, confidencia Mário, em dúvida quanto a se a revelação é um segredo compartilhável ou um pecado mortal. “Ora, Mário, que é que tem? Ela é mãe e pronto!”, interfere dona Maria.

Talvez Fernando Marques³¹⁰ não imagine que Mário Longhi tem esses discos que mereceriam ser relançados em CD, ele que tanto tem prestigiado os valores musicais de Rio Preto.

Contemporânea de Mário Longhi em versão sertaneja, uma das mais importantes duplas caipiras do Brasil já fazia sucesso nas rádios: Alvarenga e Ranchinho³¹¹. Os dois

³⁰⁶ No ano seguinte, em julho de 1999, logo após a Copa América, a modelo e ex-jogadora Milene, então com 20 anos, iniciaria um romance com o famoso atacante Ronaldinho, o que geraria uma gravidez imediata e inesperada.

³⁰⁷ Nome dado ao domínio de bola, sem deixá-la tocar o chão.

³⁰⁸ Gravação de 1939, segundo o prof. Agostinho Brandi.

³⁰⁹ De Petronília A. Souza.

³¹⁰ Fernando Marques, cantor, compositor, produtor musical, nasceu em 17.02.1961. Gravou os discos *Improvviso*, 1988, *Fernando Marques & Sandra Brito*, 1990, *Tom Brasil*, 1992. Lançou os CDs *Brazilian Bossa*, 1994, *Fernando Marques*, 1996. Co-fundador do selo “Tempo Livre” em sociedade com Vicente Serroni.

³¹¹ Alvarenga (Murilo Alvarenga), nasceu em Itaúna, MG, em 1912. Ranchinho (Diésis dos Anjos Gaia) nasceu em Jacaré, SP, em 1913. Diésis foi substituído posteriormente, em 1965, por Homero de Sousa Campos, nascido em Campos Gerais, MG, em 1930. A dupla foi formada em 1929, e em 1936 gravou o seu primeiro disco. Fez sucesso também com músicas carnavalescas, sátiras políticas e paródias de sua autoria e co-autoria. Alvarenga e Ranchinho, com suas sátiras, participaram de campanhas eleitorais como as de Adhemar de Barros, Juscelino Kubitschek e Lucas Nogueira Garcez. Fizaram dezenas de filmes – *EMB - Enciclopédia da Música Brasileira*.

tiveram muitos problemas com a Censura, em função de suas sátiras políticas. A questão só veio a ser resolvida em 1939, quando Alzira Vargas, filha do presidente Getúlio Vargas, convidou Alvarenga e Ranchinho para tocar no Palácio das Laranjeiras, para seu pai. Getúlio ouviu todas as músicas, inclusive as que se referiam a ele. A partir desse dia, por ordem dele, as composições da dupla foram liberadas em todo o território nacional.

Nosso segundo 78 rpm ficara pronto (*America e My Bonnie*), naquele julho de 1964. César ficou enciumado e não quis que o disco fosse rodado no *Pára ou Continua a Música*. “Vocês têm um compromisso moral com a Rede Piratininga”, disse ele. Bem, de certa forma, tinha razão. As músicas foram então passadas no *Tribunal da Música*, da B-8 e *Clube dos Ouvintes RC*, da Cultura.

A PRB-8 aniversariava. Domingo, 19 de julho de 1964. Éramos convidados por Inácio Junqueira para participar de um *show* durante o baile do Monte Líbano³¹². Por idéia do César, íamos nos apresentar de máscaras, que só seriam tiradas ao final, quando seria dito o nome do conjunto.

Conhecemos, na oportunidade, o Ronnie Cord³¹³ e seu irmão Norman. Transcrevo as duas letras de músicas que estavam fazendo sucesso com ele. Em 1965, *Biquíni de Bolinha Amarelinha* ficaria por seis meses nas paradas de sucesso, uma versão da música que já gravara em inglês em 1960. *Rua Augusta* lhe renderia vários troféus em 1964 e 65.

“Aliás, o irmão do Ronnie Cord era bem mais simpático do que ele. E demonstrava conhecer música melhor que Ronnie”, diagnosticava Altino, em 1999.

O *show* fora transmitido pela Cadeia da Amizade (B-8, Cultura e Difusora) e pela Independência. Comento no *diário* que “foi a 13ª apresentação, a 2ª em que estávamos de uniforme, a 4ª em que iríamos ganhar, a 1ª perante a sociedade...” *Os Asteróides* estavam em órbita... Éramos bem novinhos – Demair, o coroa da turma, havia feito 21 anos em janeiro, Paulo faria 19 no mês seguinte, Altino tinha 16 (faria 17 só em dezembro), Flavinho tinha 14, e eu, 15.

Uma pianola para os ensaios havia sido trazida por um rapaz de Monte Aprazível, com quem estávamos tratando de apresentações – numa delas não haveria piano. Nosso segundo 78 fora levado por ele, juntamente com o clichê, para promoção. O primeiro 78 girava em Rio Preto mesmo, no *Cocktail da Juventude*, em 22 de julho, quando fomos entrevistados pelo Roberto³¹⁴, atendendo à turminha *Fãs dos Asteróides*. Ao repertório já havíamos acrescentado *Swing Safari*. Dia seguinte, estaríamos, alegres e descontraídos, no programa *César Muanis Comanda a Juventude*³¹⁵, da Rio Preto, no Auditório Raul Silva. Anoto

³¹² O Clube Monte Líbano, quando de sua fundação, em 1930, tinha o nome de Coligação Libaneza.

³¹³ Ronald Cordovil (Ronnie Cord), cantor, compositor, nasceu em Minas Gerais, em 22.01.1943. É filho do maestro e compositor Hervé Cordovil. Primeiro disco individual (78 rpm): *Pretty Blue Eyes* (Teddy Randazy) e *You're Knockin' me Out* (Neil Sedaka e H. Greenfield). Em 1961, estreou como compositor lançando *Sandy*. Com seus irmãos Norman e Hervé Jr. participou dos conjuntos *The Cords*. Dos LPs que gravou, três foram em inglês. Participou do *Jovem Guarda* da Record, em 1964/65;

³¹⁴ Roberto Costa (Camilo Roberto do Carmo Fernandes Costa), filho de Camilo Fernandes Costa e Thirsa do Carmo Fernandes Costa. Deixaria o rádio em 1966, para dedicar-se à carreira de professor e tradutor.

³¹⁵ O programa havia mudado de nome.

que “nunca fizemos tanta farra numa só apresentação”. Auditório, eu anotava, “cada vez melhor”. Significa que estávamos à vontade.

O programa *Cocktail da Juventude* havia sido criado por Hitler Fett³¹⁶. Mais tarde, passou para o Roberto Costa. O horário era precisamente 18h5m, logo após a *Oração da Ave-Maria*³¹⁷.

Na Difusora, Roberto fazia também o *Clubinho dos Cara-de-Pau* (Wooden Faces) para os fãs de *rock*, no mesmo horário do *Hoje é Dia de Rock* – de Isaac Zaltmann – da Mayrink Veiga do Rio. Os aficionados tinham que optar por um dos programas.

Em julho de 1998, Roberto atentaria para o detalhe de que a colônia italiana em Rio Preto já era grande na década de 60, o que levou a Difusora a criar o *Ecos Peninsulares* que, em meio à música italiana, trazia poesia e lembranças da velha Itália. Ele, que sempre esteve “ligado” na *Voice of America*, não se esquece do grande furo da morte do Presidente Kennedy na Difusora. “Ouvi a notícia pela Voz da América e logo comuniquei o Hitler Fett, que era então diretor. Hitler titubeou mas coloquei-o para ouvir”, diz Roberto. “Sem mais dúvidas, o resultado foi o furo de reportagem do assassinato do Presidente, pela Difusora, dez minutos antes do *Repórter Esso*. Comemoramos com champanhe, como não poderia deixar de ser”, afirma sorrindo.

“Está procurando o Hitler? É meu pai, venha comigo”, disse Fernando, o garoto então com treze anos, orgulhoso do pai, enquanto se dirigia e me conduzia para a escada estreita que levava ao primeiro andar.

Quando estive com Hitler, em 22.07.1999, na Rádio Centro América AM, ele estava com seu inseparável boné, atrás de uma Olivetti antiga, fechando um artigo para a coluna *Gol*, da *Folha de Rio Preto*. Logo mais à tarde, iria narrar América x Ponte Preta de Campinas pelo Campeonato Paulista da Série A2. A primeira menção que faz é a Araújo Neto, quando declino alguns nomes de profissionais da época de nosso conjunto.

“Araújo monopolizou os motoristas com o seu *Alô Motorista*, que ele fez até falecer. Ele é o grande culpado por eu estar no rádio”, acrescenta, rendendo homenagem ao grande radialista que tanto apresentou *Os Asteróides* na PRB-8.

Hitler era perfumista da Drogaria Baruel, responsável pelo setor de cosméticos. Conta que Araújo, certo dia, enquanto escolhia uma mercadoria, prestava atenção à forma de Hitler colocar a voz. “Minha voz era potente, nos meus 19, 20 anos. Perguntou-me se eu trabalhava em rádio. Eu disse que, em Schmitt, falava no alto-falante da praça. Eu era *crooner* do *Maneco e Seus Garotos*. Cantava no *A Tenda do Adib*. ‘Vá lá na B-8’, disse ele. Fui, e acabei sendo contratado. Quinze dias depois, um constrangimento. Antes um pouco de procurar por

³¹⁶ Hitler Fett, jornalista, radialista, professor, nasceu em Schmitt, em 06.05.1937. Na década de 60, foi apresentador dos programas *Peça e Ouça* e *Matutino Sonoro Willys*, na Rádio Difusora, atuando também como comentarista esportivo nas rádios PRB-8 e Difusora. A partir de 1970, passaria por outras rádios importantes de Rio Preto, Olímpia, Birigui e de São Paulo (Bandeirantes). Na Independência, atuou por quase 20 anos. Como jornalista, trabalharia, além de em jornais de Rio Preto, na *Folha de São Paulo*, *Gazeta Esportiva* e *Revista Placar*. Em 1999, era narrador esportivo da Centro América AM.

³¹⁷ Rezada pela Irmã Izaltina Maria.



Hitler Fett – julho de 1999



Time do Banco de Crédito Real – Eriberto Reino, Roberto Toledo, Zezinho, Artur, Carlos, Edson Gazzi, Edson Mamão e Demair Vieira

Biquíni de Bolinha Amarelinha

Itsy Bitsy Teenie Weenie Yellow Polkadot Bikini

Paul J. Vance – Lee Beckriss
Versão de Hervé Cordovil

Ana Maria entrou na cabine
E foi vestir um biquíni legal
Mas era tão pequenino o biquíni
Que Ana Maria até sentiu-se mal
Ai, ai, ai, mas ficou sensacional.

Ana Maria toda envergonhada
Não quis sair da cabine assim
Ficou com medo que a rapaziada
Olhasse tudo tintim por tintim
Ai, ai, ai, a garota tá pra mim.

Era um biquíni de bolinha
amarelinha
Tão pequenininho, mal cabia na
Ana Maria
Biquíni de bolinha amarelinha tão
pequenininho
Que na palma da mão se escondia.

Ana Maria olhou-se no espelho
E viu-se quase despida, afinal
Ficou com o rosto todinho
vermelho
E escondeu o maiô no dedal.

Acabou toda a folia
Da mocinha na cabine
Mas quem é que não queria
Ver a moça no biquíni.

Araújo, eu havia feito um teste, na Difusora, mas sem saber que era um teste. Wilson Guimarães (o Inglês) e Jovino Cardoso haviam me pedido para ler uns textos para testar um gravador novo que havia chegado. E estavam me chamando também. Acabei indo para a Difusora, que me oferecia mais.”

Na Difusora, Hitler fez praticamente de tudo. “Fui até radioator. Cheguei a gerente. Grandes figuras passaram pela Difusora: Antônio Geraldo (de Olímpia), Maria Helena (era costureira, foi radioatriz), Lisbino Pinto da Costa, Sérgio Rodrigues, Roberto Costa e muitos outros.”

Dentro do tempo que dispúnhamos, a conversa foi rápida. Os assuntos, variados. Eu e Hitler tínhamos pouco tempo. “Como me atualizo? Bem, sou notívago, durmo às três, quatro da manhã. Ouço rádio com a tevê ligada e lendo todos os jornais.”

Vou puxando os assuntos e Fett não se faz de rogado: “Já cheguei a fazer um levantamento minucioso da trajetória do América. Sabia o nome do medicamento que cada jogador da cidade tomava. Isso tudo ficou na Independência, para onde fui depois da Difusora e onde trabalhei por 20 anos. Não consegui retirar de lá. E foi tudo para o São Judas Tadeu³¹⁸. Virou papelão”, afirma Hitler, enquanto me mostra as fichas que usa para narrar os jogos. “O caso do ‘genro e renjo’ aconteceu com o Araújo Neto originalmente e não comigo. Mais tarde, citei o fato no *A Tenda do Adib*. E, de novo, na voz do Adib, por incrível que pareça, o ‘genro’ não saía. O Wilson Guimarães teve que intervir e dizer: ‘o que eles querem dizer é genro’. Uma gafe contagiosa...”

“Famosa foi a gafe do Araújo Neto, quando anunciou uma nota de falecimento³¹⁹. Era comum na B-8, nesses casos, usar-se o som de um gongo. Como o gongo estava quebrado, usava-se a alternativa de um *jingle* da Detefon. Havia um corte preciso pelo técnico depois do gongo. Nesse

³¹⁸ Entidade filantrópica de S. J. do Rio Preto. Arrecada todo tipo de material usado. Quando se diz que papéis foram para o São Judas significa que foram inutilizados, para reciclagem.

³¹⁹ Tratava-se da nota de falecimento de P. B de Aguiar.

dia, o Jacinto operava a mesa e deixou escapar o resto. Ficou mais ou menos assim a notícia do passamento: ‘Cumprimos o doloroso dever de informar...’ Veio o gongo e após o nome da pessoa vazou a música ‘Do que foi que morreu esta barata? Foi Detefon pompororom, foi Detefon pompororom’.”

Conversando com radialistas, verifica-se que as histórias de gafe são inúmeras. Hitler chegou a anunciar a inauguração de uma “central atômica” ao invés de “catedral”. “Quando li pela primeira vez DKW Vemag Zero Km, numa propaganda do Gorayeb, ficou bem estranho no ar: ‘Decadábliu ó quilômetro’. O programa era do Adib”, recorda-se Hitler.

Menciono Petrônio de Ávila, ao que Hitler faz uma análise rápida do seu colega: “Tinha um timbre bonito de voz. E singular, porque o maxilar inferior era mais saliente, era queixadinho, e isso produzia um som peculiar. Um dia, com um telegrama internacional na mão leu Bogóta ao invés de Bogotá e foi engraçadíssimo”. Sobre Petrônio, Irineu Maia tem um relato bem interessante: “Petrônio de Ávila, que era de Patrocínio de Minas, tirava a prótese superior para falar ao microfone...” Particularmente, nunca ouvi falar disso...

A avaliação de Hitler é digna de menção. “Hoje o rádio mudou de forma substancial em Rio Preto. Antes se contratava a pessoa, em função dos seus dotes profissionais, que eram específicos – noticiário, futebol, programa de auditório e assim por diante. Depois, o profissional passou pela fase do pau-para-toda-obra. Passou a generalista. Hoje, lamentavelmente, as emissoras cedem o horário para quem puder pagar. Importa o que a pessoa significar em retorno financeiro e não a sua competência, sua qualidade. Pode até ser gago, tanto faz.” Se eu tivesse mais tempo com Hitler, provável ele tocasse num assunto bem delicado sobre o rádio em Rio Preto, que Lele Arantes destacou – “As emissoras estão quase todas arrendadas para as igrejas evangélicas. E o aspecto cultural do rádio está indo pelo ralo.”

Em novembro de 1998, Roberto Costa dizia: “Foi o Hitler quem me levou para a

Rua Augusta

Hervé Cordovil

Entrei na rua Augusta a 120 por hora
Botei a turma toda do passeio pra fora
Fiz curva em duas rodas sem usar a buzina
Parei a quatro dedos da vitrina
(*Legal*)

Hi, hi, Johnny, Hi, hi, Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo
Hi, hi, Johnny, Hi, hi, Alfredo
Quem é da nossa gang não tem medo

Meu carro não tem breque, não tem luz, não tem buzina,
Tem três carburadores, todos três envenenados
Só pára na subida quando acaba a gasolina,
Só passa se tiver sinal fechado
(*Bárbaro!*)

Hi, hi, Johnny, Hi, hi, Alfredo...

Toquei a 130 com destino à cidade
No Anhangabaú botei mais velocidade
Com três pneus carecas derrapando na raia
Subi a Galeria Prestes Maia
(*Tremendão!*)

Hi, hi, Johnny, Hi, hi, Alfredo...

Difusora”, conta ele. “Eu e Anísio Nicolli estávamos fazendo os testes do equipamento da Independência AM. Os aparelhos ainda estavam no chão. Revezávamos eu e Anísio. Hitler gostou e me chamou. E eu fui”. “Anísio Nicolli era meu vizinho”, esclarece Kaiser. “Certa vez, Gal Costa estava começando, ele leu o nome dela – General Costa.”

Enquanto vemos uma foto preto e branco de 1964, em que Roberto, de terno e colete, do palco-auditório da Difusora, apresentava um *show* do Duo Primavera, ele próprio faz um lembrete: “Não deixe de falar sobre o Silveira Coelho, um radialista dos mais antigos de Rio Preto. Procure o Alexandre Macedo³²⁰ lá no IPESP, o Hitler na Centro América, o João de Barro – que era discotecário na Difusora – que hoje está no Teatro Municipal.” Em julho de 1997, eu havia estado com Alexandre Macedo e João Sorroche Neto³²¹, no apartamento do primeiro. Escrevi aos dois posteriormente. Não teria muito a dizer, além do que consta no Dicionário Rio-pretense, do Lelé, se não encontrasse Alexandre Macedo no saguão da Rádio Onda Nova, em 20 de julho de 1999.

“Na década de 40, eu estava encaminhado para a Medicina”, revela Macedo. “Fiz até o primeiro ano em São Paulo. Mas, desde garoto era louco por rádio e procurava, na capital, por uma chance nessa área. Na pensão, eu e meu colega de quarto, só falávamos de rádio. A chance veio na Bandeirantes. Lourenço Amadeu, que fazia um programa bem conhecido de tangos, deu-me algumas dicas. Foi um texto sobre radionovela que preparei para meu teste. Além disso, li um artigo sobre Getúlio Vargas. Foi assim que comecei.”

Alexandre trabalhou também no DEI – Departamento Estadual de Informação, responsável por documentários muito em voga, em tempos idos, que precediam os filmes nos cinemas. “Quando larguei Medicina, voltei para Onda Verde, SP. Adib Muanis havia montado uma rádio clandestina, por volta de 1945. O transmissor tinha alcance limitado, mas permitia sermos ouvidos nas fazendas da região. Éramos eu, Roberto Souza, Ibrahim, Adib, Rubens Muanis. César Muanis era garoto. Promovíamos *shows*, narrávamos futebol. Todos fazíamos de tudo.”

Foi na época de um teste na PRB-8 com o Gonçalves de Oliveira, que lhe foi sugerida a mudança para Macedo. “Ismael não é ‘radiofônico’”, disse Gonçalves. Se desse certo o teste, iria substituir o Delboni Neto que estava partindo para São Paulo. “Me aprovaram e me chamaram pelo rádio”, comenta Alexandre. Os companheiros na B-8 eram Gonçalves de Oliveira (diretor e locutor) e os irmãos Lofrano. “Veio depois o Adib, seguindo-se os irmãos. Estávamos no final da década de 40, início dos anos 50.”

³²⁰ Alexandre Macedo, nome artístico de Alexandre Ismael, jornalista, radialista, nasceu em Nova Granada, em 1924. Iniciou a carreira no rádio na PRB-8, onde atuou de 1947 a 50. Como radialista, trabalhou também na Independência e na Brasil Novo. Foi diretor-proprietário do Grupo Independência (Rádio Independência, FM Stereo Show, Rio Preto e Rádio Clube Fronteira). Foi diretor-proprietário da Folha de Rio Preto e jornalista n’ *A Notícia*, *Dia e Noite*, *Diário da Região* e na *TV Record*. Em 1999, era diretor comercial da Rádio Onda Nova.

³²¹ João Sorroche Neto, radialista, jornalista, também cursou Marketing e Propaganda. Nasceu em 27.03.1941, em São José do Rio Preto. Em sua trajetória, como apresentador de programas, redator, diretor-gerente, locutor, diretor artístico, passou pelas rádios PRB-8, Cultura, Anchieta, Independência, Stereo Show/Cidade, Rádio Globo de São Paulo, CBN.

Alexandre entrou para a B-8 cheio de idéias. “Era muito comum a oferta paga de músicas no rádio”, diz ele. “De início, quisemos inovar a maneira de fazer rádio e fomos repreendidos. Com os Muanis, começamos a conseguir mudar as coisas.” Corroborando a sua paixão pelo rádio, ele menciona os artifícios que chegou a usar para ficar ligado ao rádio. “Tive que largar o rádio para casar (tratava-se de Yole Ferrarini). A família de minha noiva não queria que ela se casasse com um radialista. Éramos malvistas. Saí do rádio, montei uma farmácia. E acabei voltando para o rádio.

“Difícil esquecer o dia em que o Djalma me pediu para cobri-lo no horário. Mas o Gonçalves de Oliveira faltou também. Foi quando fiquei no microfone de oito da manhã à meia-noite. Nem comi”, observa, deixando claro que nada o demovia da sua inclinação radialística.

Em 24 de julho de 1964, continuávamos ensaiando na PRB-8 com bateria completa e a pianola. Estávamos “esticando” nossas músicas para a apresentação de Monte Aprazível. As gravações *America, I want to hold your hand*, passavam no *A Batuta é dos Brotos. America e Malagueña*, no *Ronda Social*. Eu informava que, nesse ínterim, havíamos recusado apresentarmo-nos por Cr\$ 5 mil. E que estávamos “escamando”³²².

“Escamar” nos reporta às gírias em voga de então – “legal, bidu, pé-frio, bate-papo, uma brasa, morar, sacar, papo-furado, bolha, grana, barra-limpa”. Vítor A. Carvalho, com seu estopim milimétrico, escreve um artigo acalorado, na *Revista Estudantil*³²³, em 1966, execrando os modismos lingüísticos, “burrice e cretinice, que amarrotam a literatura”. Em seu artigo *Gírias*, ao chamar de parvos quem se utilizava de gírias, colocava no mesmo saco todo aquele que cometia esses deslizos imperdoáveis que atentavam contra a “autenticidade e a originalidade”. Sua curiosa frase “quem quer ser burro, não há demônios que o removam dessa idéia” denota que o então violonista e guitarrista deve ter-se tornado um grande literato, rodeado de amigos brilhantes. Se, passados os anos, o estopim de Vítor encurtou, a acidez exacerbada muito provavelmente deve ter atacado as paredes estomacais. A *Revista Estudantil* teve como diretores José Rubens F. de Almeida e Confúcio Rodrigues Cavalcanti.

O amplificador ficara pronto³²⁴. No dia 25, Altino e Paulo participaram da gravação de um *jingle* para o Eduardo Raduan, da Casa João, um potencial patrocinador do programa do César.

Eu dizia, nas minhas anotações, que nosso conjunto, “como sabem, é especializado em ritmos para a juventude, tendo por isso um repertório de balada, *twist, rock, surf, hully gully* etc”. E fazia questão de detalhar. Em respeito ao leitor, e contando com a sua paciência, esclareço que já enxuguei 50% do que havia no tal *diário*.

Cantadas, naquela data: *Surf At The Hop, Peppermint Twist, The Jet, Hully Gully Baby, Parei na Contramão, Let's Twist Again, More, Roberta, Whole Lotta Shaking' Goin' On, I Wanna Hold Your Hand, Runaround Sue, My Bonnie, What'd I Say*.

³²² Gíria de 1966 para “fazer-se de difícil, esnobar”.

³²³ Revista Estudantil – Ano 1 – nº 3 – junho de 1966 – O Diretor era José Rubens Ferreira de Almeida.

³²⁴ Pagávamos Cr\$ 1 mil ao Jamal. O controle de caixa era rigoroso: agora tínhamos Cr\$ 7.500.

Soladas: *America, The blob, Let's go, Swing Safari, Peter Gun, Wipe out, Blue Star, Runaway, Classic Hully Gully, Malagueña, Gandy Dancer*. Mas, novas músicas estavam sendo ensaiadas.

Das apresentações em Monte Aprazível – duas em 26 e uma em 29 de julho, dia do padroeiro da cidade – podemos acrescentar que houve uma série de comemorações. Senhor Costa Neto mandou-nos buscar com uma perua. Saímos logo depois do almoço “de mala e cuia”. Malas, amplificador, guitarra, sax e pianola. A bateria foi conseguida em Monte Aprazível. Os cartazes espalhados pela cidade ostentavam a nossa foto – aquela em que todos estão estendendo a mão para o prato do Carangola – e os seguintes dizeres:

“*Sensacional Apresentação*”. Havia um espaço para dia, mês e local. “*A brincadeira-show com OS ASTERÓIDES, conjunto de danças com repertório de ritmos da juventude – Hully Gully, Twist, Calypso, Cha cha cha, Rock and Roll.*” Havia duas propagandas: dos supermercados Serv-Lev (antiga Casa Mardegan) e da Gráfica Aprazível Ltda. (do próprio Costa Neto).

Paralelamente aos cartazes, o nosso segundo 78 tocara na rádio da cidade durante a semana toda. Animamos a festa do Iate Clube que começou às 15h30. Nos intervalos, uma excelente acordeonista tocou boleros. Jantamos por ali mesmo.

“Ah! Esse jantar...”, acrescenta Altino. “Com vista para a represa, ao entardecer. Chatos os caras que durante o nosso *show* nos chamavam de *Os Tireóides*.”

À noite, todos de terno preto, apresentamo-nos no Aprazível Clube. Público reduzido, em função da quermesse que acontecia na cidade. Das 20 às 22 horas, passamos o repertório todinho para a Difusora de lá. Fizemos um lanche e retornamos a Rio Preto. Anoto que Monte Aprazível era “demais” aprazível³²⁵.

“O *footing* de Monte Aprazível era *sui generis*”, comenta Altino. “As garotas andavam em círculo. Em sentido contrário, os rapazes, num círculo externo, como que numa festiva quadrilha.”

No dia 29, retornamos. Éramos treze passageiros na kombi, que desta vez levava também a Tânia Maria e a Sandra Maldonado³²⁶. O *show* foi na quermesse. Muita gente, nas comemorações do dia da cidade. Nos intervalos, Tânia e Sandra cantaram, enquanto lanchávamos. Registro que tinha a Tânia só como locutora. “Nem sabia que ela cantava”, afirmo eu no velho *diário*.

Tânia, muito bonita, iria fazer dezoito anos em outubro. Ela cantava sim. Aliás, a família toda cantava, foi o que descobri em 1º de novembro de 1998, quando reví a Tânia. Messias Mattos havia me passado seu telefone. Ela começa a nossa entrevista informal falando do pai Armando Maldonado, aquele que iniciou os irmãos e toda a família na música. “Meu pai era um autodidata”, diz Tânia, enquanto seus olhos umedecem ao falar de Armando. “Era pintor de automóveis, mas também cantor profissional e compositor. Trabalhou com a

³²⁵ Cachê a que faríamos jus: Cr\$ 15 mil.

³²⁶ Sandra Helena Maldonado Apoloni, hoje psicóloga, coordenadora dos *Vigilantes do Peso*, em S. J. do Rio Preto.



fotos acn

Tânia Maldonado, 1998



Roberto Costa e irmã, 1998

Orquestra Paratodos. As canções dele eram de domínio popular, mas nenhum conjunto profissional gravou. Chegou a musicar peças de teatro. *Banzo* foi uma delas.”

Quando indago de Tânia quanto a algum registro, mesmo amador das composições de que tanto fala, ela cantarola *Cantar e Dançar*, um *fox-trot*, de autoria dele. Por volta de 1988, diz que se reuniram todos os irmãos e gravaram uma fita com José Rastelli³²⁷ e Batista, na intenção de fazer o primeiro registro. Desejando falar mais sobre Rastelli, escrevi a ele. Em 19 de março de 1999, manteve um contato rápido comigo por telefone. Achava difícil falar sobre si mesmo. São os casos em que só pessoalmente a gente consegue algo.

E Tânia continua: “Meu pai, desde os meus dois anos de idade, me incentivava a cantar. Lembro-me que andava com um diapasão corrigindo a afinação da Lucinha, minha prima. Como comecei a carreira no rádio?”

Nossa cantora-radialista prefacia a resposta dizendo que sempre teve uma intimidade com música, palco, microfone. Essa experiência a ajudou demais na carreira de professora. Aos seis anos de idade foi Princesa do Clube da Cirandinha. Tinha um fã-clube, como cantora. Mas como locutora também. Há quem diga que ela era uma Xuxa daquele tempo. “Não dava para acondicionar todas as cartas lá na Difusora. Pedidos e mais pedidos de participação no meu programa. Não havia lugar”, comenta ela. “Com essa história de fã-clube, eu ganhava roupas, sapatos... você nem imagina.”

Quando começou como locutora, Tânia estudava no Colégio São Luiz. Tinha quinze anos. Foi em 1962. “Taninha, quer ser locutora? E ganhar uma grana extra? Então, venha à tarde”, disse o César Muanis, certo dia. “O diretor artístico era o Gonçalves de Oliveira. Eu não queria ser identificada como a filha do Maldonado. Queria ser eu mesma, trabalhar pelos meus próprios méritos. Usei um pseudônimo. Passei no teste e comecei logo. Os Muanis estavam levantando a B-8 pra valer, com a sua juventude, sua energia.”

— Sempre fui romântica – considera Tânia. — Minhas crônicas no *Boa Tarde Meu Bem*, das 17 horas, na Difusora eram como que desabafos próprios de adolescente. A garotada se identificava com aquilo. E olhe que o texto era praticamente improvisado! Foi sucesso durante quatro anos seguidos.

Na década de 60, Tânia recebeu o troféu Imprensa, como a melhor locutora do interior. Foi convidada para trabalhar na capital, mas o pai não deixou. Não via com bons olhos uma radialista mulher em São Paulo. Coisas de pai.

Quando falamos de Zacarias³²⁸, assassinado por um médico e professor universitário, pai de uma garota que teria se envolvido com ele, Tânia observa:

³²⁷ José Rastelli: violinista, compositor, nasceu em Araraquara, SP, em 06.02.1935. Foi integrante da Orquestra Sinfônica de Campinas por onze anos. Gravou uma série de seis LPs intitulada “Eu e Meu Amigo Violão”, sendo o sexto em parceria com Poli, na guitarra havaiana. Em 1972, lançou “Choros e Valsas de Zequinha de Abreu”. Em 1996, lançou seu primeiro CD, de nome “José Rastelli”, incluindo nove composições suas. Participou do CD “Antologia Musical de S. José do Rio Preto”, de 1996.

³²⁸ Zacarias Fernandes do Valle, publicitário, radialista, ator, nasceu em Itajobi, em 05.11.1932, falecendo em Rio Preto, em 14.08.1963. Trabalhou na PRB-8, Rádio Independência, no Correio da Araraquarense e na Companhia de Teatro Procópio Ferreira.

“Zacarias era muito assediado. Dalila bem bonita. Já havia namorado o César Muanis. Foi um episódio lamentável e trouxe grande tristeza ao meio radialístico. Zacarias trabalhava na Cultura. Era engraçadíssimo. Mexia com todos quando estavam ao microfone. A intenção era fazer rir no ar.”

Quem também fala de Zacarias é Alexandre Macedo, em outra oportunidade: “Ele era um grande nome do rádio. Se tivesse tido a chance de mais tarde alcançar a tevê, seria sucesso certo. Era um artista completo.”

As histórias de gafes no ar são sempre engraçadas. As saídas mais ou menos criativas, também. Tânia, às gargalhadas, menciona o dia em que não houve quem a fizesse dizer “particularmente” no ar. “Eu parecia o Hitler Fett, quando enrolou e enrolou sem conseguir falar “genros” na nota de falecimento. Só saía ‘renjo’.” Tânia menciona ainda a primeira experiência do Adib Muanis como repórter de campo, quando faltou alguém e ele teve que assumir. No jogo ele descreveu a bola sendo chutada, subindo, subindo, quase chegando ao objetivo, não parava de subir. Só que isso tudo, antes da bola sair do chão... Tânia novamente não contém o riso quando fala das hostilidades entre cidades quando iam cobrir algum jogo. “Nelson Antônio era gordinho. Fugindo da torcida enfurecida, ele ficou entalado em baixo das arquibancadas. E a torcida batia no traseiro dele.”

Sobre o Golpe de 64, Tânia lamenta: “Ah! Se você tivesse condições de falar com o Newton Ramos de Oliveira... Ele é escritor e trabalha em São Carlos, na Universidade. Teria muita coisa pra contar, já que foi torturado.”

Quem expressa um carinho enorme por Tânia é sua prima Maria Lúcia³²⁹, hoje casada com Messias Mattos. “Eu cantava com Tino Maldonado, irmão do tio Armando, a música *Mamãe*, já gravada por Ângela Maria e João Dias. Em 1958, eu estudava no Ateneu. O professor Miziara, de Português, sempre me chamava lá na frente para cantar. ‘Música é cultura’, dizia. Certa vez, para minha surpresa, deparei com o próprio João Dias, não sei por que cargas-d’água, lá no Ateneu. Coisa do prof. Miziara. E cantamos juntos, sem acompanhamento, claro. Foi uma emoção muito grande”, diria Maria Lúcia, em 22.03.2000.

Música, concluímos era inerente à família Maldonado, com poderes de contagiar quem dela se aproximasse. Maria Lúcia também era nadadora do Palestra, onde foi diretora do grupo de Ballet Aquático. Cantou na Tenda do Adib, viajou pela redondeza com o regional de Mário Longhi. “Era Mário ao violão elétrico, Santos Filho, no acordeom, Taruga, na bateria. Cantou com Renato Perez, Farath, Luís Carlos Ribeiro. “Chegamos a montar um conjunto”, diz ela. “O Copacabana tinha Milton de Paula (filho de Chiquinho Marabá) ao piano, Rubinho, na bateria e eu como *crooner*. Nos domingos à tarde estávamos no Palestra. Nos sábados à tarde, no Bancários.”

³²⁹ Maria Lúcia Ferrari Ferreira, cantora, contadora, nadadora e diretora de Ballet Aquático do Palestra, nasceu em Pipirituba, PB, aos 13.04.1942. Ao casar-se com Messias Mattos, passou a Maria Lúcia Ferreira Mattos. Começou a cantar aos oito anos de idade, na Rádio Poty, de Natal, RN. Em 1952, mudou-se para Rio Preto com a família. Gravou a música *Escuta* no programa *César de Alencar*, em 1956. Ainda nesse ano ganhou a faixa de “Melhor Cantora da Alta Araraquarense”, em concurso promovido pelo jornal *A Notícia*. Na Toledo, em Rio Preto, gravou *Saudade e Nada Mais e Não*, de Mário Longhi e Zacarias Fernandes do Vale. De Mário Longhi gravou também *Você Não me Compreende*. Integrou o conjunto Copacabana.

Quando Maria Lúcia cantou na Rádio Nacional, em 1956, César de Alencar convidou-a para fazer testes e seguir carreira. “Diferente de outros pais, os meus me incentivavam. Não sei bem porque não fiquei. Acho que meu destino, e com Messias, estava em Rio Preto”, pondera referindo-se ao marido que, enquanto falamos, revira uma caixa de papelão que transborda de história do rádio... jingles, fitas de rolo, recortes, fotos. O programa de César de Alencar resultou num *long-play* que tive a oportunidade de manusear. Lúcia cantara *Escuta*, de Ivon Cury. O acompanhamento fora de Maestro Chiquinho.

A forma como Lúcia conheceu Messias é muito interessante. Ele estava promovendo um *show* em Uchoa, em 1954. Zacarias falou-lhe sobre Maria Lúcia e ele foi categórico: “Por favor, não traga criança, não”. Ela então completa: “Em 1959, Messias Mattos estaria namorando esta ‘criança’ aqui.”

Maria Lúcia também gravou na Toledo, como *Os Asteróides*. Eram músicas produzidas na terra, de Mário Longhi e Zacarias Fernandes do Vale.

Monte Aprazível, 1964. Na quermesse, encontrei a Ida, aquela gracinha da irmã do Tavinho³³⁰, de Rio Preto. Eu andava procurando uma namorada, já que tinha me desentendido com a Conceição Aparecida. Mas havia muita gente bonita. Anoto de novo no *diário* que a cidade estava “aprazível” mesmo! O *show* foi transmitido outra vez pela Difusora de lá. “Você se lembra daquele cara da PRB-8 que resolveu mandar correio-elegante para o padre?”, pergunta Altino, em 1998.

O resto do cachê elevava o caixa para mais de Cr\$ 37 mil, o que nos levou a fazer mil planos. Dia seguinte estávamos tirando mais fotos. As individuais, cada um pagou a sua, porque “precisávamos economizar para comprar bateria, amplificador, guitarra, contrabaixo...”

Encerra-se o mês de julho com *My Bonnie* rodando no *A Batuta é do Broto e Malagueña*, no *A Juventude é Quem Manda*, e com a nossa 24ª apresentação à noite, no *César Muanis Comanda a Juventude* – assim ele pensava, comento eu no *diário*.

Em *Malagueña*, o som era do disco, com *Os Asteróides* em posições trocadas, simulando tocar o instrumento que não era o seu. Anoto que a interpretação do Paulo em *Classic Hully Gully* não havia sido das melhores. O Altino não deixava para depois para torcer o nariz.

Julho havia sido movimentado, o que atribuo ao dinamismo do Altino. Persistente, corria atrás de tudo mesmo, com garra. Quanto ao resto do grupo, Carangola não tinha tempo, Flavinho era desligado, Paulo mais ainda, eu ajudava um pouco.

Interessante notar que, até aquele momento, não havíamos tido problemas com a Ordem dos Músicos. E nenhum de nós era filiado.

Na PRB-8 e na Cultura falava-se muito de nós. Havia fã-clubes (Fãs dos Asteróides, As Asteróides), discos rodando. “A cidade está pegando *asteroidite*”, dizia a Tânia. Gravávamos em 31 de julho mais onze músicas com o Brito, que só não foram passadas para acetato por causa da agulha da B-8 que estava quebrada. No entanto, Paulo anunciava que deixaria o conjunto em breve.

³³⁰ Otávio Elias Musse.

RIO PRETO *em Revista*

Publicação Semanal

ANO 1	S. José do Rio Preto, 3 de Fevereiro de 1958	Número 10
-------	--	-----------

Cr\$ 5,00

Nossa Terra, Nossa Gente!



Maria Lúcia Ferreira
Cantora da PIB-5

Estava próximo o reinício das aulas. Eu cursava o 1º Científico. Nossos ensaios seriam só à noite, com o preparo de novas músicas. Dentre elas: *Ritmo da Chuva*, *The Hully Gully*, *Al Di La*, *La Bamba*. Preparávamos também *Please Please Me*, comprando o compacto³³¹ recém-chegado nas Lojas Peri. As pessoas estavam gostando de baladas. A música italiana estava em alta. Mas estávamos ensaiando cha cha chas também. Um sucesso de então era *Chove Chuva*, de Jorge Ben³³², gravado a 12 de julho de 1964, ao vivo no Teatro Paramount e incluída em seu terceiro LP.

Enquanto transcrevo a letra de Ritmo da Chuva, que era interpretada por Demétrius e também por Tony Campello, uma curiosidade – foi Tony quem descobriu Rita Lee, levando o conjunto dela, as *Teen Age Singers*, para fazer coro em gravações de *The Jet Black's*, Demétrius e Prini Lorez. Isso aconteceu antes dos Mutantes.

Flávio melhorava o desempenho a cada dia. Ele estudava Renato Perez. Renato Perez, porém, seguia a cartilha de Charlie Parker, Stan Getz, estudava Gerry Mulligan. Por falar em Gerry Mulligan³³³, fui vê-lo numa apresentação na Sala Villa Lobos do Teatro Nacional em Brasília. Estávamos em 30 de novembro de 1990. Uma fera ainda, já grisalho. Plantei-me no camarim até ele sair. Estendi-lhe a mão e disse em inglês macarrônico:

— In the past, about thirty years ago, I used to listen and appreciate all your records. We were in 1964 and I was very young, almost a child.

E ele disse sorrindo, numa demonstração de gentileza e humor sutil:

— Me too.

Por que não acrescentar algo do próprio Flávio sobre os seus modelos de virtuosidade? Ele afirma, mais tarde, que gostava mesmo é de Chet Baker, Gerry Mulligan, Paul Desmond, Stan Getz, Dave Brubeck, Dizzy Gillespie. “Muitas vezes eu ficava deitado no chão, ao lado da vitrola até a madrugada, ouvindo esses caras. Aliás, quem me levou a isso foi o Renato Perez, que me deu as ‘segundas aulas’ de saxofone. As primeiras eu as tive com o velho Aragon mesmo.” Sérgio Baffi, em 1977, chegou a assistir a apresentação do Flávio com Luizinho Eça, no Anhembi. “Foi uma surpresa quando um dos integrantes apresentou os músicos para a platéia. Referiu-se ao saxofonista como Flávio Barba. Cheguei até o palco e puxei conversa. Era mesmo o Flávio Aragon d’*Os Asteróides*, por trás da barba...”

Acabamos voltando a Monte Aprazível em 2 de agosto. Novamente, na quermesse. No repertório, a estréia de *La Bamba*. Nela, Flavinho apenas sentava-se

³³¹ Cr\$ 900 era o preço de um compacto.

³³² Jorge Ben (hoje Benjor) é Jorge Duílio Lima Meneses. Compositor, cantor, instrumentista, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22.03.1942.

³³³ Gerry Mulligan, saxofonista barítono, compositor, arranjador, nasceu em 06.04.1927. Morreu em 19 de janeiro de 1996, em sua casa, em Darien, Connecticut, aos 68 anos. Seu trabalho foi de suma importância para o jazz da segunda metade do século, com improvisações originais, que lhe valeram o respeito e admiração de “monstros sagrados” como Miles Davis e Duke Ellington. Mulligan reinou numa época em que o jazz era dominado por negros, ao passo que ele era um branco magro, alto e ruivo. Inaugurava-se uma era de menos importância para a aparência e mais para as notas que saíam do instrumento. Com Evans, Miles Davis e John Lewis, Mulligan criou o “cool jazz”. Ao mudar-se para a Califórnia, formou um quarteto sem piano que adicionou um tom provocativo ao jazz, chamado “west coast jazz”.



foto Maura Mattos

Messias Mattos e Maria Lúcia – dez/1999



foto Tony

Os Asteróides em sua 2ª Fase – 13.07.1964 – Altino, Aristides, Demair, Flávio e Paulo Presley

A *Revista Estudantil* comunica que nada deve a bancos particulares ou oficiais, nacionais ou estrangeiros, ao comércio ou à indústria, ou a quem quer que seja, dentro ou fora do País.

Comunicamos também que o capital da empresa é totalmente nacional, nada tendo, portanto, relacionamento com capitais estrangeiros na Imprensa.

à bateria e Demair Carangola tocava bongô. Nas minhas anotações falo em correios-elegantes “não só de garotas, como também de muitos engraçadinhos”. Foi um rapaz chamado Edil quem nos ajudou a conseguir a apresentação. Recebeu uma parte do cachê.

Agosto transcorria com aparições nossas nas rádios através dos acetatos. Os 78 rpm haviam sido rodados no IEMG também. A gravação *I wanna hold your hand* chegou a ser solicitada por ouvintes no *Roleta Colorida*. Já pensaram? Preferindo-nos aos Beatles... “Quanta insensatez! Mas cada louco com sua mania”, comento.

Jamal então precisou da guitarra. Havia vendido, juntamente com o amplificador. Uma sinuca para nós. Mas fora útil por muito tempo. “Jamal era um cara super legal”, observo.

Em 13 de agosto, apresentação no *César Comanda a Juventude*. Outra música no repertório: *Shoppin' Around*, cantada pelo Paulo. Sem guitarra, sem bateria, não havíamos ensaiado nada. Novamente, guitarra do Mário Longhi e bateria do Taruga. *La Bamba* saiu uma lástima.

Em função de um recorte de jornal sobre um namorico de Demair, veiculado no Ronda Social, do César Muanis, Altino, em 1999, esboçou algo sobre a sua personalidade: “Carangola era bem-humorado e tinha apurado senso de humor também. Sabia ser agradável e era o queridinho das meninas.” E comenta rindo: “Na minha mente, na volta de um dos nossos bailes, Carangola³³⁵ parodiando Noel Rosa.” E entoava uma melodia: “Tenho passado tão mal. A minha cama é a traseira da Rural...³³⁶.”

Muitas pessoas quando convidadas a falar sobre os velhos tempos do conjunto ficam receosas, achando que dificilmente vão se recordar de tudo. Mas a conversa flui normalmente e as lembranças

³³⁵ Demair Luiz Vieira, filho de Hermínia Espertini Vieira, nasceu em Carangola, MG, em 04.01.1943. É casado com Alice de Lima, nascida em Taubaté. Baterista, bancário, trabalhou no Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Quando participava de *Os Asteróides*, morou numa pensão nas imediações do Mercado Municipal. Curso Economia. Hoje é empresário em Taubaté, SP.

³³⁶ Utilitário Rural Willys.

vêm à tona. Foi o caso do Demair, com quem fui ter em Taubaté. Almoçamos juntos, eu e Elise, Demair e Alice, a esposa, em 24 de janeiro de 2000. Era uma segunda-feira. “Ari, por telefone, por carta, eu não estava avaliando a dimensão deste seu trabalho do livro. Estou sendo sincero, não havia alcançado o valor que você estava dando a esse projeto”, desculpa-se ele.

As referências a Alice são constantes. “Além de um profundo amor por ela, sou eternamente grato por ter-me tirado do buraco em que eu estava. Ou de ter acreditado na minha recuperação”, comenta a toda hora Demair referindo-se à amiga, amante, companheira e benfeitora Alice, a quem chama, de jeito carinhoso, de ‘baixinha’. Entrara cedo demais no cigarro e na bebida. “Conheci Alice em 1967 e por longos catorze anos ela aguardou pacientemente que eu tomasse jeito. Essa ‘carreira’ desastrosa só terminaria em 1980, quando minha vida mudou por completo.”

“A nossa fé pesou muito, além da força de vontade dele”, rebate Alice, reconhecendo o papel fundamental que a igreja³³⁷ exerceu em sua vida.. “Quando conheci Demair, ele estava um trapo, no fundo do poço. Houve época em que tinha visões, conseqüência do álcool. Esperei por catorze anos para que abrisse os olhos para a vida. Mas o poder de Deus é incalculável. E vencemos.”

O depoimento de Demair continua: “A vida de vocês, Ari, Flávio, Paulo, Altino, era regrada, outro contexto. Eu vivia só o presente. Futuro, nem pensar – o amanhã era longe demais... Comecei a beber aos catorze. Após os ensaios vocês iam cada um para suas casas. Eu dormia de vez em quando, ‘caía na gandaia’ até as tantas. Ouviu falar da boate Marechiara? Era para aquelas bandas da Esplanada. E cedinho estava eu no Banco sabe lá como.... Ficava no ar, quase sempre, por três dias seguidos.” Demair não esconde em nenhum instante o mal que o álcool lhe fez, o que passou por desentendimentos

Runaround Sue

Ernie Maresca & Dion

Here's my story, sad but true
It's about a girl that I once knew
She took my love, then run around
With ev'ry single guy in town

Hip, hip, bom di di di di hip,
Bom di di di di hip, bom di di di di
hip,
Keep way from Runaround Sue

I should have known it from the
very start
This girl would leave me with a
broken heart
Now, listen people what I'm tellin'
you
Keep away from Runaround Sue

I miss her lips and the smile on her
face
The touch of her hand and this
girl's warm embrace
So if you don't wanna cry like I do
Keep away from Runaround Sue

Hip, hip, bom di di etc

She likes (to) travel 'round
She'll love you and she'll put you
down
Now, people let me put you wise
Sue goes out with other guys

Here's the moral from the guy's
story
I fell in love and my love still grows
Ask any fool that she ever knew
They'll say
Keep away from Runaround Sue

Hip, hip, bom di di di di hip,
Bom di di di di hip, bom di di di di
hip,
Keep way from Runaround Sue

³³⁷ Igreja Pentecostal de Nova Vida (Rio de Janeiro).

com os próprios irmãos. “Pudera... você acredita que cheguei a ir a Carangola para visitar os meus e fiquei na própria Rodoviária entretido com bebida e música até domingo, quando tomei o ônibus de volta? Não arredei o pé de lá. E o objetivo era ver a família...”

Entre juras “rasgadas” e elogios à “baixinha”, vamos registrando a conversa e tentando traçar o perfil do amigo interlocutor. Demair sempre foi cheio de rodeios polidos, de gentilezas. E era o mais namorado do conjunto. Mais que o Paulo, depreendo. “Eu namorava a Cibele, a Geni, a Juraci ao mesmo tempo. O pai da Cibele, alfaiate na Siqueira, reprovava o namoro da filha. O Erlon, *crooner*, naquele tempo namorava a filha do dono de uma mercearia chamada Casa de Frios Poços de Caldas. Também não queria o namoro da filha de jeito nenhum. Músico não era bem-visto”, comenta ele. “E nem radialista”, acrescentaria Roberto Toledo alguns dias depois.

Mas o ato de namorar era mais ingênuo do que hoje. E os casos de Demair eram curiosos. “Quanto às três namoradas, uma eu preferia para passear, outra, para ir ao cinema, outra, para dançar. E por falar em dançar, eu gostava muito. Tive a honra de dançar com a orquestra de Osmar Milani.”

A foto de 1964 que me apresenta na mesa da cozinha havia sido selecionada com antecedência. Ela nos diz das outras habilidades de Demair, além de bancário. “Esse era o time de futebol de salão da Associação Atlética Banco de Crédito Real”, comenta. “Eu era goleiro.” Nas duas fileiras de jogadores, elegantemente preparados para o registro fotográfico, vemos Eriberto Reino, Roberto Toledo, Zezinho, Artur, Carlos, Edson Gazzzi, Edson Mamão e Demair. “Antes do Banco, o Roberto Toledo trabalhava nas Lojas Peri, na seção de roupas masculinas”, acrescenta.

Registro trechos esparsos da conversa animada com o nosso Carangola. “Farath me prestigiava e lembro-me dele com carinho. Mas encasquetava em me chamar de Mexerica ao invés de Carangola. Tocar não tinha grandes problemas. Tudo era muito simples. Quando eu viajava acompanhando algum conjunto musical que não *Os Asteróides*, uma kombi era suficiente para levar oito pessoas mais o motorista. Sem esquecer o baixo acústico, bateria, amplificador. Imagine... Hoje, só num ônibus...”

Demair morou em muitos lugares em Rio Preto. “Quando morei em cima do Banco, minha vida ficou restrita àquele trechinho na Siqueira, entre Bernardino e General Glicério. Eu descia, trabalhava, atravessava a rua, tocava no Monte Líbano, namorava – era a filha do dono da alfaiataria Rosseli, quase na esquina –, almoçava no Restaurante do Papai. Bauru, no Zique – os músicos se reuniam lá –, sagado, no Caron. Meu mundo era ali.”

As andanças de Demair limitaram-se a Carangola, onde nasceu, Santos (por poucos dias), São José do Rio Preto, Rio de Janeiro e, por fim, Taubaté. “No Rio, freqüentei todos os pontos de encontro dos músicos. E a vida boêmia continuou correndo solta.”

Quando Demair resolveu ir embora de Rio Preto, buscava uma maior proximidade com Carangola, em Minas. Poderia ser qualquer lugar do Rio. “Nos meus raros momentos de sensatez, achei que precisava ficar mais perto de minha



foto Elise Leine F. Coelho

Demair Luiz Viera, o Carangola – Taubaté, janeiro de 2000



Os Asteróides em sua 2ª Fase – 30.07.1964 – Paulo, Demair, Altino, Flávio e Aristides

mãe. Eu sou o caçula”. Mas o ambiente em Rio Preto estava formado. “Cheguei a ganhar mais no conjunto do Monte Líbano do que no próprio Banco”, emenda. E houve um dia em que desistiu de ir embora. “O gerente³³⁸ do Banco não abriu mão da reversão da situação da transferência e eu tive que ir. Talvez em busca do meu destino.” Particularmente, achamos que a tábua de salvação que ele teria, diante de tudo que ouvimos, era mesmo Alice.

Demair teve a oportunidade de acompanhar Cauby e Ângela Maria, no Monte Líbano, em momentos distintos. “Com Ângela Maria foi em 3 de julho de 1965. Era sábado, dia de bola e das costumeiras reuniões depois do evento. Acabei faltando ao ensaio das 18h00 e, mais à noite, Ângela me ‘passou um sabão’. Bem passado, por sinal”, tenta se redimir. “Nessa noite, Leila Sayeg também cantou Babalu e o público aplaudiu com vontade. Leila cantava bem”.

E o nosso amigo vai falando de coisas de que eu havia me esquecido. “Certa vez, estávamos eu e você fazendo chacota com fotos expostas num daqueles fotógrafos ali do centro. Estão claros em minha mente os comentários nossos sobre várias delas ao mesmo tempo. Eram algumas de garotas cheias de curvas, outra de um acidente de carro numa curva, e os jogos de palavras eram engraçados misturando ‘curvas’ e curvas.”

Demair “desenterra” imagens e fatos interessantes. “Airton Ávila era um cantor carioca, que vivia em Rio Preto. Compunha *jingles*. Cantava-se muito uma música dele na região: ‘*A aurora não chegou e eu não vou pra casa sem te ver. Aurora é a minha companheira. Sem ela não posso viver*’. Constrangedor e ao mesmo tempo engraçado foi quando Agostinho dos Santos estava de passagem pela cidade. Foi barrado pelo porteiro do Bancários, já que não era sócio...”

A gratidão por Rio Preto é manifesta. “Não sei se representei algo na história de Rio Preto, mas Rio Preto foi importante para mim.”

Estar com o Demair foi uma vitória. Para ele, uma surpresa, ratificada numa carta dele, manuscrita em fevereiro, precisa na expressão do pensamento, demonstrando fluência e esmero no trato do Português. A caligrafia é miniaturizada. Pouquíssimo papel rende cartas enormes. “Estou radiante por tê-lo visto após tantos anos. A vinda de vocês e aquele encontro foi para mim algo gratificante. Eu não acreditava e, para ser sincero, quase ainda não acredito. O importante foi que aconteceu. Graças a Deus e à sua persistência.”

O encontro foi profícuo, com reflexos de efeito retardado. Repasso o encontro e não param de surgir reflexões em doses homeopáticas. Uma delas usei em uma palestra sobre a fé, ainda sob os efeitos de nossa conversa no almoço de Taubaté.

Toda crença é respeitável se o profícuo é sincero naquilo a que se propõe: a sua renovação interior. As religiões são boas – os fiéis é que torcem as coisas. Somos fiéis e infieis ao mesmo tempo, quase que constantemente. Aliás, ressalte-se que todas as religiões cristãs e doutrinas espiritualistas – que podem não ser cristãs – que conheço se propõem à transformação do homem, pelo cultivo do amor a Deus (ou a uma Força Maior, como queiram alguns) e pelo semelhante.

³³⁸ Antônio Cristóvão de Brito.

Demair e Alice denotam extrema sinceridade na fé que abraçaram. E na salvação pela fé. A misericórdia do Pai Criador, assim, é expressa no perdão indiscriminado a criminosos terríveis e também àqueles que apenas roubaram um pão na padaria, o que nos causa espécie. Insinuei isso, de forma tímida, naquele almoço e me recolhi. Ouvi mais, falei menos. Para muitos companheiros de caminhada, se a pessoa “aceita” (o porquê das aspas: ninguém pode avaliar com segurança a sinceridade de tal aceitação) Jesus como modelo maior e a Deus como o Supremo Condutor de nossos destinos, ela é considerada salva. É como passar uma borracha no passado.

A coisa, no meu modo de entender, não é bem assim. As Leis Universais são inflexíveis e sábias. As conseqüências advindas de suas transgressões são naturais. Reflitamos na própria Lei da Gravidade. Quando você cai do telhado, transgrediu-se uma lei (tudo que tem massa é atraído para o chão) e, por certo, vai se machucar. Só para ficar claro que as leis que regem o Universo foram muito bem-feitas. Sofrer o impacto das suas transgressões não deve ser entendido como punição do Legislador Supremo ou de quem quer que seja...

À afirmação de que o Pai perdoa sempre eu acrescento: *se houver merecimento*. E quando alguém diz que assim sendo Deus não seria misericordioso, é bom saber: *a misericórdia do Pai é manifesta nas inúmeras oportunidades que oferece àqueles que erram*. A fé, então, tem que vir, de forma inexorável, acompanhada das obras³³⁹. E todos que erraram, infelizmente (ou felizmente?) terão que acertar as contas. Planta-se arroz, colhe-se arroz e não feijão. Planta-se o mal, colhe-se o mal e não o bem. É a Lei de Causa e Efeito³⁴⁰, numa correlação perfeita com a Física. Semear o bem passa então a ser um remédio tanto profilático como regenerativo. De mil e uma utilidades...

³³⁹ “...e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.” –Tiago, 2:18.

³⁴⁰ “Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.” – Paulo (Gálatas, 6:7).

CALÚNIA SOCIAL

por Carrasco

Paulo César Presley cantando nas aulas de Inglês dá azia até em *sonrisal*.

Munir dá aulas práticas de “como namorar no pátio sem ser percebido”.

Aristides (dos Asteróides) está complexado. Pensa que é cantor e vai em frente. Coitado!

As irmãs siamesas estão fazendo sucesso, medindo a Bernardino com meias pretas.

Que tal fazer ginástica de biquinininho, hein meninas?

NOTÍCIAS DE TODO O MUNDO

Para ganhar tempo, as autoridades sugeriram, em julho, o uso do biquinininho com *pullover*. Só nos resta esperar que chegue o calor.

Durante a demolição de um velho edifício de um bairro de Nova Iorque, os trabalhadores encontraram um convite impresso em cartolina, datado de 1878, e que terminava por anunciar: *o baile será animado pelo famoso conjunto “Os Beatles”*. E a gente pensando que eles são jovens!

O conjunto rio-pretense do IEMG *Os Asteróides* está se sobressaindo com aparições em rádio, animando bailes. Também já gravaram um disco 78 rpm. Nossos parabéns aos fabulosos *Asteróides*.

Jornal *O Renovador*, de Omar Ismael e Munir Tarraf

Na senda evolutiva, caminhamos todos – quem pensa e quem não pensa dessa maneira. E admiro quem olha para as mazelas do mundo e diz apenas: “Deus quis assim.” Não indaga, não contesta, simplesmente aceita. Se pudéssemos mensurar o poder divino, qual seria a dimensão que Demair e Alice Lhe atribuiriam? Tal qual a que eu o faria? Bem, o Deus é o mesmo. Os caminhos até Ele, diferentes. A meta, uma só – crescer.

Voltemos novamente no tempo. Paulo estava saindo. Já tinha dado o “aviso-prévio”. Chegávamos à conclusão de que um guitarrista precisava ter guitarra e amplificador. Estávamos sondando um nessas condições, o Wagner³⁴¹. O amplificador dele tinha quatro bocas. Não, não era um fogão.

Deixo consignado no *diário* um lamento. Por esses dias, Carangola operara das amígdalas. “*Não temos ensaiado por estes dias. Paulo e seu pai devem estar gostando, pois é uma verdadeira dificuldade o nosso guitarrista sair de casa para ensaiar. E não pode sair dois dias seguidos. Preciso dizer aqui qual a idade do Paulo? Soubemos pelo Wagner que Paulo, há umas duas semanas, foi procurá-lo para, juntamente com o Reinaldo, fazer ressurgir os Labaredas. Muito boa essa!*”

Eu começava a me soltar na bateria. Em 20 de agosto, Demair tivera uma hemorragia. Eu estava escalado para cantar e tocar bateria no Sírrio-Brasileiro ou na B-8, mas o avô³⁴² do Paulo falecera. Ao final do dia, Demair melhorara. Volta Jamal ao cenário. Consegue-nos um violão elétrico quebrado, Miguel Carlo o conserta, Altino compra um amplificador usado do Inocêncio³⁴³, dos Big Boys.

Reencontrei Inocêncio em 31 de outubro de 1998, em sua casa. Dentre as atenções dispensadas ao netinho e as conversas sobre as transformações por que passa o planeta, falamos dos Big Boys, tive notícias do Reinaldo, seu irmão, do Vítor, do Dácio Marçal, do Ivan. O café com queijo de Minas servido pela Leila caiu como uma luva, já que eu estava com uma dorzinha de cabeça, em função de ter dormido tarde e levantado cedo, pelo fato de haver passado pela Sexta Básica³⁴⁴, onde esperava encontrar o Manivela e o Paulo Presley. Não os encontrei, mas a experiência com o Ronaldo, Chico, Jairo, Urías, William Bassitt, Andreoli foi interessante.

Dei uma ligeira idéia ao Inocêncio do que tinha sido o singular evento da Sexta Básica. Ser amigo-irmão do Danilo³⁴⁵, primo do Jairo Dragão³⁴⁶ me abriu as portas. Antes porém fui sabatinado por um juiz aposentado visivelmente “calibrado” – eu estava fazendo perguntas demais sobre o Paulo César e o Manivela... Eu havia dançado na boate do Monte Líbano ao final dos anos 60 ao som da bateria do Bassitt. E a conversa com ele foi animada. A intimidade de

³⁴¹ Wagner Pero quase havia entrado para *Os Asteróides*, quando ainda era um trio.

³⁴² João Paulino de Abreu.

³⁴³ Inocêncio Amaral Júnior, filho de Inocêncio Amaral e Christina Chiacchio, nasceu aos 15.11.1944. É casado com Leila Mirthes Madi, com quem teve quatro filhos. O casal tem um neto. Estudou no Colégio Dom Bosco, de Monte Aprazível. Pianista clássico, contrabaixista, cursou Engenharia e Matemática, lecionando Física e Matemática por 18 anos. Atualmente é despachante de trânsito.

³⁴⁴ Nome da reunião feita às sextas, sem hora para começar, nem para terminar, no Bar da Hora, do Ronaldo e Chico, na Voluntários de São Paulo. A Sexta Básica é freqüentada por músicos, assemelhados e simpatizantes.

³⁴⁵ Antonio Danilo Morais Barbosa, nascido aos 04.05.1949, em Rio Preto, filho de Danilo Morais Barbosa e Celda Lobanco. É arquiteto e programador visual em Brasília.

³⁴⁶ Jairo de Paula Ferreira Filho, odontólogo.

Jairo com William, que é cego, é flagrante. A ponto de misturar uísque no seu copo de cerveja, promovendo a reação do baterista. “Sabe o apelido do William?”, me pergunta Jairo, irreverente. “Nó-cego”. Bassitt ri um riso gostoso, parcimonioso. Urías, excelente voz – um clone de Altemar Dutra. Jairo – instrumentista invejável. Domina gaita também. Muita gente ali tocava. Alguém só para fazer intriga poderia perguntar: “Como alguns conseguem tocar bem com tão pouco sangue na corrente alcoólica?” Outros deram uma “palhinha”, até eu. Mas tive que parar. Dois grandalhões na porta de entrada gesticulavam e gritavam. Estavam querendo tomar satisfação com alguém. Esse alguém afoito havia mexido com suas mulheres que passavam sozinhas pela calçada oposta... O dono do bar promoveu um eficiente deixa-disso e as coisas voltaram ao anormal, digo, ao normal... Vislumbrei muita confusão, mas ninguém ligou para o incidente. Tudo parecia natural. Imaginem uma chamada a meu respeito no jornal de fim de semana: “Arquiteto metido a escritor apanha em bar na Voluntários de São Paulo. Desnortado, não soube explicar ao delegado se era de Rio Preto ou se de Brasília...”

Com Inocêncio, eu queria saber como haviam surgido os Big Boys. Segundo ele, a idéia partiu do Dácio. Tinha um violão elétrico, uma quase guitarra. Inocêncio tocava piano clássico. Precisavam de um guitarrista. O nome de Vítor, então com dezesseis anos, foi ventilado. Mandaram um recado para ele. O encarregado de apanhá-lo foi o Inocêncio, em sua vespa.

Ligaram o violão na aparelhagem de som. Vítor achou que dava. Wande³⁴⁷ foi testemunha do momento histórico. Estava formado o conjunto com Dácio (ainda sem função), Vítor (guitarra), Wande (bateria), Valdevir (crooner), Inocêncio (piano) e Paulo Presley (guitarra base). Com essa formação, os Big Boys não decolaram. Saiu então o Paulo.

Mesmo sem o Paulo, e sem contrabaixista, tocaram no Clube da Cirandinha. Amaury Júnior então deu uma ajuda e publicou uma foto. No entanto, o conjunto só deslancharia quando procuraram o Sírio-Brasileiro, ali na Praça Rui Barbosa. O clube cedeu o salão para os ensaios com a condição de fazerem uma brincadeira dançante todo sábado. Com o problema surgido da falta do piano, Inocêncio resolveu tocar contrabaixo. Wande passou a tocar sax-barítono. Entrava um sax-tenor de nome Gilberto. José Orildo assumiria no piston. Posteriormente veio o Carlito, como ritmista e *crooner*.

“Lembra-se do Catraca, o Valdevir?”, pergunta Inocêncio. “Deve estar no Rio. Vou-lhe mostrar um compacto que gravou por volta de 1991”. No disco, Valdevir passara a Danilo Motta. Inocêncio fala de Ivan como sendo um saudosista que poderia me relatar muitas estórias. Mas acabo por concluir que Inocêncio também gosta de nostalgia. Havia refeito, trinta anos depois, uma foto de 1965 que me mostra, no mesmo cenário da casa da Delegado Pinto de Toledo, com os mesmos personagens. Na foto, Dácio, Nelson Amaral, João Preto – ou João Bafo de Onça (como Inocêncio o chamou), discotecário da Difusora nos anos 60 –, José Carlos e Fred, hoje pastor evangélico.

³⁴⁷ Wanderley Tedeschi nasceu em 17.10.1946, em S. José do Rio Preto, filho de Alembert Tedeschi, saxofonista (tenor) da Orquestra Paratodos. Em 1999, tocou com Aldinho e sua Banda (teclado, trompete e voz).

Ritmo da Chuva

J. Gummos

Olho para a chuva que não quer
cessar
E nela vejo o meu amor
Esta chuva ingrata que não vai
parar
Pra aliviar a minha dor

Eu sei que o meu amor pra muito
longe foi
Com a chuva que caiu
Ó gente, por favor, pra ela vai
contar
Que o meu coração se partiu

Chuva, traga o meu benzinho
Pois preciso de carinho
Diga a ela pra não me deixar triste
assim

O ritmo dos pingos ao cair no chão
Só me deixa relembrar
Tomara que eu não fique a esperar
em vão
Por ela que me faz chorar

Chuva, traga o meu benzinho
Pois preciso de carinho
Diga a ela pra não me deixar triste
assim
Chuva, chuva traga o meu amor
(bis)

Estive com Wande em 19.07.1999. E alinhavamos algumas passagens que envolviam os Big Boys. Uma delas foi na Difusora. “Os Big Boys iriam acompanhar o Sérgio Reis. Estávamos só eu e Vítor. E nervosos. Ninguém chegava. Inocêncio ficara de trazer os instrumentos no carro do pai dele. Ficamos sabendo depois – havia batido o carro do pai. Chegou atrasadíssimo e pedindo mil desculpas. Acho que era mais importante para ele cumprir o horário do que o próprio estrago. Até o prato da bateria havia amassado. Para completar, o Sérgio Reis, que era alto, meteu a testa na porta, na subida do palco.”

Os percalços são rememorados por Wande: “Levávamos aparelhagem de vespa, de lambreta. Às vezes com chuva. Imagine o que era cumprir um compromisso, com essa dificuldade toda de locomoção, de tocar num Carnaval em Uchoa (vendido pelo Inocêncio) e em Potirendaba (vendido pelo Valdevir) ao mesmo tempo.”

Wande dera uma pausa nos Big Boys para fazer o exército em Brasília. “Nessa época eu tocava bateria. Ivan me convencera de que era ótimo o exército. Bem, a experiência não foi tão má. Foi quando Ivan pegou a bateria. Estávamos em 1965, eu tinha dezoito, ia fazer dezenove. Houve uma vez que eu estava de guarda e o próprio Castello Branco meu deu um boa-noite. Todo mundo morria de medo dele. Engraçado, ele não tinha pescoço mesmo...” Não vamos aqui concluir que Ivan mandou Wande para o exército para assumir a bateria...

O baterista de ontem, tecladista de hoje, começou a estudar piano com sua avó Cotinha³⁴⁸. “Eu tinha uns onze anos de idade. Mas acabei tocando bateria. Da bateria parti para sax-barítono, começando sozinho. Mas Toniquinho e Dubail me deram uma força. Nos últimos tempos dos Big Boys, o conjunto era bem enxuto. Eu (teclado), Carlito (guitarra-base e voz), William (bateria), Isaías (guitarra-solo) e José Orildo (contrabaixo). Na hora de samba e fox era uma troca geral. José Orildo passava para o

³⁴⁸ Maria Barreto Tedeschi.



foto Tony

Os Asteróides – julho de 1964 – Altino, Aristides, Demair, Paulo Presley e Flávio



foto acn

Inocência Amaral Júnior, neto e filho, out/1998

“Na Itália, estão na moda umas perucas feitas com fios sintéticos, que imitam de maneira perfeita os cabelos naturais. Práticas, leves, baratas e duram muito...”

No setor artístico rio-pretense, temos algumas fofocas a fazer:

A ex-locutora Juracy Monteiro, um dos brotinhos mais bonitos da cidade, está de amores com o baterista Demair (Carangola), dos *Asteróides*...

O casal Ricardo Garcia e Neide Maria voltará a cantar logo após a visita da cegonha. Estamos desconfiados que a cegonha até já andou por lá...

A *dublê* de cantora e locutora Tânia Maria está firme com um moço de Monte Aprazível. Já falam em casamento.

O Carangola (está com Asteróide) foi operado da garganta.”

Ronda Social, de César Muanis
Diário da Região, 18.08.1964

piston, eu, para sax-tenor, William, para o órgão, Carlito, para a bateria e voz, Isaiás, para o contrabaixo.”

Sobre a Paratodos, Wande esclarece: “foi montada pelo Osmar Milani e seus irmãos. Quando Milani foi para São Paulo, a orquestra não se dissolveu: Reinaldo deu seqüência. Mais tarde mudou para Reinaldo e Sua Orquestra.” Faça uma observação. Neste livro, conforme foto que apresento da Paratodos, de 1934, não há menção naquela data, ainda a Osmar Milani – apenas a Gerson Milani. Seu irmão Osmar Milani chegaria depois, segundo informações de J. Oliveira.

Os Asteróides estavam desfalcados, sem baterista temporariamente, sem guitarrista. Tanto é que no sábado, 22 de agosto de 1964, somente eu e Altino nos apresentamos num *show* organizado às pressas no IEMG – inauguração do busto de Monsenhor Gonçalves. Na ocasião, conhecemos José Amaro Bottas, que talvez suprisse a falta do Paulo. Já no domingo, aconteceu um ensaio com Luís Stefanini (sax-tenor), Flavinho e Altino. Dácio havia levado o violão elétrico emprestado e José Amaro não pôde mostrar suas qualidades.

Nossos dois discos estavam rolando na Independência, por iniciativa do Miguel Carlo. Em 24 de agosto, foi tocado no *Pára ou Continua a Música* um pedaço de *America* e, quanto a *My Bonnie*, permanecera na seleção do programa, galgando o primeiro lugar na preferência dos ouvintes, sendo reprisada no *Aponte o Sucesso*. Tudo por causa do Miguel e do Petrônio de Ávila.

Petrônio assim fazia o noticiário da Riprauto: “Para lhes contar o que vai pelo Brasil e pelo mundo, aí vem o seu *Rádio-Correspondente Riprauto*, porta-voz da *Riprauto S/A*, o seu revendedor *Willys*, trazendo a notícia que corre, numa versão correta do fato.” Ele falava isso tudo sem respirar. Fiquei gratificado, ao conversar com Messias Mattos, em sua residência no Núcleo Bandeirante, e saber que ele próprio foi o autor desse *slogan*. Outra frase de efeito famosa foi “Rio Preto é trabalho, realizando o futuro

grande, forte e soberano da pátria comum”. Messias conta rapidamente a história de Petrônio. “Foi um grande amigo. Almoçava às vezes lá em casa, para conciliar seus horários de gravação com o trabalho na emissora. Havia ido para Rio Preto para atuar na área de vendas da Riprauto. Certa vez, fui negociar o nosso Correspondente Riprauto. Petrônio manifestou vontade de trabalhar em rádio como locutor noticiarista. Leu-me um jornal que estava sobre a mesa. Tinha um timbre de voz muito bonito. Eu lhe disse: ‘Vá lá na Independência, estou achando que você já é um dos nossos.’” Foi quando Petrônio largou a Riprauto. Tempos depois, veio a morrer num acidente automobilístico em Cuiabá.

Eram grandes as movimentações no preparo de repertório para baile. Dia 25 de agosto de 1964, ensaiávamos Altino, eu, Luís, Flávio, José Amaro – que matara aula, pois estudava à noite – e Demair, que estava restabelecido. A supervisão técnica era de Miguel Carlo. Instruções a cargo de Peito e Vavá (nosso primeiro saxofonista, que trazia uma bateria para nos emprestar). O objetivo era um só – animar bailes.

Está na hora de falar de Dorival Tomás³⁴⁹, o Vavá. Seu pai, conhecido como Jota³⁵⁰, tinha um conjunto de forró. “A gente dizia ‘conjunto de baião’. O termo forró veio depois. Meu pai tocava acordeom. Havia triângulo, cencerro, tudo como manda o figurino. Eu tocava zabumba, isso desde os dez anos de idade”, declara Vavá em fevereiro de 1999, quando conversamos por telefone. Vavá estava recém-chegado de Santos, onde fora tocar durante o Carnaval numa Colônia de Férias. “Mesmo sendo longe, a gente tem que encarar e não desprezar a oportunidade. Afinal, as coisas não estão fáceis para os músicos”, pondera o nosso velho amigo, diante da situação delicada da competição com a música mecânica. O fim de 1998 também não havia sido fácil para ele. Consertando uma goteira, caiu do telhado, quebrou o pé, ganhou uns bons tempos de gesso.

Jota foi o grande incentivador de Vavá, que começou tocando bateria, passando para o acordeom e sax, até chegar ao teclado de hoje. “Quando fui tocar nos *Asteróides*, com 24 anos, estava no sax há apenas três meses”, acrescenta. “Quanto ao teclado, foi engraçada a forma como comecei. Estávamos num baile em Campina Verde, Minas Gerais. Eu tocava sax no conjunto Reais de Olímpia. Nosso tecladista Bimbim saiu para fumar. Na realidade foi ‘queimar um baseado’ e, misteriosamente, não voltou... Olharam todos para mim e percebi que era eu quem deveria enfrentar o teclado. Como sanfoneiro, garantia a mão direita pelo menos. E foi assim que comecei.”

Depois dos *Asteróides*, Vavá tocou também com Vadeco e Seu Conjunto, que tinha Nestorzinho na bateria (eventualmente substituído pelo Aramis), Vadeco (Valdevino Dias) na guitarra, Luís Caria no acordeom, Vavá no sax e Cabelinho no baixo. Chego à conclusão que Cabelinho nasceu para ter apelido.

³⁴⁹ Dorival Tomás (Vavá) nasceu em Rio Preto, aos 17.10.1940, filho de João Tomás, músico, e de Rosa Pires de Oliveira Tomás. Saxofonista, ritmista, tecladista, gravou em 1994 o elepê *Vavá & Aldinho – Em Algum Lugar do Passado* (FBS Hits, Taquaritinga). No disco, além de tocar teclado, Vavá canta em algumas faixas.

³⁵⁰ Jota (João Tomás), músico, iniciou sua carreira na PRB-8 com o trio Firmino, Fidêncio e Jota, com Firmino (viola), Fidêncio (violão) e Jota (sanfona). Posteriormente, integrou o trio de música sertaneja Campanha, Seu Irmão e Jota. Mas tarde fundou o Jota e Seu Conjunto de Baião, com Jota, na sanfona, Vavá, na zabumba e Nicácio, no triângulo.

Nessa sina, pode-se mudar de apelido, mas não perdê-lo. Cabelinho era o apelido justo do Peito que tanto menciono no tempo dos *Asteróides*. “Até os filhos do Cabelinho têm apelido de Cabelinho...”, afirma Vavá, enquanto fico sem entender a crise da falta de cognomes na família. Na minha opinião, Peito era melhor para os trocadilhos. É Altino quem diz algo sobre quando queríamos a interveniência do Vavá no tocante aos préstimos do Peito: “Vavá, você que é ‘amigo do Peito’, quebra esse galho pra nós...”

Em 1968, Vavá estaria no Gran Circo Sul Americano, viajando muito, tocando bateria. De volta a Rio Preto passaria por vários lugares, incluindo o Chopão, restaurante à beira da Represa. Em 1969, estaria nos Reais de Olímpia. “Levei o Pedrinho Santiago comigo para lá. Morávamos numa república. Eu, no sax, Pedro, na bateria. Chegamos a ir a Brasília por duas vezes.”

Sua experiência com Luís Carlos Ribeiro, nos Modernistas, por volta de 1972, foi excelente, segundo Vavá. “Luís Carlos é um grande cara. Na realidade, tinha vários conjuntos. Comandava os Modernistas, a Icaraf, a Tropical Brazilian Band. Pelo menos, na hora de receber, era no escritório dele”, comenta.

Vavá também esteve presente ao famoso casamento do Dubail, de que já falamos. Confirma as excentricidades do baterista Bongô, fazendo as marcações, de olho vivo no organista que abrilhantava a cerimônia. “Bongô fumava demais. Era cigarro e café. Uma vez, pôs o cigarro no chimbau, num baile em Araçatuba. Quando começou a tocar, o chimbau projetou o cigarro pra dentro do sapato dele. Foi parte da bateria para tudo quanto é lado...”

Houve ainda a fase do Restaurante Village. “Aquele da saída para José Bonifácio”, complementa Vavá. “Éramos eu, Vadeco, Cabelinho e Claudemir, na bateria. De lá parti para a Tropical Brazilian Band, onde assumi o teclado.”

Quando conversei com Vavá, na tentativa de um texto inicial, eu já tinha uma aliada, a sua esposa Zilda³⁵¹, que juntamente com a cunhada Doralice, preparavam um texto sobre a trajetória de Dorival Tomás e seu pai na música, para que registrássemos em nossos apontamentos. As duas não conseguiram. Se o fizeram, não me passaram. Só em 12.03.2000 fui rever Vavá em sua chácara, quando me presenteou com um disco seu de 1994. Com Aldinho (Aldo César Devasio) gravara *Love Me The Way I Am, Nem Morta, Summertime, Tarde em Itapoã, Ney York New York, Somewhere in Time, Espanhola, As Time Goes By, Rancho Fundo, Carinhoso, Naquela Mesa*.

Vavá não escondeu seu contentamento de me rever após 35 anos. Seus cabelos são grisalhos nas fotos em alto-contraste do disco, mas são pretos ao vivo. “Ele tinge”, confessa Zilda.

De volta a agosto de 1964. Ajeitávamos a caixa, comprávamos prato, consertávamos o amplificador e tomávamos outras providências. Apresentação à vista em Cedral. No último ensaio antes da apresentação, José Amaro estava mais entrosado. Paulo dera uma chegadoinha por lá. Em Cedral não haveria piano.

Sáimos de Rio Preto em 29 de agosto, às 20 horas, de trem, passagens pagas pelo Miguel, um dos organizadores do *show*. Estávamos todos de uniforme.

³⁵¹ Zilda Ivone Silfriti.



foto acn

Vavá (Dorival Tomás), músico,
um dos primeiros integrantes de
Os Asteróides – 12.03.2000



foto Maria Cristina Fonseca (Mara)

Paulo César dos Santos, Altino
Bessa Marques Filho e Aristides
Coelho Neto, julho de 1999

Era uma brincadeira dançante no Clube dos 21. O *show* foi movimentado, contando com a participação do Dácio Marçal, dos Cometas e de Antônio Carlos Bottas³⁵², irmão do José Amaro. A bateria era do Vavá, a guitarra, do Jamal, amplificador era nosso. Altino ficou sem piano.

Atenção, leitor de Rio Preto, passo-lhe os números dos telefones dos *Asteróides*. Favor não ligar tarde da noite. Flavinho – 4345 (com), Demair – 4405 (Banco), Paulo – 2719 (res), José Amaro – 4203 (res), Luís – 4295 (res), Altino – 3592 (res). Eram quatro dígitos. Rio Preto ainda era uma criança. Melhor, adolescente.

Setembro de 1964 começava com Paulo novamente em atividade, e com um contrabaixo que comprara na Jóia Musical. Assumimos as prestações. Paulo pagara a primeira. Altino partira para tocar marimba (do José Amaro), além do piano. Paulo pegava no contrabaixo e na guitarra. Eu cantava e tocava bongô. Flavinho, além do sax, pegava na clarineta também. E para um “sub-total” de *Os Asteróides* daqueles tempos, relacionamos: Altino Bessa (piano e “chefia”), Flávio Aragão (sax-alto), Luís Stefanini (sax-tenor), Demair Vieira (bateria), José Amaro (guitarra ou contrabaixo), Paulo César (guitarra ou contrabaixo), Aristides (*crooner* e ritmo).

“Do jeito que você coloca”, emenda Altino, “tem-se a impressão que era um conjunto enorme. Não me lembro de o Luís Stefanini ter-se apresentado conosco.” Realmente, não chegou a se apresentar.

O amplificador pifara, não suportara contrabaixo e guitarra de uma só vez. Isso prejudicou a nossa apresentação em um casamento. Deixo ao leitor, se aprouver, a incumbência de procurar saber quem teria se casado em 7 de setembro de 1964. Em 9 de setembro, recebíamos a visita dos Big Boys. As relações estavam ótimas. Em 10 de setembro, mais uma apresentação, às pressas, na Rádio Rio Preto, às 21 horas. Anoto no *diário* que quase tivemos que colocar camisa-de-força no Paulo, que estava estudando na Biblioteca Municipal³⁵³. José Amaro não compareceu, pois estava em aula. Acrescentávamos ao repertório: *Temptation* e *Apache*.

Falo muito dos problemas do Paulo para ensaiar. O leitor pode inferir que com este aqui que está relatando, não houvesse problemas maiores em casa. Nem pensar. A barra era pesada. Afinal, eu tinha apenas quinze anos. Mais tarde, Aristides já com dezenove anos, universitário, e Armando ainda colocava tranca na porta para conferir a hora em que o filho chegava... “Seu pai”, acrescenta Altino, em 1999, “certa ocasião, deu-me um puxão de orelhas: achava que eu estava desviando seu filho do rumo certo, o da Engenharia”. Acabei me desviando da Engenharia, mas nem tanto – fiz Arquitetura.

Altino afirma que, pelo fato de Flávio ter somente 14 anos, éramos muitas vezes acompanhados pelo senhor Aragão, pai do Flavinho. Mas não era regra geral.

³⁵² Antonio Carlos de Oliveira Bottas, jornalista, radialista (Salvador, BA, 01.11.1943–S. J. do Rio Preto, SP, 14.04.1991). Iniciou sua carreira na Rádio Independência, em 1962, apresentando um programa caipira sob o pseudônimo de Véio Tatau. Atuou em várias outras rádios de Rio Preto e região. Foi apresentador na TV Record, onde também fez locução e produção. Trabalhou como colunista social da *Folha de Rio Preto*, como repórter policial n’*A Notícia e Dia e Noite*. Integrou o Grupo de Teatro Riopretense/GTR.

³⁵³ Durante muito tempo, o bibliotecário municipal foi José Antônio da Silva, o nosso artista primitivista. A biblioteca que conheci era na Voluntários de São Paulo.

“Doze de setembro, sábado. Os ensaios, cansativos, aliás, processam-se normalmente. Luís está meio afastado, Flavinho sempre infantil, chato e displicente. Bateria: do Jota (pai do Vavá) e amplificadores emprestados. Hoje tivemos uma despesa com uma peça para o cabo do amplificador: Cr\$ 450. Nosso caixa: Cr\$ 38. À noite, estaremos na Cidade Amiga³⁵⁴.”

Bem minha avaliação-desabafo sobre o Flávio era a de um garoto pouco mais velho.

“Naquela época dos *Asteróides*, eu não me ligava muito no tipo de música que tocávamos. *My Bonnie* e outras coisas do gênero não me agradavam. Beatles, eu ouvia meio forçado pela minha irmã e seus amigos³⁵⁵ que freqüentavam minha casa. Hoje eu tenho todos os discos dos Beatles e os ouço bastante, talvez mais por nostalgia e saudade dos bons tempos em que podíamos nos dar ao luxo de sermos irresponsáveis, como você bem anotou em algum ponto do seu texto.” Isso explica bem a apatia de Flávio em tocar coisas com que não se sintonizava plenamente. Flávio gostava mesmo era de *jazz*.

“Interessantes as inflamadas reuniões que vocês faziam em vésperas de apresentação. Eu morria de rir, quando chegava perto da sala de ensaios e ouvia a voz do Flávio cantando uma música, em que debochava de toda aquela seriedade que ele não entendia bem: ‘O que é que eu faço com o Latim... Não sei o que será de

“Com o Monte Líbano repleto, os alunos do terceiro científico do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves apresentaram o *Show-Ave é a Noite*. Como toda apresentação de caráter estudantil, os imprevistos nunca se ausentam. Valeram o esforço, as esquetes inéditas na sua maioria, a exibição dos *Asteróides* e outros números mais. Críticas nunca poderiam ser feitas, porque o amadorismo é assim mesmo. Portanto, nossos cumprimentos a todos os elementos integrantes do *Show-Ave é a Noite*. Antes que nos esqueçamos: as dublagens de Rita Pavone e Sara Montiel³⁵⁶ foram sucesso. Merecem cumprimentos a Marlene Aragão³⁵⁷ (R.P.) e Suely Girade³⁵⁸ (S.M.). Igualmente: Antônio Carlos Bottas³⁵⁹, Eufly Ponchio, Vera Caputo, Nilza Helena Mussi, Roney Signorini, Kaiser, Waldner Lui e demais componentes, cujos nomes não nos recordamos”

Coluna Amaury Júnior³⁶⁰ – 17.09.1964

³⁵⁴ Mirassol.

³⁵⁵ Valdner José Lui, Leopoldo Miceli etc.

³⁵⁶ Do filme *La Violetera*.

³⁵⁷ Marlene Aragão é irmã de Flavinho Aragão. Mais tarde, Marlene se casaria com Minas Kuyumjian Neto, jornalista, escritor, com quem teria dois filhos. Minas, em 1964, era cronista no *Diário da Região*, onde trabalhou até 1967.

³⁵⁸ Filha de Halim e Linda Girade. No início dos anos 60, eu contracenara com Suely num *show* beneficente, interpretando um casal na música *Boneca de Piche*, de Ary Barroso e Luís Iglésias.

³⁵⁹ Radialista, poeta, irmão de José Amaro Bottas.

³⁶⁰ Amaury Júnior, jornalista, advogado, nasceu em 28.09.1947. É filho dos professores Amaury de Assis Ferreira e Clélia Ceribelli. As modalidades do colegial (2º Grau) eram: *normal*, *científico* e *clássico*. Amaury Júnior fazia *clássico* no IEMG. É apresentador do *Flash*, na Bandeirantes desde 1984. Foi apresentador de outras emissoras, colunista social e fundador do *Jornal Dia e Noite* e da revista *Rio Preto Chic*.

Sociedade em Desfile

Minas Kuyumjian Neto

Não custa
nenhuma fortuna
ser destaque
na minha coluna.
O michê
é apenas
o preço
do clichê.

Foi de bom-tom
a moqueca
de codornizes
com bisteca
regada
a *Moet Chandon*
servida
no belvedere
para quinze
talheres.

Ela recebe
em grande estilo
na maior
de suas chácaras
para um baile
de máscaras
devido
ao bota-fora
do marido.

Causou espécie
aquela menina
negra
fora da regra
na piscina.
Bola preta.

Ela foi
antes
uma das *Dez
Mais Elegantes*.
Hoje ela jura
que não mais
se mistura
com os circunstantes.

Coitada...
Senti
que não está
cotada
na rinha
para ser
a Rainha
do Baile
do Havái.

mim...”, lembrar-se-ia Maria de Lourdes, irmã de Altino quase 35 anos mais tarde.

A apresentação da noite foi conseguida pelo Miguel Carlo. Fomos de ônibus, levando toda a aparelhagem emprestada, os instrumentos e parte da bateria. Local: quermesse do Parque São José. A apresentação se deu sem piano. Paulo e José Amaro revezaram-se no contrabaixo. O pai do Flávio nos acompanhou. E deve ter havido algum incidente dele com José Amaro, pois seu Aragão deu-nos um ultimato – se Amaro continuasse no conjunto, Flavinho sairia...

Setembro estava difícil. Um curto-circuito na casa do Altino levou dona Etelvina a não querer mais que ligássemos qualquer aparelho elétrico por lá. Paulo reclamava da primeira prestação do contrabaixo que pagara sozinho. José Amaro se despedia. Havíamos convidado Inocêncio, ex-contrabaixista dos Big Boys para tocar conosco.

Nossos discos rodavam no *Aponte o Sucesso* e no *Pára ou Continua*. Neste último, foi feita uma ótima divulgação de nossa participação no *Show-Ave é a Noite*, que aconteceria no dia quinze. No dia da apresentação, levamos como contrabaixista o Vítor Carvalho, guitarrista dos Big Boys, pois o Inocêncio não pudera. Altino, Vítor e Demair abriram o *show* com *Suave é a Noite*. Nota do Amaury Júnior citava Marlene Aragão, irmã do Flávio.

“Minha irmã tinha jeito para música e para teatro. Quando eu tocava nos *Asteróides* ela estava num grupo que tinha o José Eduardo Vendramini como diretor, o Cláudio Lucchesi e outros. Eles tinham uma certa rixa com outro grupo, o São Francisco – não sei de onde saiu esse nome! Mas, desse grupo sairia um ator de projeção nacional – o Ewerton de Castro”, complementa Flávio. “Hoje, Marlene está com 52 anos³⁶¹ e aposentou-se como professora de primeiro e segundo graus. Naquele *show* do Monte Líbano, minha irmã dublou a Rita Pavone na Música *Datemi un Martelo*. Antônio Carlos Bottas dublou um trompetista tocando *A Bolha Assassina*, de um disco do Bert Kaempfert.”

³⁶¹ Era 1998.



Destaque de primeira página n *O Renovador*

From Me To You

John Lennon & Paul McCartney

If there's anything that you want
If there's anything I can do
Just call on me
And I'll send it along
With love from me to you

I've got ev'rything that you want
Like a heart that's oh, so true
Just call on me
And I'll send it along
With love from me to you

I got arms that long to hold you
And keep you by my side
I got lips that long to kiss you
And keep you satisfied

If there's anything that you want
If there's anything I can do
Just call on me
And I'll send it along
With love from me to you

Besame Mucho

Besame, besame mucho
Como se fuera esta noche la ultima
vez
Besame, besame mucho
Que tengo miedo perderte,
perderte despues (otra vez)

Quiero tenerte muy cerca
Mirarme en tus ojos, tenerte junto
a mi
Piensas que talvez mañana
Yo ya estaré lejos, muy lejos de ti

Um clichê custava exatamente Cr\$ 2 mil, no Sakakibara. Ajudamos a pagar a metade de um. Tratava-se de nossa fotografia, para sair no jornal do Omar Ismael (*O Renovador*). Como o dinheiro era curto!... Que pobreza!

No dia 17 de setembro, estávamos nos apresentando no programa do César. Subimos para a Boa Vista de táxi (com os novos tempos, já chamávamos carro de praça de táxi), corrida paga pelo Demair, com equipamentos emprestados pelos Big Boys. O contrabaixista foi o Inocêncio, sem ensaio. Anoto que “a apresentação, ou melhor, a confusão foi bastante corrida”. Afirmo que “nunca recebemos tantas propostas juntas para tocar... de graça”. Voltamos nesse dia com a perua dos Modernistas.

Os Modernistas merecem menção. Em 27 de julho de 1998, procurei por Luís Carlos Ribeiro, dos Modernistas e Tropical Brazilian Band. Aconteceu na Livraria Tropical, onde também funciona a gravadora L. Ribeiro Promoções.

Entre as baforadas de fumaça do Luís Carlos, anotei pouca coisa. Escrevi para ele, em 26 de agosto, na expectativa de enriquecer os meus relatos. Nem todo mundo gosta de escrever hoje em dia. Em novembro de 1998, porém, eu teria notícias de Luís Carlos, através do Mestre Boca (o popular Boqueira de antigamente). Havia se submetido a uma intervenção cirúrgica delicada e estava convalescendo. Luís nasceu em 1941. Chegou a tocar muito cedo no Clube da Cirandinha. Acompanhou com seu acordeom as duplas sertanejas Craveiro & Cravinho, Ditinho & Eliseu. Montou os Modernistas e mais tarde a Tropical Brazilian Band, com a qual gravaria Gregório Barrios, que então morava em São Paulo. O primeiro baile dos Modernistas foi em Santa Fé do Sul, no Sábado de Aleluia de 1960 – Noite de Nostalgia.

Quando indagamos de Luís Carlos quanto a fatos interessantes, memoráveis, ele deixa a entender que me relataria com mais calma. Fala um pouco do guitarrista Genésio, que curiosamente tocava praticamente dormindo. Zé Lacerda, o baterista da Icaray, numa

apresentação, colocara *perventim* na cerveja de Genésio, para deixá-lo “mais aceso”. O efeito não foi o esperado e ele dormiu, aí sim, pra valer. Registra ainda que Mário Perez “aprontava” muito nas excursões. Era muito brincalhão. E afirma que acompanharam grandes nomes como Miltoninho, Agostinho dos Santos, Elizete Cardoso e outros.

Falando de Baltazar, Luís Carlos esclarece que era cantor no começo, passando mais tarde a contrabaixista. Veio de Araraquara para trabalhar com Renato Perez. A primeira coisa que Baltazar fez: afoitamente, comprou um “fordinho” e mandou a conta para o Renato. Teve que devolver, obviamente...

“Luís Carlos sempre fumou demais”, comenta Vavá em fevereiro de 1999, quando falávamos sobre o grande instrumentista, arranjador e formador de conjuntos de São José do Rio Preto. “Acendia um cigarro no outro. Certa vez, no meio de um baile, ele foi ao toailete lavar o rosto. Tirou o cigarro da boca, molhou o rosto, botou o cigarro na boca e se enxugou com a toalha. É claro que se queimou todo. Era distraído também. Noutra oportunidade, estava tocando rabeção³⁶² numa apresentação. Chamaram o Luís Carlos. Ele atendeu. Só que largou o instrumento para atender ao chamado. Você sabe, baixo acústico não pára de pé sozinho...”

Voltemos nossas atenções a 1964. Nos *shows* já havíamos acrescentado *From me to you*. Mas o repertório para bailes estava crescendo. Paulo não estava mais indo aos ensaios, se bem que o amplificador ainda não havia sido consertado pelo Miguel. Usamos o do Jamal na apresentação do *Brotolândia em Ação*, na Difusora. A apresentadora foi a Tânia, que havia saído da Cultura.

Eis o que se passava na segunda quinzena de setembro. Demair, tocando de vez em quando para os Big Boys, no Sírio-Brasileiro. Ah! Como era bom dançar com a Zilah Bérgamo no antigo Jovem Sírios... Paulo, persistindo em aprender contrabaixo. Ele pouco ensaiava, estava em período de provas. E um agravante: o pai do Paulo imaginava que seu filho havia saído do conjunto. Hoje sabemos que o Paulo preferia que o pai pensasse que ele não estava no conjunto. “Sei perfeitamente o que acontecia. Os pais de Paulo haviam dito a mim que tinham receio de sermos assaltados e o Paulo ser seqüestrado numa de nossas viagens, numa abordagem de malfeitores, com árvores derrubadas na estrada, na frente do carro, e tudo o mais, na calada da noite”, esclarece Altino, em 1999. Naquela época, isso era cena de filme.

America e My Bonnie estavam sendo rodadas na Cultura, em programa de Silvio Roberto. Em 24 de setembro, eu anotava que em nosso ensaio geral estaria um rapaz – indicado por Toninho, dos Cometas – que era baterista, ritmista, acordeonista e que estava aprendendo violão. Depois, vimos que não era bem assim. Tocava bem acordeom, quebrava o galho como ritmista. Quanto ao resto: neca.

Em 25 de setembro, Altino ensaiou justamente com acordeom. Estava se preparando para enfrentar a ausência de piano em Neves Paulista. Nessa data, saía o segundo número do *Renovador*, colocando nosso conjunto em evidência. *Os Asteróides* não tinham contrabaixista, mas receberam um reforço no ritmo –

³⁶² Contrabaixo.

Bolero

Minas Kayumjian Neto

Em qualquer
tempo
próximo
ou distante
nunca houve
lero-lero
mais excitante
que o bolero.

“Segundo nos comunica o senhor Carlos Massi, da Associação Bancária de Esportes, sábado desta semana – em brincadeira dançante que terá a participação de dois conjuntos (*Os Asteróides* e *Lachimé*) –, haverá a escolha da nova rainha da ABE. Duas garotas disputam o título: Inês Zanirato e Regina Célia Baltazar. Na oportunidade, Lachimé estará inaugurando seu novo órgão eletrônico.”

Coluna Amaury Júnior

Geraldo Brito. Como os planos para Neves Paulista não se concretizaram, e os Big Boys haviam ido para Ibitinga, abriu-se espaço no Sírrio-Brasileiro e fomos animar uma brincadeira por lá. O diretor do clube não nos prometeu qualquer pagamento. Seria um teste. Se gostasse... talvez...

Nosso ritmista não pôde comparecer. Toquei bongô um pouco, Carlito, outro pouco. Piano, esculhambado, não dava afinação com sax e guitarra. Os teclados computadorizados de hoje são práticos, com possibilidades de adaptação à afinação de outros instrumentos. Piano era complicado e se estivesse desafinado então... Quando Paulo pegava a guitarra, Inocêncio dava uma mão no contrabaixo. Quando não, o Paulo mesmo tocava – ou pensava que tocava. Aliás, havia situações em que muitos de nós, às vezes, pensávamos que tocávamos... Animamos a festa das 21h45 até a uma da madrugada, quando acabou o repertório.

Quem dançou no Sírrio, naquele 26 de setembro de 1964, ouviu uma seleção variada. Para começar, nosso prefixo *Telstar*. Seleção de samba – *Nós e o Mar*, *Chove Chuva*, *Gamação*, *Mas... que Nada*, *Samba Top*, *Samba em Prelúdio*. Bolero – *Besame Mucho*, *Oração de Amor*, *Três Palavras*, *Perfídia*, *True Love*. Fox – *Summertime*, *I Love Paris*, *Moon River*, *Suave é a Noite*, *Io Che Amo Solo Tè*. Hully Gully – *Malagueña*, *Ritmo da Chuva*, *Vai Levando (Whole Lotta Shakin' Goin' On)*, *Classic Hully Gully*. Cha cha cha – *Temptation*, *Bienvenido amor*; *La Cucaracha*, *Swing Safari*, *Peter Gun*, *La Bamba*. Bolero – *More*, *O relógio*, *Roberta*, *Al di lá*, *Sabor de Sal*. Twist e samba – *Let's go*, *I Want to Hold Your Hand*, *Garota de Ipanema*, *Berimbau*, *Nós e o Mar*. Fox – pelo Inocêncio ao piano. Sufixo musical.

O diretor ficou de nos conseguir mais apresentações. Pagamento: nenhum. Pelo menos “molhamos a goela”, diz o *diário*. Estávamos com a bateria do Vavá, dois microfones da B-8, um amplificador do ginásio e um do Jamal.

Em 27 de setembro, afirmo no *diário* que íamos nos apresentar com The Jet Black's³⁶³ no

³⁶³ Eram exclusivos da Chantecler. Até o momento haviam gravado os LPs *Twist*, *The Jet Black's Again*, *Other Famous Twists e Hully Gully* e quatro compactos.

Monte Líbano. Não informo o porquê de não ter dado certo. O conjunto estava em Rio Preto para um Baile no Monte Líbano e para apresentação na Rádio Independência. Dácio Marçal, em janeiro de 1999, daria mais informações sobre a apresentação na Independência. “Quando quebrou a palheta do Gato, quem é que tinha uma palheta pra arrumar para ele? O Dácio aqui. Contagiado pela música eu dancei um *twist*. Não que eu gostasse de aparecer. Ouvia um *rock*, era o meu jeito, não sabia ficar parado. Meu modo de expressão, de chamar a atenção do povo para aquilo que eu sabia fazer – dançar, cantar, interpretar uma música.” Gato, o exímio guitarrista do conjunto nos deu um autógrafo, desejando sucesso aos *Asteróides*.

E setembro terminou com Vavá pegando a bateria de volta (havia vendido) e Jamal levando o seu amplificador e guitarra para vender. A apresentação de 1º de outubro foi divertida. Aconteceu no *César Muanis Comanda a Juventude*. Paulo não pôde ir pois tinha prova. Inocência, que recebeu nosso honroso convite para tocar, “mancou”. Apresentamo-nos logo após o conjunto Os Cabeludos³⁶⁴ (ex-Caras-de-Pau). Comento em minhas anotações “que apesar de mudarem o nome, ainda conservavam a cara dura de que muito necessitam...” E fazia uma comparação: “Somos ‘pra lá de bons’.” Comento ainda que a apresentação havia sido ótima, apesar de estarmos desfalcados. Animamo-nos muito ao observar os números musicais dos Cabeludos. Ao repertório, mais uma música dos Beatles era acrescentada: *She Loves You*.

Enquanto se dava início à divulgação de um baile de alunos do IEMG com a nossa presença, Amaury Júnior fazia outra chamada para a brincadeira dançante a ser realizada na ABE. César, também, com ênfase para os *Asteróides*, no seu *Ronda Social do Diário da Região*, de 03.10.1964, publicava a nossa foto. Situação financeira, sempre difícil. Geraldo Brito, nosso ritmista, certo dia fez contas e mais contas e disse

She Loves You

John Lennon & Paul McCartney

You thing you've lost your love
Well, I saw her yesterday-yi-yay
It's you she's thinking of,
And she told me what to say-yi-yay
She says she loves you and you
know that can't be bad.
Yes, she loves you and you know
you should be glad. Oo,

She loves you, yeh, yeh, yeh, she
loves you, yeh, yeh, yeh,
And with a love like that, you know
you should be glad.

She said you hurt her so
She almost lost her mind
And now she says she knows
You're not the hurting kind
She says she loves you
And you know that can't be bad.
Yes, she loves you and you know
you should be glad. Oo,

She loves you, yeh, yeh, yeh, she
loves you, yeh, yeh, yeh,
And with a love like that, you know
you should be glad.

You know it's up to you,
I think it's only fair,
Pride can hurt you too,
Apologize to her.
Because she loves you and you
know that can't be bad.
Yes, she loves you and you know
you should be glad. Oo,

She loves you, yeh, yeh, yeh, she
loves you, yeh, yeh, yeh,
And with a love like that, you know
you should be glad.

³⁶⁴ Peço desculpas aos senhores Cabeludos quanto às críticas. Era a visão de um adolescente.

BAILE PÁRA OU CONTINUA

Este é o nome do Baile que os alunos das 3ª e 4ª séries do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves promoverão em homenagem ao programa “Pára ou Continua a Música”, dirigido pelo colega Petrônio de Ávila, com a participação musical de Roberto Farath, Heleninha Leporace³⁶⁶, Renato Perez e Os Asteróides. Na oportunidade será efetuado um concurso de danças modernas. Local: Clube Sírrio-Brasileiro.”

Coluna Amaury Júnior

“Antônio Netto, Os Modernistas, *Os Asteróides*, Renato Perez, Heleninha, Altemar Dutra e Prini Lorez, astros do cenário artístico nacional, estarão dia 10 no ginásio do Palestra, no *show* de inauguração de *It Magazine*, o maior do interior paulista.

Realizar-se-á hoje na Basílica Menor Nossa Senhora Aparecida, o enlace matrimonial dos jovens Leonildo, filho do casal José Jardinetti e dona Maria Ricci, senhorita Diomar, filha da senhora Sumaia Adas Nassif. Queremos agradecer o convite e endereçamos aos nubentes os votos de muitas felicidades.

Hoje, amigos, é que teremos na Associação Bancária de Esportes, a escolha de sua nova rainha. A eleita será coroada pelo popular cantor brasileiro internacionalizado Prini Lorez e por Altemar Dutra, no próximo dia 10, no Baile das Rosas, animado pela Orquestra Icaray. Mas o assunto que inicia nossa coluna fala sobre a festa de hoje. Duas garotas graciosas concorrerão ao título de Rainha das Rosas: Inês Zanirato e Regina Baltazar. Você está convidado a participar da festa de hoje na Associação Bancária de Esportes e ouvir, além do órgão eletrônico da orquestra de Lachimé, o popular e homogêneo conjunto da juventude rio-pretense *Os Asteróides*, cuja foto apresentamos ontem.

Ronda Social, 04.10.1964

que iria nos arranjar Cr\$ 1.240.000. “Mais um maluco que entra para o conjunto”, é o que se lê no *diário*.

“Como não tínhamos nada para hoje...” é a forma como me refiro à apresentação de 3 de outubro no Monte Líbano, em um *show* promovido pelo próprio Clube e pela PRB-8, trazendo Ventura Ramirez³⁶⁵. Fomos somente em quatro, pois o Paulo estava tocando contrabaixo em Catanduva para os Big Boys. Inocêncio “dera o bolo” mais uma vez. Fomos acompanhados pelo contrabaixista do Icaray. Interessante que, numa notinha confusa, o César referia-se ao conjunto como “homogêneo conjunto”.

No *show* da ABE, o apresentador seria o César, “porque o César estava muito ‘batido’”, é o meu comentário. Fomos todos de terno preto e gravata comum. Inocêncio colaborou no contrabaixo. Paulo compareceu, apesar de não estar ensaiando por falta de guitarra. Os instrumentos utilizados eram os do conjunto do clube. César Muanis gostava de *Peppermint Twist*. Pedia sempre. *Moon River* foi tocada, atendendo ao senhor Argemiro, um dos diretores, com quem havíamos combinado a apresentação. Depois que saí, disse-me o Demair, que Flavinho tocou dois *foxs* com o conjunto que lá estava. Fez sucesso.

Fazia algum tempo que não aparecíamos no programa do Araújo Neto. Dia 5 de outubro, em plena segunda, resolvemos colaborar e nos apresentamos no *Atrações Araújo Neto*. Eis que, no meio da segunda música, Araújo, entregou-nos Cr\$ 2 mil.

— Para vocês tomarem “umas cachaças” — disse ele.

³⁶⁵ Ventura Ramirez nasceu em Mombuca, SP, em 1939. Em 1965, passaria a integrar os Demônios da Garoa, conjunto vocal-instrumental iniciado em 1943, em São Paulo, com o nome de Grupo do Luar. O grupo, com Ramirez ao violão-tenor, teria ainda: Antônio Gomes Neto (violão), Arnaldo Rosa (ritmo e voz), Roberto Barbosa (cavaquinho) e Cláudio Rosa (pandeiro) — EMB.

³⁶⁶ Heleninha Leporace (Maria Helena Liporaci), instrumentista, cantora, nasceu aos 16.10.1941, em Ituverava, SP. Começou a cantar com o pai, Paulino Liporaci, aos 12 anos de idade. Integrou a Orquestra Guarani, e Dirceu e Seu Conjunto. Foi esposa do saxofonista Renato Perez, com quem trabalhou durante 20 anos. Em 1999, integrava a Orquestra Califórnia, de Ribeirão Preto, SP.

Por aquela não esperávamos. Estávamos só em quatro. Paulo e Inocência haviam sumido do mapa. Após nossa apresentação, Demair acompanhou o Erlon, da ABE, em algumas músicas.

Por curiosidade, poderíamos falar sobre mais alguém que costumava alternar conosco em apresentações no programa do Araújo Neto. Sabemos que um conjunto de gaitas tocava por aquelas bandas.

Brasília, 8 de dezembro de 1998, 21h30. Toca o celular. Eu estava num jantar de confraternização na Asa Sul. Era Elise. “Ari, Zé Luiz acaba de chegar aqui em casa. Você demora?” Eu esperava já havia três meses que José Luiz³⁶⁷ arrumasse um tempo para mim, para falarmos sobre Santos e seu Conjunto de Gaitas. “Estávamos fazendo os pedidos... Mas estou indo pra aí agora. Vá conversando. Acenda o poste. Mostre a figueira, a cachorra. Abra um refrigerante, uma cerveja”. É perfeitamente explicável que eu não perca qualquer oportunidade de acrescentar algo sobre Rio Preto dos velhos tempos. As pessoas são ocupadas. Pouquíssimas as que escrevem, respondendo cartas, mandando *e-mail*. E Zé Luiz leva vida de médico e empresário. Ainda dá plantões.

Por coincidência Zé estava com todas as gaitas que eram do irmão no carro e algumas dele próprio. “Herdara-as” do irmão, que morrera em 1996. As gaitas³⁶⁸, de várias tonalidades, com funções acompanhamento, solo, baixo, hoje estão em poder de José Luiz,

³⁶⁷ José Luiz dos Santos, médico ortopedista, filho de Augusto Santos Bento e Olívia Ferraz dos Santos, nasceu em 18.05.1944, em São José do Rio Preto. Casou-se com Mariza Helena de Oliveira, também de Rio Preto. Atualmente, residente em Brasília.

³⁶⁸ Gaita – instrumento de sopro com vários orifícios e que se toca fazendo correr por entre os lábios de uma extremidade a outra. Cada movimento de expiração e inspiração emite um som harmônico e agradável, inconfundível, daí também o seu nome harmônica de boca. Existem vários tipos de gaita e várias são as tonalidades e sons a que se destinam, conforme o “efeito” que se pretende obter nas músicas, como por exemplo um som forte, metálico, do *blues* e do *jazz*; ou o som melódico e melancólico da solidão, ou o som encorpado (cheio), da música popular. As gaitas da marca Honner (Alemanha) são as mais utilizadas, devido à alta tecnologia e precisão, embora haja também no mercado algumas marcas famosas e de bom padrão, como a Hering (Brasil) e Fuji (Japão).

“O Monte Líbano anunciou para o sábado que passou um *show* que teria a participação de dois bons valores de nossa radiofonia: Ventura Ramirez e Luciene Franco. Mas Luciene ficou doente e não pôde comparecer. No lugar de Luciene, o repórter colocou os ‘os reis da juventude rio-pretense’ *Os Asteróides*, que alcançou um grande sucesso.

Por outro lado houve a apresentação do artista brasileiro Ventura Ramirez. Foi aplaudido delirantemente o criador de *Fúria*. Mais uma vez acertou a mão o empresário Olavo Assis em ter trazido para nossa cidade o Ventura. O moço agradeceu e foi convidado a voltar...”

“Dia 13, no auditório do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, acontecerá um novo show estudantil sob a responsabilidade do jovem Murilo Toledo. Chamar-se-á *Show-Pada* e quem assistir ganhará um barril de boas piadas e dará boas gargalhadas. Além dos estudantes que estarão presentes, este *show* contará com a presença de *Os Asteróides*, do repórter de Ronda Social, que irá vestir-se de humorista, e o que será diferente, contará com o apoio e o trabalho do jovem padre Jarbas. Assim sendo, você está convidado a assistir a este espetáculo de gala”.

“Só nos resta aguardar a coroação da rainha da ABE, feita pelos astros Altemar Dutra e Prini Lorez”.

“*Os Asteróides* abriram uma seqüência de *shows* que tem o nome de *Aplaudindo o que é nosso*. No próximo domingo, veremos o popular Boqueira”.

Ronda Social

conservadas com carinho em Brasília. São as mesmas do conjunto nos anos 50 e 60. Antes de conversarmos ao pé do microcomputador, tocamos um pouco. Ele, nas sofisticadas gaitas que emitem sons que eu nunca presenciara, eu, ao violão (como nos velhos tempos de UnB e dos fins de semana longe de casa na distante Brasília).

“No interior de São Paulo, o conjunto era único. Começamos em 1958. No gênero, tínhamos grandes nomes nacionais – como o Edu da Gaita³⁶⁹, o Fred Williams, o Nelson Barbosa, Maurício Einhorn – e internacionais – como Larry Addler, Jerry Murad – e os ainda hoje famosos e atuantes, como Toots Thielemans, Rildo Hora e o próprio Einhorn”, afirma Zé Luiz, pressionando o registro de uma gaita solo em dó³⁷⁰. “Elas estão precisando de um trato”, considera, ao tempo em que explica como se mantém uma gaita em boas condições.

Existia um quadro de calouros no programa *Tenda do Adib*, que acontecia toda quarta à noite, na esquina da Siqueira com Bernardino, no antigo Bancários³⁷¹ (que depois passou a funcionar em cima do Cine Rio Preto). Antônio Netto³⁷², Jaime Ferreira (que mais tarde gravaria *Esmeralda*) foram artistas que passaram pelo programa do Adib, ao lado de Os Modernistas, que chegaram a se apresentar várias vezes. “Era, numa escala menor, qualquer coisa parecida com Sílvio Santos. Havia distribuição de prêmios”, comenta.

Foi lá que Antônio dos Santos se apresentou tocando gaita, acompanhado por Mário Longhi. O samba chamava-se “Rio de Janeiro”, comenta José Luiz. Adib passou a convidá-lo para apresentar-se regularmente no programa. “A idéia da formação de um conjunto surgiu em conversa com Zacarias Fernandes do Valle, que na época apresentava o programa *Fazendinha do Chico Belarmino*, ‘levado ao ar, todos os domingos, pela PRB-8 Rádio Rio Preto’. Meu irmão Antônio, o idealizador do conjunto, era músico profissional, com registro na Ordem dos Músicos. Foi ele quem me ensinou a tocar.”

Olhando para duas fotos, José Luiz foi identificando os componentes. Na primeira, de Santos e Seu Conjunto de Gaitas, compõem todos de camisa branca, numa pose para o Brandão, da Foto Studio. Era uma “gentileza da Relojoaria Moreno, da Bernardino de Campos, 3352 – fone 4938”. Na segunda, o nome do conjunto muda para apenas Santos e Seu Conjunto. As fotos eram em branco e preto, mas José Luiz detalha as cores. “Camisa amarela, com gola, bolso, punhos azuis. Minha mãe quem costurou”, conta orgulhoso. O patrocínio

³⁶⁹ Edu da Gaita (Eduardo Nadruz), instrumentista, compositor, nasceu em 13.12.1916, em Jaguarão, RS. Iniciou sua carreira aos nove anos de idade, ao participar de um concurso de gaitas, em Pelotas, RS. Em São Paulo, tocou em rádios, mas foi biscateiro, camelô, cantor de tangos. Em 1934, já no Rio, tocava gaita nas travessias Rio-Niterói. Em 1936, Sílvio Caldas ouvindo-o tocar na rua, levou-o para a Mayrink Veiga, onde foi contratado com o nome de Edu da Gaita, por sugestão de César Ladeira. Seu primeiro disco é de 1939, seguindo-se muitas outras gravações. O *Moto Perpétuo* (Paganini), que gravou em 1957, exigiu dele onze anos de estudos. Na sua brilhante carreira, tocou em orquestras sinfônicas, convivendo com grandes nomes da música brasileira. Excursionou pela América do Sul e Europa. Gravou na Columbia, Continental, Philips — EMB.

³⁷⁰ Gaita Professional Harmonica, marca Honner, série Larry Addler, com chave (ou registro) de sustenido e bemol.

³⁷¹ O programa *A Tenda do Adib* funcionou no salão de festas do Sindicato dos Comerciantes.

³⁷² Nome artístico de Antônio Fiorotto, músico, cantor, que nasceu em Ibirá, em 28.11.1930. Integrou a Tropical Brazilian Band, Os Modernistas, Renato Perez e Sua Orquestra, RGE de São Paulo, Pedrinho de Guararapes, Orquestra Marajoara e orquestras da Tupi e Record. É conhecido como Nico.



Santos e Seu Conjunto de Gaitas – Geraldo, Valter, Alencar, Zé Dito, Antônio e José Luiz



foto acn

José Luiz dos Santos, médico ortopedista – Brasília, mar/2000

da propaganda: Padaria Vitória, cujo proprietário era I. Cherubino. Rua Bernardino de Campos, 2389 – fone 2607. Os dizeres: “Uma Lembrança de Santos e Seu Conjunto, artistas da PRB-8, Rádio Rio Preto”.

Vamos à formação do conjunto quando começou a se apresentar no programa do Zacarias. Os irmãos Antônio e José Luiz dos Santos (gaitas diversas) eram funcionários do DER. José Luiz era também estudante. Geraldo Palmieri (violão) era vidraceiro. Havia ainda os irmãos Valter (violão) e Alencar (pandeiro), que era pedreiro. Zé Dito (gaita) era mecânico. Posteriormente, saíram Valter e Alencar, agregando-se ao conjunto Jesus Garcia (pandeiro), Miro (cavaquinho), Clidenor (zabumba) e José Carlos Hernandez (reco-reco), este último, funcionário do Bradesco.

“Eventualmente, contávamos com a presença de Manoel dos Santos, outro irmão meu, que tocava gaita também”, explica José Luiz, enquanto aponta para o violão da foto, que era do Osvaldo Marques, seresteiro e cantor de renome em Rio Preto, que se apresentava no Araújo Neto.

José Luiz relembra que Manoel era técnico em eletrônica. “Certa vez recebemos um convite, quase intimação, para animarmos um baile de casamento, numa fazenda da região”, conta. “Deparamos com um sério problema: tocar ao ar livre. As gaitas, com reduzida intensidade de som, não teriam o efeito esperado. Manoel trouxe a solução. Da noite para o dia, desenvolveu um amplificador a partir do meu rádio de pilha. Fiquei sem o rádio, mas a minha gaita recebeu um microfone especial e um inédito amplificador portátil.”

A audiência alcançada fez com que começassem a se apresentar todo domingo de manhã com Zacarias, por vários anos seguidos. “Foi aí que o Silveira Coelho nos levou também para o seu programa, de música sertaneja, com aqueles saborosos recadinhos de fulano pra sicrano e beltrano.”

O conjunto foi se consolidando. O ano era 1960. “Tocávamos muito no Asilo São Vicente de Paula, da Maceno, atrás do Cristo Redentor e também na Casa de Santo Antônio, na Fritz Jacob, perto da Santa Casa. E em outras festas beneficentes. Começávamos a ser requisitados com regularidade para comícios políticos, festas juninas e outras festas bem populares. Passamos a acompanhar César Muanis nas turnês pela região.”

Santos e Seu Conjunto tocou muito na Rádio Difusora de Mirassol. A rivalidade Rio Preto/Mirassol estava em alta, principalmente na Festa de São Pedro, onde sempre surgiam brigas. “A rapaziada de Rio Preto ia para Mirassol, de olho nas garotas. A confusão era inevitável.”

Façamos um parêntese para dizer algo da Difusora de Mirassol. A Exposição alusiva aos 148 anos de Rio Preto, no Condephact, me despertava real interesse. Nilce Lodi, na semana que antecedia a data do padroeiro da cidade, 19 de março de 2000, estava sendo muito solicitada por alunos, professores, jornalistas, à cata de informações sobre a cidade. “Ari, até podermos nos falar, vá dando uma olhada nas fotos que colocamos na exposição. Anote as que lhe interessam.” Enquanto eu relacionava as fotos – da Estação da EFA dos anos 20-30; a vista aérea dos anos 40; a Bernardino de 1925 e 1929; as mudanças ocorridas na esquina da Voluntários com a Siqueira no decorrer das décadas – uma pessoa puxa conversa.